



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

PABRÍCIA ABADIA PEREIRA FÉLIX

**A LINGUAGEM DA REPRESENTAÇÃO:
UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DO LIVRO “*QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO
DE UMA FAVELADA*”**

CATALÃO/ GO
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E
DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCAT), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCAT é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Tese

2. Nome completo do autor

PABRÍCIA ABADIA PEREIRA FÉLIX

3. Título do trabalho

A LINGUAGEM DA REPRESENTAÇÃO: UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DO LIVRO
"QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA"

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento: [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa.

Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **FABIOLA APARECIDA SARTIN DUTRA PARREIRA ALMEIDA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2024, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pabrcia Abadia Pereira Félix, Usuário Externo**, em 28/02/2024, às 22:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0040950** e o código CRC **4984460E**.

PABRÍCIA ABADIA PEREIRA FÉLIX

**A LINGUAGEM DA REPRESENTAÇÃO:
UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DO LIVRO “*QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO
DE UMA FAVELADA*”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Unidade acadêmica de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguagem. Linha de pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura. Orientadora: Professora Doutora Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida.

CATALÃO/ GO

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Félix, Patrícia Abadia Pereira

A linguagem da representação : um estudo sistêmico-funcional do livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada" / Patrícia Abadia Pereira Félix. - 2024.
219, f.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de Estudos da Linguagem, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2024.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras.

1. LSF. 2. Transitividade. 3. Pobreza. 4. Carolina Maria de Jesus. I. Almeida, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira, orient. II. Título.

CDU 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: -- https://www.ufcat.edu.br

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 13/2024 da sessão de Defesa de Tese de Doutorado, que confere o título de Doutora em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Aos vinte e um dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro, a partir das quatorze horas, via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **A LINGUAGEM DA REPRESENTAÇÃO: UM ESTUDO SISTÊMICO-FUNCIONAL DO LIVRO "QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA"**, de autoria da doutoranda **Pabrcia Abadia Pereira Félix**, matrícula 2019101287. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, **Professora Doutora Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida (PPGEL/UFCA)** e com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. João Batista Cardoso (PPGEL/UFCA)**, membro titular interno; **Prof. Dr. Alexander Meirelles da Silva (PPGEL/UFCA)**, membro titular interno; **Profa. Dra. Solange Maria de Barros (PPGEL/UFMT)**, membro titular externo; **Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza (PPGL/UFPE)**, membro titular externo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido a candidata (X) Aprovada () Reprovada por seus membros. Proclamados os resultados pela Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e um dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA:



Documento assinado eletronicamente por **FABIOLA APARECIDA SARTIN DUTRA PARREIRA ALMEIDA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2024, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **ALEXANDER MEIRELES DA SILVA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2024, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **MEDIANEIRA SOUZA registrado(a) civilmente como MARIA MEDIANEIRA SOUZA, Usuário Externo**, em 22/02/2024, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Ata de Defesa de Tese 13/2024 (0034751)

SEI 23852.000510/2024-37 / pg. 1



Documento assinado eletronicamente por **JOAO BATISTA CARDOSO, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/02/2024, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **SOLANGE MARIA DE BARROS, Usuário Externo**, em 23/02/2024, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0034751** e o código CRC **8D879105**.

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade”.

Carolina Maria de Jesus

Dedicatória

Este trabalho é dedicado com profundo apreço a quatro pessoas fundamentais que desempenharam um papel crucial na minha formação como pessoa e no desenvolvimento do meu caráter:

À minha querida mãe, Sulema Pereira Félix (*in memoriam*).

Ao meu saudoso tio, Divano Pereira Félix (*in memoriam*).

À minha amada vó, Maria Félix Coutinho (*in memoriam*),

E à minha tia, Maria Pereira Félix.

Agradecimentos

Início meus agradecimentos expressando profunda gratidão a Deus, minha fortaleza, meu amparo e refúgio. Sem Ele, reconheço que eu não teria alcançado todo o progresso nesta jornada.

À minha mãe, Sulema Pereira Félix (*in memoriam*), pelo constante incentivo aos estudos e pela incansável busca por uma vida melhor. Mãe, espero ter honrado sua memória com os meus esforços dedicados.

Ao meu tio, Divano Pereira Félix (*in memoriam*), cujo papel crucial em minha vida proporcionou valiosos ensinamentos, que serão guardados eternamente em meu coração.

À minha avó, Maria Félix Coutinho (*in memoriam*), por ser um inspirador exemplo de vida, resiliência, esperança e fé.

À minha querida tia, Maria Pereira Félix, pelo apoio constante, incentivo incansável e por todo o carinho dedicado a mim durante toda a vida.

Agradeço à minha amiga Gabriella Camargo por compartilhar uma amizade tão sincera ao longo desses anos. Sua presença trouxe leveza aos momentos desafiadores.

À Ingride Gomes pela valiosa troca de experiências no meio acadêmico, reestabelecendo uma colaboração mútua enriquecedora, que fortaleceu nossa jornada de aprendizado e crescimento.

Ao Lucas Eduardo pelas valiosas considerações e pela significativa troca de experiências ao longo desse percurso acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), manifesto profunda gratidão pelo apoio financeiro concedido ao longo dos anos de estudo.

Aos colegas do (GEPLAEL), expresso minha gratidão pelo companheirismo, colaboração e troca de experiências.

À minha estimada orientadora, Prof.^a Dr.^a Fabíola Sartin, expresso meu reconhecimento pelos anos de orientação, apoio e compreensão. Sua dedicação foi vital para o meu crescimento intelectual e para o êxito neste doutoramento.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), manifesto minha sincera gratidão e apreço a cada um.

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar os recursos léxico-gramaticais empregados na obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada", de autoria de Carolina Maria de Jesus, com o intuito de compreender as representações de pobreza delineadas no texto. De maneira mais específica, busca-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a pobreza é retratada por meio do sistema de transitividade? Para tanto, adotou-se o arcabouço teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, conforme preconizado por Halliday (1978, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014). A metodologia adotada consistiu em realizar uma leitura minuciosa da obra, seguida pela identificação e seleção dos trechos que evidenciavam relações semânticas com a pobreza, tanto física quanto emocional. Posteriormente, esses trechos foram categorizados com base no sistema de transitividade. Por meio de uma análise qualitativa detalhada, os significados foram interpretados, proporcionando uma compreensão mais profunda das representações presentes na obra. Os resultados obtidos revelaram a predominância dos processos materiais e dos processos relacionais ao longo do texto, elucidando a maneira pela qual esses elementos contribuem para a construção das representações de pobreza. Ao desvelar os significados subjacentes aos recursos léxico-gramaticais empregados pela autora, conduz-se a uma compreensão não apenas da superfície textual, mas também das complexas camadas de significado e contexto social que permeiam o livro. No texto, as escolhas linguísticas evidenciam a pobreza física por meio das condições extremamente precárias de vida na favela. O texto evidencia a escassez de recursos básicos, como alimentação, moradia adequada e acesso a serviços de saúde. Apesar dessas dificuldades, o texto revela as estratégias da personagem para sobreviver, contornando assim a pobreza física. Já a pobreza como impacto emocional é demonstrada pela solidão, pela carência de apoio emocional e pela incessante luta pela sobrevivência, tendo um profundo efeito em sua saúde mental e emocional. A escrita é uma das formas de lidar com a pobreza emocional. Portanto, as escolhas linguísticas que foram evidenciadas ao longo das análises utilizando o sistema de transitividade como condutor propicia uma compreensão mais detalhada do texto literário, já que se considera, também, os aspectos contextuais que o texto foi produzido.

Palavras-chave: LSF; Transitividade; Pobreza; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

The general aim of this research is to investigate the lexical-grammatical resources used in the novel "Quarto de despejo: diário de uma favelada", written by Carolina Maria de Jesus, in order to understand the representations of poverty outlined in the text. More specifically, the aim is to answer the following research question: how is poverty portrayed through the transitivity system? To this end, the theoretical framework of Systemic-Functional Linguistics was adopted, as advocated by Halliday (1978, 1994) and Halliday and Matthiessen (2004, 2014). The methodology adopted consisted of a thorough reading of the work, followed by the identification and selection of passages that showed semantic relationships with poverty, both physical and emotional. These passages were then categorized based on the transitivity system. Through a detailed qualitative analysis, the meanings were interpreted, providing a deeper understanding of the representations present in the work. The results obtained revealed the predominance of material processes and relational processes throughout the text, elucidating the way in which these elements contribute to the construction of representations of poverty. Unveiling the underlying meanings of the lexical-grammatical resources employed by the author leads to an understanding not only from the textual surface, but also from the complex layers of meaning and social context that permeate the book. In the text, the linguistic choices highlight physical poverty through the extremely precarious living conditions in the favela. The text highlights the lack of basic resources, such as food, adequate housing and access to health services. Despite these difficulties, the text reveals the character's strategies for survival, thus circumventing physical poverty. Poverty as an emotional impact is demonstrated by loneliness, the lack of emotional support and the incessant struggle for survival, having a profound effect on her mental and emotional health. Writing is one of the ways of dealing with emotional poverty. Therefore, the linguistic choices that have been highlighted throughout the analysis using the transitivity system as a driver provide a more detailed understanding of the literary text, since the contextual aspects in which the text was produced are also taken into account.

Keywords: LSF; Transitivity; Poverty; Carolina Maria de Jesus.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- LSF-** Linguística Sistêmico-funcional
- GSF** – Gramática Sistêmico-Funcional
- Circunst.** – Circunstância
- Proc.-** processo (parte central da oração)
- Proc. mat.** processo material
- Proc. ment.** – processo mental
- Proc. rel.-** processo relacional
- Proc. verb.** – processo verbal
- Proc. comp.-** processo comportamental
- Proc. exist.** – processo existencial
- IBGE-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PNADs-** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As metafunções da linguagem e suas características	63
Quadro 2 - Componentes da oração	66
Quadro 3 - Os tipos de oração e significados de categoria	69
Quadro 4 - Os tipos de circunstâncias	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 2 - Distribuição da população segundo as linhas de pobreza (%)	41
Figura 3 - Variáveis do Contexto de Situação	57
Figura 4 - Estratos da linguagem	60
Figura 5 - Inter-relação entre os estratos da linguagem na metafunção ideacional	61
Figura 6 - Tipos de processos.....	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I: DA CATAÇÃO DE PAPÉIS À IMORTALIDADE DAS PALAVRAS: A MARCANTE JORNADA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E A RELAÇÃO COM A POBREZA NO BRASIL.....	22
1 .1 Carolina Maria de Jesus: vida e obra.....	22
1.2 Sobre o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”	26
1.3 Literatura de Testemunho: uma forma de expressão autêntica.....	31
2.Pobreza: uma realidade cruel e persistente no Brasil.....	36
2.1 A complexidade da pobreza no contexto brasileiro.....	37
2.1.1 Fatores geradores da pobreza.....	38
2.1.2 Parâmetros de mensuração da pobreza.....	42
CAPÍTULO II: LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	45
i) Funcionalismo linguístico.....	45
ii) Conceitos básicos da Linguística Sistêmico-Funcional.....	48
iii) Contexto de cultura e contexto de situação.....	55
3.1 Os estratos.....	59
3.2 As metafunções da linguagem.....	62
3.3 Transitividade: constituintes da oração	
3.3.1 Processos materiais.....	70
3.3.3 Processos verbais.....	72
3.3.4 Processos comportamentais.....	73
3.3.5 Processos relacionais.....	74
3.3.6 Processos existenciais.....	74
3.3.7 Os tipos de circunstâncias.....	75
CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	78

4.1 Abordagem Metodológica: Pesquisa Qualitativa.....	78
4.2 Caracterização da pesquisa.....	79
4.3 Seleção do <i>corpus</i>	79
4.4 Critérios de seleção dos dados.....	80
4.5 Procedimentos de análise.....	81
4.6 A organização dos dados em Macrocategorias.....	81
CAPÍTULO IV:	
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
i) Adaptações no percurso da pesquisa.....	209
ii) Desafios e descobertas que a pesquisa proporcionou.....	210
iii) Futuras possibilidades de pesquisa com a obra.....	212
REFERÊNCIAS	215

INTRODUÇÃO

A obra intitulada “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, escrita por Carolina Maria de Jesus e publicada em 1960, figura entre as obras literárias mais notáveis do Brasil. As páginas do livro trazem à tona de forma vívida o cotidiano de uma mulher negra e favelada, que desempenha o árduo trabalho de coletar papel nas ruas, além de ser mãe de três filhos e ter pouca escolaridade. Apesar de todas as dificuldades, ela se dedica diariamente à escrita, com um objetivo claro: um dia compartilhar com o mundo uma obra que revela a dura realidade vivida nas favelas.

A escrita de Carolina manifesta as incertezas, obstáculos e adversidades intrínsecas ao ambiente marginal que vivenciava. Os relatos evidenciam a luta incessante pela sobrevivência, enfrentando diariamente as preocupantes carências alimentares e a indigência que assolavam a autora. O diário também revela as consequências do processo de modernização ocorrido nos anos 1950 na favela do Canindé, que afetou diretamente a vida daqueles que nela residiam.

Em sua obra, Carolina expõe críticas sociais que abarcam diferentes aspectos, tais como: preconceito, desigualdade, conflitos na favela e crítica à atuação política. Um tema recorrente no livro é a pobreza. Ao longo do texto, a autora aborda episódios da vida na favela, que evidenciam os desafios enfrentados e as estratégias empregadas para lidar com os problemas que surgiam. Ao contrário de outras obras literárias, a escrita de Carolina adota uma linguagem simples e coloquial, apresentando suas experiências de maneira ímpar e singular.

Considerando a relevância da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, esta tese de doutorado, situada na área de Linguística Sistêmico-Funcional, foca nas análises das representações de “pobreza” presentes no livro de Carolina Maria de Jesus.

Além disso, este estudo está inserido na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), desenvolvida por Michael Halliday (1994; 1985; 1976; 1973). Essa abordagem vê a língua como resultado do contexto sociocultural e foca no estudo da linguagem em uso. A GSF se preocupa em explorar a estrutura da língua para diferentes contextos. Uma premissa básica dessa abordagem é que o uso da língua é motivado por relações sociais e que as escolhas linguísticas dos falantes não são aleatórias, mas condicionadas pelo contexto.

Portanto, uma escolha específica pode ser influenciada ou determinada pelo seu contexto e também pode influenciar ou determinar outras escolhas linguísticas ao seu redor.

Este estudo tem como objetivo geral investigar os recursos léxico-gramaticais empregados na obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada", de forma a compreender como são construídas as representações da pobreza no texto.

Os objetivos específicos desta pesquisa visam: 1) Identificar e analisar o tipo de representação de pobreza que prevalece no livro de Carolina; 2) Identificar e contextualizar os elementos léxico-gramaticais, que contribuem para a construção das representações de pobreza. 3) Interpretar as representações de pobreza e suas complexidades presentes na obra.

Considerando os estudos que se concentram na representação da linguagem, de acordo com os princípios estabelecidos por Halliday, esta pesquisa tem como objetivo responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como a pobreza é representada pelo sistema de transitividade?

1) Como os elementos linguísticos são utilizados na obra "Quarto de despejo" são utilizados para representar a pobreza e as estratégias adotadas para superar as adversidades?

2) Qual é o significado das representações de pobreza e como elas se relacionam com a história de vida de Carolina Maria de Jesus?

3) Que mensagem o texto de Carolina Maria de Jesus transmite ao leitor ao utilizar as representações de pobreza.

No âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), em particular no que se refere aos estudos de representação, esta pesquisa apresenta contribuições para a análise a partir da perspectiva analítica do sistema de transitividade em texto literário.

A pobreza tem sido historicamente uma realidade vivenciada por um considerável número de cidadãos brasileiros, sendo que a falta de recursos alimentares e a desigualdade social estão intimamente ligadas aos alarmantes índices de miséria que assolam o país.

Nesse contexto, dados recentes apontam que a situação de extrema pobreza no Brasil afeta inúmeras famílias, cujos indivíduos não conseguem manter um padrão de vida que lhes permitam ter acesso aos recursos mínimos necessários para desfrutar de

condições de vida dignas. Dentre os indicadores de vulnerabilidade social associados à pobreza, destacam-se a escassez completa ou parcial de alimentos, a carência de serviços básicos de saneamento, como água potável e esgoto, a precariedade habitacional e a falta de acesso à educação.

A partir de escolhas linguísticas precisas, Carolina Maria de Jesus consegue transmitir a escassez de recursos financeiros, de alimentos e até mesmo de bens básicos para a sobrevivência, como a água. Essas escolhas, habilmente mobilizadas pela escritora, conferem uma contundente representação da realidade vivida por ela e por tantos outros indivíduos que se encontram em condições semelhantes.

Dessa forma, por meio de uma linguagem objetiva e realista, Carolina Maria de Jesus consegue transportar para os cenários desoladores da favela, despertando para a dura realidade da pobreza, principal pano de fundo de sua notável obra literária.

Como estudiosos da linguagem, nosso olhar está pautado na investigação das escolhas linguísticas que a escritora realiza para produzir os significados do texto. Portanto, este estudo interessa pelas escolhas léxico-gramaticais articuladas por Carolina Maria de Jesus para construir representações sobre a pobreza, realidade que a escritora vivia cotidianamente.

Ao focalizar no sistema de transitividade como condutor das análises, pretende-se colaborar com os estudos investigativos da língua em uso em um contexto real de interação, nesse caso, a língua em uso no contexto real, a favela do Canindé, em São Paulo.

Assim, este trabalho justifica-se pela sua relevância social, uma vez que a investigação da linguagem pela perspectiva da LSF, especificamente o sistema de transitividade, é capaz de revelar como o indivíduo experiencia o mundo que o cerca. Esta pesquisa pode contribuir para a disseminação de estudos que utilizem *corpus* literário analisados pelo viés linguístico.

Sabe-se que a linguagem pode ser investigada em diversos níveis, a depender do interesse de cada estudioso, muitos estudos já foram realizados com as obras de Carolina Maria de Jesus no Brasil. Destaca-se aqui, algumas pesquisas já realizadas nas obras da literata. Buscou-se, no geral, verificar em que aspecto esta pesquisa trará de contribuições

para a área da linguagem e da LSF, ocupando lacunas que ainda precisam ser preenchidas.

Para o levantamento dos estudos sobre os textos de Carolina Maria de Jesus, foram realizados alguns procedimentos para identificar as pesquisas já realizadas acerca da escritora. A saber: 1) Entramos na página BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). 2) Na ferramenta de “busca”, inserimos o nome da escritora Carolina Maria de Jesus e marcamos a opção “todos os campos”. Filtramos a pesquisa para os últimos dez anos (de 2012 a 2022). 3) Listamos os principais estudos que a plataforma apresenta sobre a escritora.

1. SIRINO, Tallyssa Izabella Machado Sirino. **Canetas roubadas de Carolinas que r.existem**. 2019. 128 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2019.
2. MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro. **Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector: representações do feminino na literatura brasileira contemporânea**. 2017. 137 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
3. SÁ, Janaína da Silva. **Rotas e fuga - A saga de Carolina Maria de Jesus em uma perspectiva rizomática**. 2017, p. 171. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programas de Pós-Graduação em Letras, RS 2017.
4. PAIN, Luciane de Lima. **Ancestralidade e memória nas escrevências de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo: o elo entre o passado e o presente nas narrativas**. 2023, Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS.
5. PENTEADO, Gilmar J. **Ética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho, Valor Literário, em Quarto de despejo (diário de uma favelada)**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, RS, 2018.

As pesquisas em torno da obra de Carolina Maria de Jesus abrangem uma diversidade temática e estilística que ressalta a relevância significativa dessa escritora na literatura brasileira contemporânea. Os estudos, como as teses de Sirino e Macena, empreendem análises literárias aprofundadas, com foco no estilo narrativo de Carolina Maria de Jesus e suas representações do feminino.

Paralelamente, a pesquisa SA investiga a trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus, destacando aspectos relacionados à fuga e à busca por rotas alternativas. A abordagem de Pain, por sua vez, concentra-se na exploração da ancestralidade e memória nas obras de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo, proporcionando uma análise comparativa e enriquecedora.

A tese de Penteado destaca-se ao propor uma análise inovadora, abordando a ética da vida, autenticidade, ponto de vista interno e testemunho nas obras de Carolina Maria de Jesus. Essa abordagem contribui substancialmente para a compreensão mais ampla desses elementos literários, pois adiciona uma dimensão ética significativa à análise da produção literária da autora.

Dessa forma, essas pesquisas oferecem uma visão abrangente que vai além da análise convencional da literatura, ressaltando aspectos específicos da vida e da linguagem de Carolina Maria de Jesus, de modo a revelar a riqueza temática e estilística em sua obra e ressaltando sua relevância no contexto literário brasileiro.

As investigações no âmbito das Letras, especialmente no tocante à Carolina Maria de Jesus, têm predominantemente se orientado para a análise de aspectos literários. Este trabalho, no entanto, propõe uma abordagem singular, concentrando-se de maneira específica no teor linguístico do livro "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus.

Ao contrário de pesquisas anteriores, que se dedicaram principalmente à análise estilística e temática, esta pesquisa visa preencher uma lacuna ao direcionar sua atenção para detalhes linguísticos específicos presentes na referida obra, utilizando como estrutura analítica o sistema de transitividade da LSF.

Essa abordagem, enraizada na literatura de Carolina Maria de Jesus, não apenas propõe uma incursão inovadora no âmbito linguístico, mas também evidencia uma interdisciplinaridade valiosa. Almeja, assim, expandir o escopo de compreensão, não

apenas da dimensão literária, mas também da expressão linguística única que permeia a mencionada obra.

O percurso metodológico desta pesquisa consiste nos seguintes procedimentos: primeiramente, realizou-se uma leitura do livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada", com o objetivo de conhecer o texto de Carolina de forma geral. Em seguida, procedeu-se a uma segunda leitura com foco nas temáticas apresentadas no texto. Observou-se que, ao longo de toda a obra, as dificuldades enfrentadas por Carolina são predominantemente relacionadas à "pobreza".

Considerando o tema em foco, procedeu-se à subsequente etapa de identificação de trechos que estiverem associadas ao campo semântico de pobreza. Em seguida, foi realizada a seleção desses termos para a composição das análises. Posteriormente, categorizou-se os excertos de acordo com o sistema de transitividade e, por fim, a interpretação dos dados.

A tese está estruturada em quatro capítulos distintos. No primeiro capítulo, intitulado 'Da Catação de Papéis à Imortalidade da Palavra', aborda-se a marcante jornada de Carolina Maria de Jesus e sua relação com a pobreza no Brasil. Este capítulo explora a escrita de Carolina, sua vida e obra, assim como o tema do quarto despejo, que é o foco de seu livro. Além disso, examina-se a literatura de testemunho como a forma pela qual a escrita de Carolina é manifestada ao longo de sua obra. Dentro deste capítulo, há seções dedicadas à análise da pobreza. Optou-se por abordar a complexidade da pobreza no contexto brasileiro, incluindo os fatores geradores da pobreza e os parâmetros de mensuração utilizados. Este capítulo tem por objetivo fornecer um arcabouço geral que demonstra a relação entre a obra de Carolina e a questão da pobreza."

No segundo capítulo, intitulado "Linguística Sistêmico Funcional", são apresentados os fundamentos teóricos que orientam esta pesquisa. São discutidas as principais características da Linguística Sistêmica Funcional, com foco especial no sistema de transitividade, que serve como base para as análises realizadas ao longo da tese.

No terceiro capítulo, intitulado "Metodologia", são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para conduzir a pesquisa. Este capítulo delineia a abordagem metodológica, que se caracteriza como qualitativa, a descrição da pesquisa, a seleção do

corpus, os critérios utilizados para a escolha dos dados, os métodos de análise e a organização dos dados. Aqui, são detalhados os passos seguidos ao longo do processo de pesquisa, proporcionando uma compreensão abrangente das estratégias empregadas.

No capítulo 4, intitulado "Apresentação e Análise dos Dados", são detalhadas as análises realizadas ao longo da pesquisa. Os trechos relevantes foram cuidadosamente classificados e interpretados, com o propósito de proporcionar uma compreensão aprofundada do conteúdo do livro.

Por fim, as "Considerações Finais" retomam as questões abordadas na pesquisa, incluindo o objetivo geral, os objetivos específicos, as adaptações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, os desafios enfrentados e as descobertas alcançadas. Além disso, são discutidas as futuras possibilidades de pesquisa com a obra. Por último, são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas ao longo do estudo.

CAPÍTULO I

DA CATAÇÃO DE PAPÉIS À IMORTALIDADE DAS PALAVRAS: A MARCANTE JORNADA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E A RELAÇÃO COM A POBREZA NO BRASIL

"Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado". (JESUS, p. 36)

Este capítulo aborda a trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus. Primeiramente, discorre-se sobre as origens da escritora, em seguida é abordada a sua notável produção literária, bem como os aspectos que marcam de forma particular a escrita da literata.

1.1 Carolina Maria de Jesus: vida e obra

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Para garantir o sustento da família, sua mãe trabalhava como lavadeira. Durante esse período, uma cliente chamada Maria Leite Monteiro de Barros se interessou em oferecer educação à jovem. Assim, Carolina ingressou no colégio Allan Kardec, onde

concluiu apenas as duas primeiras séries. Apesar de ter uma educação formal limitada, a escritora desenvolveu um enorme apreço pela leitura.¹

O avô de Carolina, tendo atravessado a dura realidade da escravidão, representava para ela não apenas um símbolo de sabedoria, mas também um elo essencial com a ancestralidade. Sua disposição em compartilhar detalhes e narrativas de sua jornada de vida não apenas satisfazia a curiosidade da neta, mas também constituía uma forma de transmitir valores, tradições e experiências, fortalecendo assim os laços afetivos entre ambos. Esses relatos nutriam o desejo por conhecimento de Carolina e também inspiravam uma apreciação mais profunda pela luta e pela resiliência de seus antepassados.

Por volta de 1930, Carolina chegou a Franca, interior de São Paulo, junto com sua mãe, em busca de oportunidades de trabalho. Durante anos, trabalhou como empregada doméstica em diversas residências de famílias.

No período anterior à sua inserção no meio literário, em 1948, Carolina Maria de Jesus engravidou de seu primeiro filho, resultado de um breve relacionamento com um marinheiro português, que a deixou logo após. Nessa mesma conjuntura, enfrentou a dispensa do seu emprego, agravando ainda mais sua situação.

Diante da ausência de alternativas viáveis, a jovem nascida em Minas Gerais deslocou-se para a favela do Canindé², situada às margens do rio Tietê. Desprovida de oportunidades de emprego formal, iniciou a atividade de coleta de materiais recicláveis no lixo da região, recolhendo papéis para posterior venda, com o intuito de prover o sustento familiar. Posteriormente, ergueu seu próprio barraco a partir de sobras de madeira provenientes da construção de uma igreja e retalhos de lona reutilizados, executando essa tarefa sem qualquer auxílio externo. Carolina encontrava-se completamente entregue à sua própria sorte após o falecimento de sua mãe.

Nesse período, já era mãe de dois filhos, João José e José Carlos, oriundos de diferentes pais, ambos ausentes em suas vidas. Além disso, aguardava o nascimento de

¹ Referência do livro "Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus" (1994), elaborado pelos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, explora a vida pública e privada da autora.

² Uma das primeiras ocupações informais e precárias da cidade de São Paulo, estabelecida às margens do rio Tietê, com sua formação registrada por volta da década de 1940.

seu terceiro filho, Vera Eunice, fruto de um relacionamento com um empresário de sucesso, que também a abandonou.

Na vida na favela, Carolina enfrentou solidão e dificuldades, dedicando-se à coleta de materiais recicláveis e mantendo o hábito de escrever. Enquanto garimpava entre os resíduos, alimentava sua aspiração de um dia redigir um livro, concretizando esse desejo ao iniciar um caderno em que descrevia seu cotidiano, tanto dentro quanto fora da favela, utilizando cadernos antigos encontrados no lixo. Com lápis desgastados, suas palavras transpuseram adversidades como o cansaço, a fome e o isolamento, registrando os momentos mais marcantes dessa jornada.

Ao longo de vários anos, Carolina documentou diariamente suas experiências, com um testemunho vívido da vida na favela e da luta constante pela sobrevivência, transformando sua narrativa em um relato autêntico das adversidades e da resiliência enfrentadas naquele contexto.

A rotina de Carolina Maria de Jesus era monótona, caracterizada pela busca incessante por papéis e detritos para vender, visando suprir as necessidades básicas de sua família. No entanto, nem todo o material coletado era imediatamente comercializado para atender às demandas domésticas. O fascínio da autora pela leitura a impedia de vender prontamente os livros e jornais encontrados, pois ela nutria um sentimento de pena ao considerar a possibilidade de se desfazer desses objetos valiosos, mesmo que fosse necessário trocá-los para atender às carências domésticas.

Naquela época, a favela do Canindé estava em processo de desenvolvimento nas margens do rio Tietê, não possuía saneamento básico, rede de abastecimento de água e sistema de esgoto, e as moradias eram improvisadas. No entanto, para as pessoas de baixa renda que chegavam à cidade grande, aquele local representava a principal opção de moradia. Assim como qualquer outra favela, Canindé era caracterizada pela sujeira, tristeza e turbulência. Carolina, igualmente a todas as pessoas que viviam na favela, teve uma vida difícil. Viver na favela implica um desafio diário, pois a ausência do básico torna todas as situações extremamente complicadas.

A falta de recursos financeiros impossibilitava que ela e seus três filhos tivessem comida. A escritora, determinada a revelar ao mundo a realidade sombria da favela, aprendeu a enxergar além dos barracos lamacentos e escuros da rua. Ela tinha seu

próprio mundo, às vezes com sol e nuvens coloridas, como descreve em seu texto. A literata não se esqueceu do mundo sujo ao seu redor e do sofrimento de seus irmãos de origem humilde. À vista disso, ao escrever sobre sua vida, também menciona a dura realidade do morador de favela.

Carolina passou por uma vida extremamente difícil, como mencionado anteriormente, teve que construir sua moradia com restos de madeira. Mãe de três filhos – João José, José Carlos e Vera Eunice –, de diferentes relacionamentos nos quais os pais não assumiram a responsabilidade de criá-los, a escritora foi a única pessoa que sustentava a família, através da coleta e venda de papel reciclável.

Sua rotina consistia em percorrer as ruas em busca de materiais recicláveis, especialmente papel, para vender e garantir seu sustento. Foi nesse contexto turbulento que a autora encontrou uma forma de registrar suas experiências cotidianas, escrevendo um diário comovente.

A expressão literária não apenas reflete os cenários culturais e sociais, mas também se destaca como uma das formas mais profundas de compreender o mundo e transmitir valores. Como destacado por Todorov (2009, p. 11), a literatura não surge de maneira isolada, mas está enraizada em diversos discursos ativos da sociedade. Escrever, nesse sentido, implica em uma metamorfose pessoal. Assim, a literatura emerge da necessidade intrínseca de compreensão, reflexão, assimilação e comunicação dos elementos excessivamente humanos. Tanto a prática de escrever quanto a de ler literatura são processos de transformação, que permitem uma expansão essencial da experiência humana por meio de universos de significados construídos de forma literária.

Além de "Quarto de Despejo", Carolina Maria de Jesus escreveu outros livros e obras menores, como "Casa de Alvenaria" (1961), "Pedacos da Fome" (1963), "Provérbios" (1963) e "Diário de Bitita" (1982), este último é um relato ficcionalizado da infância de Carolina. Entretanto, sua obra mais conhecida e impactante é "Quarto de Despejo", que se tornou um marco na literatura brasileira por retratar de maneira vívida e autêntica a vida nas favelas e por abordar questões sociais relevantes. Embora tenha escrito outras obras, é essa publicação que a colocou em destaque e a imortalizou no cenário literário nacional e internacional.

Conforme discutido por Moura (1988) e Costa Pinto (1998), na trajetória histórica do país, permeada por um cenário de exclusão acentuada aos mais pobres, é raro ver escritores que expressem a realidade da pobreza extrema. Esse contexto expõe de forma clara o processo doloroso de marginalização social, sobretudo quando relacionado aos negros e às camadas socialmente marginalizadas. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a escrita de uma autora como Carolina Maria de Jesus desafia o padrão convencional de representação dos marginalizados, pois é o próprio marginalizado que assume a narrativa. Nesse movimento, ressalta-se a singularidade, a imponência e a potência dessa expressão que emerge de recursos limitados, da habilidade de perceber os acontecimentos cotidianos, da luta pela sobrevivência e da beleza poética que floresce nessa condição de degradação.

De acordo com Deleuze e Guattari (1995), a definição de um lugar está intrinsecamente ligada à sua capacidade de desterritorialização, momento em que o território ocupado pelo sujeito em busca de algo se transforma em um processo de reterritorialização. Esse novo território expandido revela novas interpretações e significados atribuídos aos elementos do mundo. Carolina, por sua vez, foi uma desterritorializadora que desbravou caminhos para as fronteiras que separavam os desfavorecidos dos detentores do aparato cultural instituído fossem repensadas.

1.2 Sobre o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”

Carolina Maria de Jesus vivenciava a extrema miséria na cidade de São Paulo no final dos anos 50. Devido ao cansaço resultante da luta contra a pobreza e a fome, decidiu escrever um diário que narrasse sua existência na favela. Sua tendência introspectiva, especialmente presente no ambiente favelado, favorecia a prática solitária da escrita. Durante a noite, após um dia exaustivo, enquanto seus filhos descansavam em um abrigo úmido e desprotegido, a autora dedicava-se à escrita em seu diário.

A literata via no seu diário uma forma de escapar da dura realidade. Por meio da escrita, ela encontrava uma maneira de registrar as suas experiências de vida. Ao todo, a autora preencheu 35 cadernos e algumas folhas com suas vivências, as quais foram anexadas a brochuras reaproveitadas.

A obra "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada", apresenta uma visão perspicaz e sincera do cotidiano nas favelas de São Paulo durante o período de 1955 a 1960. A estrutura do livro, elaborada como um diário pessoal, proporciona aos leitores uma imersão direta na realidade enfrentada por Carolina e sua comunidade. O diário não se limita a relatar os eventos cotidianos, vai além ao descrever com minúcia a luta incansável de Carolina para suprir as necessidades básicas, como a busca por alimentos para seus filhos e os embates com a vizinhança, proporcionando um retrato vívido da dura realidade das favelas, muitas vezes negligenciada pela sociedade.

A linguagem franca e objetiva de Carolina reflete a falta de oportunidades educacionais que enfrentou. No entanto, essa simplicidade linguística não diminui a potência de suas palavras, ao contrário, adiciona autenticidade e impacto à narrativa, revelando a verdadeira essência de suas experiências.

Para além das descrições pessoais, o diário de Carolina proporciona uma reflexão social profunda ao abordar questões de desigualdade, racismo estrutural e a negligência do Estado em relação às favelas. Além disso, Carolina expõe a difícil situação das mulheres nesses ambientes, enfrentando o machismo arraigado e a violência doméstica.

O caráter histórico da obra é inegável, visto que oferece uma visão detalhada e autêntica da vida cotidiana nas favelas paulistas naquele período. É um testemunho crucial das condições sociais enfrentadas por uma parcela significativa da população brasileira na época.

Apesar da contundência dos desafios retratados, o diário também ressalta sua resiliência e esperança em meio à adversidade. Seus relatos, permeados pela busca incessante por um futuro melhor, demonstram a força e a determinação de uma mulher frente às adversidades. Assim, "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada" transcende a mera narrativa pessoal, tornando-se uma poderosa fonte de reflexão sobre as questões sociais, a resiliência humana e a busca por dignidade em meio à precariedade.

Ademais, o livro "Quarto de Despejo" retrata as experiências vividas por uma moradora da favela do Canindé, as quais são narradas de forma detalhada e emocionante. Carolina, a protagonista, é uma mulher simples, negra, em situação financeira desfavorável, além de ser poeta e amante da literatura. A obra reflete o contexto social, político e econômico do país naquela época. Infelizmente, a autora também

enfrenta o preconceito linguístico. As repetições de palavras e os desvios ortográficos presentes no livro demonstram o afastamento de Carolina em relação à norma culta, mas tais ocorrências são compreensíveis devido à sua baixa escolaridade.

Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus, em seu livro "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada", utiliza uma linguagem carregada de desvios ortográficos³. Essa característica linguística não deve ser vista como um erro, mas como uma forma de representação autêntica de sua realidade. De acordo com o teórico Mikhail Bakhtin (2009), a linguagem é social, e cada grupo social possui suas particularidades linguísticas, incluindo variações ortográficas

Os desvios ortográficos de Carolina Maria de Jesus podem ser compreendidos a partir do conceito de heterogeneidade linguística proposto por Bakhtin. Segundo o autor, a língua é um fenômeno heterogêneo, possuindo diversas formas de expressão, dependendo do contexto e das interações sociais. Dessa forma, a escrita de Carolina Maria de Jesus é uma forma de representar a variedade linguística presente nas favelas e periferias, dando voz às pessoas marginalizadas.

Além disso, os desvios ortográficos também podem ser entendidos como uma forma de resistência linguística e cultural. Carolina Maria de Jesus, ao escrever de forma não padrão, subverte as normas impostas pela sociedade, que muitas vezes desvalorizam a cultura e a linguagem das comunidades periféricas. Essa postura desafia os padrões linguísticos estabelecidos e reafirma a identidade desses grupos. É importante ressaltar que a escrita de Carolina Maria de Jesus não deve ser analisada apenas do ponto de vista ortográfico, mas como um todo, considerando seu contexto social, político e literário, uma vez que sua linguagem autêntica, repleta de desvios ortográficos, é uma forma de traduzir sua vivência e trazer à tona a realidade das comunidades marginalizadas.

Ao analisar a literatura que emerge das margens, é imprescindível considerar como esse tipo de produção é geralmente recebido por figuras elitistas e pela crítica literária, que têm o poder de validar e manter a cultura das classes dominantes. Em resumo, é importante avaliar até que ponto a origem dessas obras, criadas por membros das

³ Neste estudo, a escrita autêntica da autora foi preservada integralmente.

camadas subalternas, afeta sua apreciação pelas instituições que legitimam a arte no cenário literário.

Sobre isso, Carlos Vogt (1983), em seu ensaio sobre “Quarto de Despejo”, propôs uma ideia inovadora ao distinguir a autora da narradora e da personagem principal da obra. O autor argumentou que o diário de Carolina Maria de Jesus apresenta um “mecanismo intrínseco de afastamento”, criando uma dualidade complementar e antagônica da realidade retratada. Enquanto a pessoa Carolina compartilha a mesma realidade de pobreza e fome dos demais moradores da favela do Canindé, a escritora Carolina consegue transcender a rotina sufocante e a luta pela sobrevivência por meio da escrita, de modo a evidenciar uma nova forma de experimentação social. Segundo Vogt, a escrita oferecia esperança de uma vida livre da miséria para Carolina.

A distinção feita por Vogt entre a autora Carolina, que vive na favela, mãe solteira e trabalha como catadora de papel, e a escritora Carolina, é apenas uma previsão da distinção mais profunda entre autora e narradora e a personagem Carolina. Essas esferas, intraliterária e extraliterária, estão regidas por leis diferentes. No que diz respeito à narradora Carolina, que é um elemento discursivo, o mundo social concreto é inevitavelmente reduzido ao literário – cortes, supressões e montagens de fatos – seguindo modelos românticos que precisam lidar com as relações internas entre a narradora, as outras personagens e os cenários apresentados na narrativa. Portanto, a visão de mundo da autora Carolina pode ou não permanecer intacta na “fala” da narradora Carolina, estabelecendo uma relação dialética entre o discurso e a realidade, que o estudioso deve levar em consideração.

O diário transformado em livro, intitulado “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, retrata a dura realidade vivida pela autora e seus três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice, como citado anteriormente, durante o tempo em que habitaram a extinta favela do Canindé, em São Paulo. A fome, que é um fator constante, é evidenciada em trechos como: “[...] Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pus os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar.” (Jesus, 1960, p. 26).

Além de retratar o cotidiano sofrido da família, as anotações de Carolina Maria de Jesus também expõem a lamentável rotina dos moradores da favela sob sua perspectiva. Discussões, embriaguez, fofocas, repressões policiais, confusões e insultos são características comuns da exclusão e da pobreza em que viviam. As personagens surgem a cada página, à medida que se apresentam na experiência da autora.

A sobrevivência para Jesus e sua família era difícil e incerta. Cada dia era uma batalha para acordar cedo, cuidar dos filhos, buscar água, preparar comida e procurar materiais recicláveis para vender. Mesmo com essa rotina aparentemente previsível, os vizinhos, políticos interesseiros e as ações de caridade promovidas pelas igrejas sempre interferiam. A contabilidade minuciosa do dinheiro ganho e gasto refletia a constante escassez e a necessidade de economizar cada centavo para garantir a subsistência diária. O amanhã era sempre incerto e a luta pela sobrevivência era constante.

Além da escassez de alimentos, mencionada repetidamente em seu diário, outra situação frequente são os tumultos e as atitudes imorais dos vizinhos. Carolina Maria de Jesus expõe a violência contra as mulheres e a falta de respeito com as crianças, algo que a perturba profundamente.

A partir do diário, é perceptível a extrema precariedade enfrentada por aqueles que têm apenas a favela como lar. Não é à toa que Carolina a chama de "quarto de despejo", pois os moradores se sentem abandonados, sem acesso à infraestrutura básica que lhes proporcione um mínimo de dignidade. Esgoto a céu aberto, falta de água encanada, instabilidade no fornecimento de energia elétrica, ruas estreitas e lamacentas e casas construídas com materiais descartados são características dessa realidade. Eles dependem da caridade, pois não há políticos que se preocupem com a situação dos moradores de favelas.

Diante de todas as adversidades enfrentadas, a escrita surge como uma necessidade premente, uma força interior inerente à Carolina Maria de Jesus. Seu diário contém diversas passagens metalinguísticas que revelam seu desejo de escrever e se tornar uma escritora. Através da leitura e da escrita, a autora experimenta uma realidade distinta, inacessível de outra forma, como se ao escrever ou ler, ela pudesse expurgar seu sofrimento.

O livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus, apresenta uma visão íntima e coletiva ao mesmo tempo. O espaço que ela agora compartilha com seus três filhos está longe de ser confortável ou sofisticado. No entanto, a simplicidade da estrutura é considerada um luxo para alguém que antes vivia entre detritos. Apesar de criticar os vizinhos que bebem, brigam e fofocam, Carolina demonstra sensibilidade ao se preocupar com o próximo e se identificar como parte de uma classe esquecida pelo governo, marginalizada pela sociedade e explorada pelo capitalismo.

A vida de Carolina sofreu uma transformação radical à medida que seus escritos, que retratam o angustiante cotidiano da pobreza nas favelas, foram impressos em um livro que se espalhou pelo mundo, sendo lido, debatido e admirado em treze idiomas diferentes. Esse livro poderoso e original gerou muita controvérsia, saindo da rotina de edições modestas de dois ou três mil exemplares no Brasil. Em poucos meses, a partir de agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições alcançaram, juntas, a marca de 100 mil exemplares. Jornais, revistas, rádio e televisão abriram espaço para o livro e para a história de sua autora, tanto no Brasil quanto no mundo todo.

1.3 Literatura de Testemunho: Uma forma de expressão autêntica

No decorrer do século XX, apesar dos notáveis avanços tecnológicos e crescimento econômico, foi um período marcado por eventos traumáticos cruciais na história da humanidade. Durante esse tempo, a literatura começou a abrigar narrativas derivadas dos relatos das vítimas desses acontecimentos monumentais. Isso impulsionou o surgimento do conceito de "literatura de testemunho" nos estudos literários, instigando debates e reflexões sobre o tema. O filósofo italiano Giorgio Agamben, em suas reflexões, sustenta a ideia de que o ato de "testemunhar" evidencia a incapacidade da testemunha em descrever o indescritível.

À vista disso, o testemunho carrega consigo uma narrativa distante, fora do alcance de seu campo de expressão. Nesse sentido, a testemunha assume uma função residual, concedendo voz àqueles incapazes de falar: “As 'verdadeiras testemunhas', as 'testemunhas integrais' são aquelas que não testemunharam, nem poderiam fazê-lo” (Agamben, 2008, p. 43). A literatura de testemunho é uma expressão de extrema potência que viabiliza a denúncia e a concessão de voz às dolorosas realidades experimentadas

por indivíduos e comunidades. Esse tipo de expressão literária engloba obras fundamentadas em experiências reais, em que os autores partilham relatos de suas próprias vidas ou das vivências de outros indivíduos que enfrentaram situações de opressão, violência, genocídio, guerra, tortura e outros eventos traumáticos.

Ao contrário de uma simples narrativa factual, a literatura de testemunho almeja transmitir a experiência humana vivenciada por aqueles que testemunharam ou sofreram tais acontecimentos. Ao longo da história, essa forma literária tem evoluído e se adaptado às necessidades e aos contextos distintos. Nesse contexto, a literatura de testemunho é caracterizada por atributos fundamentais que são frequentemente identificados. Inicialmente, ela se fundamenta em eventos reais, com os autores atuando como testemunhas diretas ou possuindo uma ligação intrínseca com os relatos apresentados. Além disso, a autenticidade representa um pilar essencial dessa modalidade literária, visando retratar a complexidade das experiências pessoais dos personagens envolvidos.

Essa literatura abarca uma ampla variedade de gêneros, tais como memórias, romances, diários e cartas. A escolha do formato narrativo é determinada pela intenção do autor em retratar vividamente a realidade experimentada e em transmitir a mensagem de maneira impactante.

Uma das contribuições primordiais desse tipo de literatura reside em seu potencial transformador e em seu impacto social. Ao proporcionar voz às vítimas e aos sobreviventes de eventos traumáticos, essas obras têm o poder de despertar consciências e promover mudanças, além de auxiliar na quebra do silêncio e do esquecimento.

A literatura de testemunho emergiu em decorrência dos horrendos eventos do genocídio judaico, conhecido como Shoah, que transcorreu nos campos de concentração e extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Essa forma literária consiste em relatos testemunhais elaborados por sobreviventes que experimentaram situações de extrema violência física e psicológica. Na literatura de testemunho, os autores/sobreviventes empenham-se em comunicar e denunciar todo o sofrimento e atrocidade que vivenciaram e presenciaram, com enfoque particular na questão do trauma psicológico.

Primo Levi⁴ e Tito de Alencar⁵ são dois exemplos de autores significativos no âmbito da literatura de testemunho. Primo Levi era um jovem químico judeu, que foi aprisionado em Auschwitz, um campo de extermínio nazista, em 1944. Por sua vez, Tito de Alencar era um jovem religioso dominicano, que sofreu cruéis torturas enquanto esteve detido na penitenciária Tiradentes, em São Paulo, durante o período da ditadura militar no Brasil. Apesar de terem vivido em períodos e contextos distintos, ambos foram diretamente influenciados pelos traumas que experimentaram e afirmaram-se como autores por meio de suas obras literárias.

A narrativa testemunhal é completamente diferente da narrativa ficcional, pois a literatura de testemunho está focada no relato de eventos reais, sem ser fruto da imaginação ou fantasia do autor. O testemunho não é uma obra de ficção.

De acordo com Seligmann-Silva (2008), a literatura de testemunho desvenda uma nova dimensão da literatura ao lidar com acontecimentos que ultrapassam a representação, a simbolização e o sentido. Essa literatura trata de eventos que desafiam qualquer forma de representação, o que cria um paradoxo para o autor do testemunho, que precisa contar o que é impossível de ser contado. É por causa desse paradoxo que a literatura de testemunho realça uma face da literatura que se concentra na narrativa direta.

Os estudos acerca do testemunho na literatura têm se expandido de forma notável, e isso se deve, em grande parte, ao movimento multiculturalista. A princípio, literatura e testemunho parecem ser antagônicos, mas essa é uma questão central no debate. As reflexões sobre a "literatura de testemunho" suscitam indagações acerca de gênero, valor e conhecimento, que, mais uma vez, desafiam as fronteiras entre estética e ética, verdade e ficção, realidade e representação. Desse modo, para compreender o debate sobre testemunho na literatura, é imprescindível recorrer não somente aos estudos literários, mas também a outras áreas do saber, tais como: filosofia, psicanálise, sociologia, história, dentre outras.

⁴ Primo Levi, nascido em Turim no dia 31 de julho de 1919 e falecido na mesma cidade em 11 de abril de 1987, foi um químico e escritor da Itália. Ele produziu relatos pessoais, narrativas breves, versos e narrativas ficcionais

⁵ Frei Tito de Alencar Lima, um frade católico brasileiro, tornou-se alvo da perseguição da ditadura militar.

A ideia central do testemunho tem origem na chamada "literatura do Holocausto", representada pelos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, como as narrativas de Primo Levi e a poesia de Paul Celan. Essa noção se expande para incluir também o uso em relação ao passado, como em genocídios e massacres contra índios e negros, ou em relação a misérias e opressões, desigualdades econômicas, preconceitos étnicos e sexuais do cotidiano em todo o mundo.

Nesse contexto, o autor, Jaime Ginzburg, afirma que estudar o testemunho significa permitir que os excluídos falem e definam seus próprios modos de fazê-lo. Isso pode ser uma dupla dificuldade para o leitor que está acostumado com a tradição e o cânone, pois é preciso conhecer o excluído e reconhecer sua fala.

Essa literatura tem o hábito de utilizar formas narrativas únicas, empregando uma linguagem minuciosa e literal, como uma maneira de criar um espaço para o indescritível através da escrita. O autor tenta descrever com detalhes tudo o que foi vivenciado, porém sente que está apenas tocando a superfície do que experimentou com as palavras. Essa literalidade é consequência da impossibilidade de representação, tornando-se a forma de expressão da memória traumática. É a partir dela que a narrativa surge, como uma lembrança de sensações não representadas. Assim, os relatos testemunhais impactam o leitor com a violência própria do trauma.

Antes de aprofundar na literatura de testemunho, é imprescindível que se compreenda o significado desse termo. Seligmann-Silva (2008) descreve a literatura de testemunho como uma corrente literária que surge em momentos de tragédia, de forma a provocar uma revisão crítica da história e questionar a noção de "realidade". Segundo o autor, o discurso testemunhal é caracterizado pela sua literalidade e fragmentação e está em constante tensão entre a oralidade e a escrita, desempenhando o papel de protetor da história. O autor argumenta que a ideia de literatura como testemunho é de extrema importância para dar voz àqueles que antes eram silenciados.

Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 57) esclarece que testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode ajudar

a não o repetir infinitamente, e sim a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

A testemunha é um indivíduo que presencia um evento, vivencia uma experiência única e singular, registrando-a através do testemunho. Esse relato representa a voz do sobrevivente, alguém que enfrentou e superou adversidades. Além disso, há outras formas de testemunho, como o *testis*, que é o terceiro observador que presenciou os eventos. Também são relevantes os testemunhos de terceiros e solidários, todos contribuem para compor a narrativa dos acontecimentos.

Dentre as características da literatura de testemunho, Salgueiro (2012, p. 242) enumera: o relato em primeira pessoa; o compromisso com a sinceridade do relato; o desejo de justiça; a vontade de resistência; a contestação da supremacia do valor estético sobre o valor ético; a representação de um evento coletivo; a presença do trauma; os sentimentos de rancor, ressentimento e vergonha diante das humilhações e da desumanização sofrida; o vínculo estreito com a história como elemento fundamental; o sentimento de culpa por ter sobrevivido; e a impossibilidade total de reconstituir completamente o vivido e sofrido, tema recorrente nos testemunhos.

Nessa perspectiva, a literatura de testemunho é profundamente entrelaçada com contextos de grande trauma. O relato, por meio da escrita, experiências traumáticas vividas, traz à tona não apenas a dor intensa do momento, mas também ressalta questões cruciais que demandam reflexão e atenção.

No entanto, essa narrativa do sofrimento não é estática. Enquanto o autor testemunhal busca transmitir essas vivências, há um constante confronto com o esquecimento, isso porque, reviver e recontar a dor passada pode, paradoxalmente, gerar uma certa resistência ao esquecimento, mas também pode se tornar um ciclo doloroso de lembranças que perpetua o próprio sofrimento. Assim, a escrita testemunhal não apenas documenta o trauma, como também carrega consigo a tensão entre a necessidade de recordar para evitar que os eventos sejam esquecidos e o desejo de superar a dor que persiste na memória.

A literatura de testemunho tem um papel vital na promoção da justiça social ao resgatar uma memória coletiva que clama pela não repetição de atrocidades passadas. Discutir sobre essa literatura é, essencialmente, discutir a relevância da história,

especialmente em momentos em que a democracia enfrenta desafios, incentivando a resistência e a luta.

De acordo com Seligmann-Silva (2008), o sobrevivente enfrenta um sentimento paradoxal de culpa por ter sobrevivido. Viver em uma situação na qual todos deveriam ter sucumbido cria uma base negativa para sua existência. A indizibilidade do testemunho se intensifica com essa realidade. O negacionismo é igualmente danoso, pois reflete a sensação comum de irrealidade do evento excepcional. O apagamento das evidências das atrocidades corresponde à ideia que se forma posteriormente: "Isso não aconteceu". A resistência em encarar a realidade parece encontrar respaldo no negacionismo. Esse sentimento permeia o sobrevivente, torturando-o e fragmentando sua percepção da realidade.

2. Pobreza: uma realidade cruel e persistente no Brasil

A pobreza é um dilema intrincado que há décadas desafia o Brasil, permeando suas diferentes regiões e estratos sociais. Definida pela escassez financeira e pela privação de acesso a serviços básicos e oportunidades essenciais, a pobreza se tornou um obstáculo persistente ao desenvolvimento pleno e equitativo do país.

Ao longo de sua história, o Brasil testemunhou transformações sociais, econômicas e políticas significativas. No entanto, a erradicação completa da pobreza permanece uma meta desafiadora, visto que fatores estruturais e desigualdades persistentes continuam a alimentar e perpetuar esse fenômeno.

Neste capítulo, explora-se minuciosamente a complexidade da pobreza no contexto brasileiro. Não se restringe apenas aos números e às estatísticas, visto que serão as raízes históricas, estruturais e sistêmicas que moldam essa realidade. Busca-se compreender as causas profundas, as consequências multifacetadas e os desafios contemporâneos relacionados à pobreza no país.

Além disso, são examinadas as políticas públicas implementadas ao longo do tempo, avaliando seu impacto na mitigação da pobreza e delineando possíveis caminhos para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Este estudo contribui para

identificar os pontos críticos e apontar diretrizes e recomendações para efetivamente abordar essa questão premente.

O objetivo primordial deste capítulo é fornecer uma análise abrangente e reflexiva, fundamentada em dados, estudos e experiências, para contribuir de maneira substancial na compreensão e a busca por soluções eficazes no enfrentamento da pobreza no Brasil.

A definição desses conceitos é fundamental nos estudos sobre a pobreza, pois permite uma compreensão mais clara e analítica do objeto de estudo. Ao entender a complexidade desse fenômeno, suas diferentes concepções e abordagens, torna-se possível criar políticas públicas eficazes para solucionar o problema.

2.1 A complexidade da pobreza no contexto brasileiro

A definição da pobreza é algo extremamente complexo, pode ser feita levando em consideração valores subjetivos, em termos relativos ou absolutos, pode ser estudada apenas do ponto de vista econômico ou incorporando aspectos não econômicos à análise, sem levar em conta a estrutura sócio-política da sociedade, o que não será abordado neste texto.

O fenômeno atualmente em pauta é reconhecido como uma problemática multifacetada, que diz respeito a cenários nos quais as exigências básicas humanas não são adequadamente atendidas e nos quais diversos elementos se entrelaçam. No entanto, de acordo com as observações de Castel (1998), a inquietação em torno de "o que deve ser feito" ou "como lidar" com os indivíduos economicamente desfavorecidos não é uma questão recente, uma vez que consiste em um dilema social antigo que se intensificou com o avanço do capitalismo em sociedades pré-industriais da Europa Ocidental.

A definição da pobreza é considerada um valor subjetivo quando se trata da visão abstrata e pessoal do indivíduo sobre o que seria um nível satisfatório de suprir suas necessidades ou o que seria um nível aceitável de privação. O indivíduo expressa sentimentos e opiniões baseados em normas sobre os padrões contemporâneos da sociedade em relação à pobreza, isso não leva em conta uma situação social concreta, objetivamente identificável, caracterizada pela falta de recursos.

De acordo com Amartya Sen (1999), a pobreza pode ser descrita como uma carência das habilidades fundamentais de um indivíduo, não apenas como uma renda abaixo de um determinado limite pré-estabelecido. Por "habilidades", entende-se as diferentes combinações de realizações possíveis. Portanto, a habilidade é uma forma de liberdade: a liberdade real de realizar diferentes combinações de realizações ou a liberdade de ter estilos de vida diversos.

Ao longo do século XX, a problemática da pobreza se tornou uma questão central na agenda mundial. Diversas abordagens e conceitos foram elaborados com o intuito de compreender e enfrentar esse fenômeno social tão complexo. Neste capítulo, explora-se algumas dessas abordagens e conceitos, analisando sua evolução ao longo do tempo e os impactos que tiveram na sociedade.

No decorrer do século passado, o entendimento sobre a pobreza foi ampliado e aprofundado, levando a uma compreensão mais abrangente dos fatores que a causam e das possíveis soluções. A partir disso, surgiram diferentes abordagens que buscaram combater a pobreza através de políticas públicas, programas de inclusão social e ações de desenvolvimento econômico. Além disso, novos conceitos e indicadores foram criados para melhor mensurar e analisar a pobreza, permitindo uma visão mais clara e precisa do problema.

Atualmente, o fenômeno é encarado como uma questão intrincada que abarca múltiplas facetas. Trata-se de situações em que as carências das pessoas não são devidamente supridas e diferentes elementos estão entrelaçados. No entanto, como ressaltado por Castel (1998), a preocupação em lidar com os menos favorecidos não é um dilema contemporâneo, visto que é uma questão ancestral que se agravou com o advento do capitalismo nas sociedades pré-industriais da Europa Ocidental. O problema surgiu devido à ameaça que a falta de encaixe na estrutura social do trabalho representa para a estabilidade da sociedade como um todo. Portanto, as discussões sobre essa temática sempre foram permeadas por assuntos como desemprego, integração social, fragilidade das redes de apoio ou isolamento social.

2.1.1 Fatores geradores da pobreza

A pobreza é uma problemática social persistentemente presente no Brasil, a qual afeta milhões de pessoas e desafia o desenvolvimento socioeconômico do país. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, mais de 52 milhões de brasileiros viviam em situação de pobreza, o que representa cerca de 25% da população.

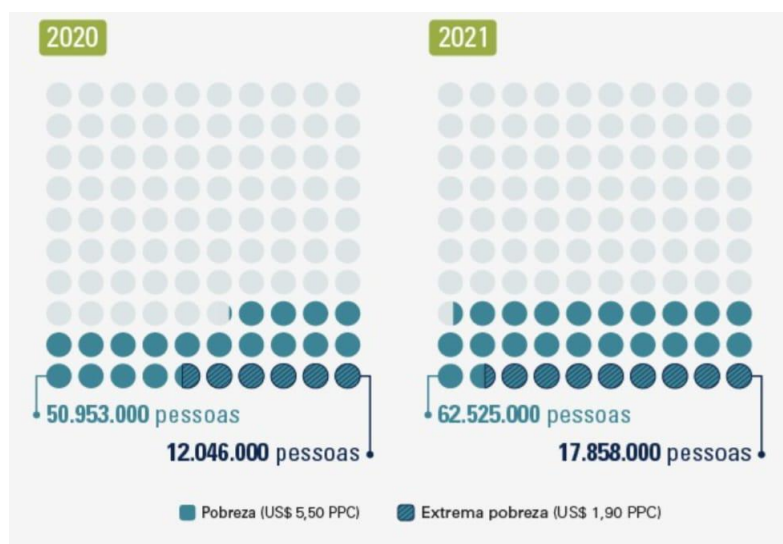
As causas da pobreza no Brasil são multifatoriais e complexas. Diversos estudos e especialistas apontam para uma combinação de fatores estruturais, como a desigualdade de renda, a falta de acesso à educação de qualidade, a inadequação das políticas públicas, o desemprego e a informalidade no mercado de trabalho.

Nesse contexto, a concentração de renda é um dos principais aspectos responsáveis pela persistência da pobreza no país. O economista Piketty, em seu livro "O Capital no Século XXI", destaca que o Brasil é um dos países com maior desigualdade de renda do mundo. Essa desigualdade é agravada quando a segregação social e espacial ocorre, restringindo o acesso a oportunidades e serviços básicos para a população mais vulnerável.

Outro fator que contribui para o aumento da pobreza é a falta de investimentos em educação. O acesso à educação de qualidade é essencial para o desenvolvimento econômico e social de um país. No entanto, muitos brasileiros não têm acesso a um ensino de qualidade, o que perpetua um ciclo de desigualdade e dificulta a superação da pobreza.

Nos últimos, teve um aumento no índice de pessoas que vivem em situação de pobreza e extrema pobreza. Na figura a seguir, pode-se observar o significativo número de pessoas nessas situações no Brasil.

Figura 1 - Proporção de pessoas em pobreza e extrema pobreza (%)



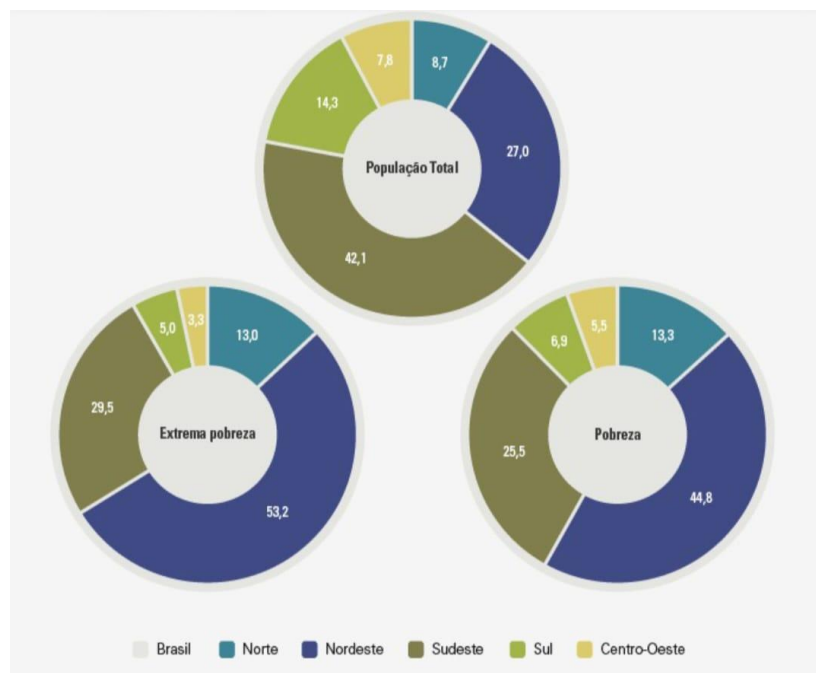
Fonte: Página do site Agência do IBGE Notícias.

De acordo com os dados do IBGE, em 2021, a taxa de crianças com menos de 14 anos vivendo abaixo da linha da pobreza atingiu 46,2%, o que representa um notável incremento em relação a 2020, quando foi registrado o patamar mais baixo, de 38,6%. Essa variação aponta para dinâmicas socioeconômicas complexas.

Além disso, é relevante observar as disparidades entre grupos étnicos, em que a proporção de pretos e pardos em situação de pobreza foi quase o dobro da proporção de brancos. A faixa etária também revela desigualdades, com uma taxa de pobreza três vezes maior entre jovens de 15 a 29 anos em comparação com idosos.

A análise regional destaca significativas discrepâncias com o Nordeste e o Norte apresentando as maiores proporções de pessoas em situação de pobreza, enquanto o Sul registrou a menor taxa.

Figura 2 - Distribuição da população segundo as linhas de pobreza (%)



Fonte: Página do site Agência do IBGE Notícias

Ao longo das décadas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem conduzido as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs), desempenhando um papel crucial na documentação da evolução da pobreza e da miséria no Brasil. Essas investigações anuais, realizadas nos lares brasileiros, viabilizam a elaboração de diversos indicadores sociais que retratam a transformação na distribuição dos padrões de vida e na aquisição de renda em território brasileiro.

É fundamental enfatizar que a pobreza, como fenômeno social, admite múltiplas interpretações históricas. Conforme argumentado por Crespo e Gurovitz (2002), no século XX, a pobreza pode ser analisada sob três óticas distintas: a necessidade de assegurar a sobrevivência, a satisfação das necessidades básicas e as privações relacionadas ao modo de subsistência. Conseqüentemente, é possível afirmar que os indivíduos cujas vidas estão inextricavelmente ligadas a essas condições são considerados desfavorecidos, dependendo do mínimo para uma subsistência digna, os quais podem ser classificados como extremamente carentes e vivem em um estado de completa penúria.

De acordo com Abranches (1987, p. 16), a condição de pobreza implica em gastar todas as energias disponíveis exclusivamente na luta contra a morte, sem possuir capacidade para se preocupar com algo além da sobrevivência física e material mais elementar.

É inegável que uma definição única e completa da pobreza é inexistente, mas pode ser compreendida como um conjunto de circunstâncias de vida que se conformam às normas sociais predominantes em cada período histórico. Nesse sentido, a análise conceitual da pobreza absoluta requer uma compreensão aprofundada do contexto social e político, visto que esses fatores estão intrinsecamente ligados às condições de vida das pessoas em uma sociedade específica. Tal abordagem possibilita o estabelecimento de um critério que permite classificar como pobres aqueles que se encontram abaixo do patamar estabelecido pela sociedade.

2.1.2 Parâmetros de mensuração da pobreza

Segundo Soares (2009), não há consenso geral em relação a uma linha oficial de pobreza no Brasil, o que justifica a variedade de estudos sobre o tema com distintos valores atribuídos a essa linha. Dois dos principais estudos que se destacam ao abordar a linha da pobreza com base no custo de cestas básicas familiares são os de Thomas (1983) e Fava (1984). Esses pesquisadores se dedicaram a equilibrar as composições das cestas alimentares de acordo com as necessidades básicas da população nas principais regiões metropolitanas do país.

O conceito de pobreza é extremamente complexo, considerando alguns "Juízos de valor" relativos ou absolutos, só pode ser estudado a partir da perspectiva de aspectos econômicos ou não econômicos são incluídos na análise, combinados de alguma forma.

Quando se trata de visão, a conceituação da pobreza é categorizada como um julgamento de valor subjetivo, abstrato, pessoal quanto ao que deveria ser um grau suficiente de satisfação, necessidade ou o grau de privação geralmente tolerável, expressa uma opinião e prescrição do que um padrão deve ser e é de natureza normativa.

As percepções da pobreza na sociedade contemporânea, não leva em conta a situação social específica, objetivamente identificável, caracterizado pela falta de

recursos. Portanto, esse método não esconde sua fragilidade, embora seja claro que mesmo uma conceituação objetiva da pobreza não evita a existência de quaisquer juízos de valor.

Tratar a pobreza como um conceito relativo é uma abordagem macroeconômica, assim como o conceito de pobreza absoluta. A pobreza relativa está diretamente ligada à desigualdade e à distribuição de renda. No padrão de vida social atual, é definido como as pessoas na base da distribuição de renda são pobres em comparação às pessoas na base da distribuição de renda.

À vista disso, pobreza e desigualdade não são praticamente sinônimas, foco absoluto no conceito de pobreza é observado ao estabelecer padrões de nível. Uma quantidade mínima ou suficiente de necessidade, conhecida como linha ou limiar de pobreza, determina a porcentagem da população abaixo desse nível.

Esse padrão mínimo de vida, muitas vezes se apresenta em diferentes aspectos, como nutrição, habitação ou vestuário, avaliando-os a preços relevantes, calcula-se a receita necessária para pagá-los. Por estabelecer linhas de pobreza, usando diferentes métodos, sejam biológicos, necessidades básicas ou salário mínimo. Uma abordagem biológica para definir a linha da pobreza, exigências dietéticas mínimas de nutrientes, para determinar uma aproximação da renda, gastar dinheiro para atender a esses requisitos, necessidades básicas entendidas como alimentação, habitação, vestuário e serviços básicos: água potável, saneamento, transportes públicos, serviços médicos e escolas.

Desde os primórdios do sistema capitalista, a temática da pobreza tem despertado o interesse tanto de pensadores quanto de líderes políticos, levando-os a se dedicarem à compreensão das necessidades dos desfavorecidos em termos de renda. À medida que o século XIX avançava com a industrialização, a mendicância se espalhava de maneira preocupante entre os trabalhadores urbanos. A pobreza passou a ser o cerne das discussões políticas, sendo objeto das primeiras tentativas de compreender suas causas e mensurar suas proporções. (Mestrum, 2002, p. 34)

Townsend (1993) assegura que o conceito de subsistência se originou do tratamento dado aos necessitados durante as "Leis para os Pobres". Naquela época, as necessidades eram determinadas com base na quantidade de pão, farinha ou valor monetário correspondente. Com base nos estudos dos nutricionistas, essa abordagem

definia como pobre uma família cuja renda não fosse suficiente para adquirir o mínimo necessário para sua subsistência física, mais especificamente, uma família era considerada pobre se sua renda, depois de subtrair o valor do aluguel, estivesse abaixo do patamar de renda determinante da linha da pobreza. Embora fosse permitido incluir despesas com roupas, combustível e outros itens, o valor destinado a essas despesas era muito baixo, fazendo com que a maior parte do padrão de subsistência estivesse voltada para gastos com alimentação

De acordo com Marx (1988, p. 101), a subsistência está diretamente ligada ao modo de produção de uma sociedade, para ele, o capitalismo gera uma contradição fundamental: a exploração da classe trabalhadora pela burguesia, o que resulta em uma distribuição desigual da subsistência. A busca pelo lucro acaba por priorizar o máximo de exploração da força de trabalho em detrimento da garantia das necessidades básicas.

Segundo Asselin (2009), a pobreza é como um muro impede a inclusão social, um muro erguido pela injusta repartição dos bens indispensáveis para uma existência digna. Esses bens indispensáveis são como asas que permitem que indivíduos, famílias e comunidades satisfaçam suas necessidades mais básicas.

Para compreender a posição dos desfavorecidos em uma determinada sociedade, é necessário distinguir entre a pobreza estrutural e a conjuntural. A pobreza estrutural abrange aqueles que nascem e morrem na pobreza, a menos que sejam excepcionalmente talentosos ou tenham sorte. Por outro lado, a pobreza conjuntural ocorre devido a um infortúnio do destino. Ao investigar a história da pobreza, é importante lembrar que em uma sociedade pré-industrial, o risco é endêmico, e existe a possibilidade de ocorrer pobreza conjuntural.

O fator a ser considerado é a distinção entre carência e privação. Qualquer indivíduo pode ser acometido pela privação devido a um infortúnio. Se a carência fosse igualada à privação, os desfavorecidos não seriam um grupo social distinto, mas sim um conjunto de pessoas em um momento passageiro de azar, em que a maioria deve se reerguer ou perecer.

A partir dessas análises, é possível concluir que o conceito de carência evoluiu ao longo do tempo. Inicialmente, focava-se na simplicidade, com a falta de alimentos como o principal enfoque, até chegar à carência contemporânea, que é multifacetada, refletindo

a vida social em todas as suas facetas. A mensuração da carência também acompanha o desenvolvimento do conceito e torna-se ainda mais complexa quando métodos participativos são utilizados, nos quais os próprios indivíduos definem os indicadores de carência.

CAPÍTULO II

LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Este capítulo da tese tem como objetivo principal apresentar os fundamentos teóricos da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), destacando o funcionalismo como corrente central. Inicialmente, serão delineados os princípios gerais que orientam a LSF, proporcionando uma compreensão abrangente da perspectiva teórica adotada. A abordagem se estende para a configuração do sistema funcional, com ênfase em suas partes e componentes essenciais. Posteriormente, a atenção se concentra no sistema de transitividade, explorando suas partes constituintes e os princípios subjacentes. Este capítulo visa, assim, fornecer uma base sólida para o entendimento do funcionalismo e dos elementos fundamentais da Linguística Sistêmica Funcional, com foco na estruturação do sistema de transitividade.

i) Funcionalismo linguístico

Os fenômenos linguísticos do final do século XIX, notadamente abordados de maneira sincrônica e diacrônica por estudiosos como Whitney, von der Gabelentz e Hermann Paul⁶, impuseram a percepção e a orientação epistêmica de que tais fenômenos devem ser analisados a partir de imperativos de natureza psicológica, cognitiva e funcional. O paradigma funcionalista, nessa perspectiva, deve ser percebido como uma forma de ligação com concepções anteriores àquelas apresentadas por Saussure.

⁶ Whitney, von der Gabelentz e Hermann Paul são renomados linguistas, notáveis por suas contribuições em estudos linguísticos, abordando temas como linguística americana, interseção de estudos linguísticos e gramática histórica, respectivamente.

A concepção de um paradigma "novo" já encontrava expressão na Escola de Praga, especialmente notável nas contribuições de Roman Jakobson, cuja expansão do conceito de função da linguagem abrangia os participantes da interação. Contudo, é na tradição antropológica americana que a visão funcionalista adquire proeminência, influenciada pelos trabalhos de Sapir e Whorf. Essa trajetória revela uma disseminação do funcionalismo linguístico, que permeia tanto a Escola de Praga quanto a tradição antropológica americana, e posteriormente consolidando-se em diversas escolas nos Estados Unidos, cada uma contribuindo para a evolução e expansão do funcionalismo.

Na década de 1960, Michael Alexander Kirkwood Halliday apresentou essa perspectiva teórica, na qual a linguagem é concebida como emergindo de um sistema social e cultural. Essa abordagem demanda a interpretação da linguagem no contexto sociocultural em que o processo linguístico ocorre.

Apesar de compreender posições bastante diversificadas no que tange ao estudo da língua, o modelo funcionalista de análise linguística caracteriza-se, de modo geral, por priorizar a função que as formas exercem em dados contextos discursivos e por buscar estabelecer possíveis motivações funcionais para determinadas realizações linguísticas. Comumente, as análises que seguem a linha funcionalista são distinguidas com base no grau em que se considera a influência das funções externas sobre a configuração do sistema linguístico.

Cezario, Costa e Cunha (2015, p. 21) asseveram que:

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas –estruturalismo e gerativismo –primeiro por conceber a linguagem como instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes.

Nessa perspectiva, o funcionalismo linguístico contemporâneo distingue-se das abordagens formalistas, notadamente o estruturalismo e o gerativismo, primordialmente por conceber a linguagem como instrumento intrínseco de interação social. Em segundo plano, seu escopo investigativo transcende a estrutura gramatical e abarca o contexto discursivo como a matriz motivacional para os fenômenos linguísticos. A abordagem

funcionalista empreende uma análise explanatória das regularidades observadas no emprego interativo da língua, mediante uma meticulosa consideração das condições discursivas que circunscrevem referido uso.

Diferente das análises estruturais e gerativistas, o funcionalismo não se restringe à mera desconstrução de regras gramaticais isoladas, mas se orienta pela compreensão das regularidades linguísticas por meio de uma investigação mais abrangente das circunstâncias discursivas. A explicação dessas regularidades é, assim, buscada mediante uma análise acurada do pano de fundo discursivo no qual a linguagem se desenvolve. Destaca-se, nesse sentido, a preeminência do contexto discursivo na elucidação dos fenômenos linguísticos, ressaltando que as estruturas linguísticas são inextricavelmente entrelaçadas com o ambiente social no qual são enunciadas.

Adicionalmente, sublinha-se que os domínios da sintaxe, semântica e pragmática são correlacionados e interdependentes dentro da perspectiva funcionalista. Tal abordagem engloba, portanto, a análise integrada dos aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos, reconhecendo a complexidade e interconexão desses elementos na compreensão holística da linguagem.

Em síntese, o funcionalismo linguístico contemporâneo propugna uma concepção da linguagem como fenômeno intrinsecamente social, cuja análise transcende as fronteiras estritamente gramaticais, abraçando as condições discursivas e inter-relações entre sintaxe, semântica e pragmática.

Segundo Pezatti (2007), o funcionalismo moderno é, de certo modo, um retorno à concepção de linguistas anteriores a Saussure, como Whitney e Hermann Paul, que conceberam a análise linguística a partir dos fenômenos sincrônicos e diacrônicos no final do século XIX, e entendem que a estrutura linguística deve ser explicada em termos de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais. Para esses linguistas, os homens se utilizam das instrumentalidades pressupostas pela linguagem para representarem seus pensamentos com a finalidade principal de torná-los conhecidos de outros homens. Em outras palavras, na concepção desses estudiosos, a expressão na linguagem deve estar a serviço da comunicação.

À vista disso, a vertente funcionalista concebe a língua como instrumento de interação social e, como tal, não a interpreta como um conhecimento autônomo,

independente do comportamento social, mas como um reflexo de um processo de adaptação, estabelecido pelo falante, às diferentes situações comunicativas.

Diferentemente de outras abordagens linguísticas, em que a análise da forma parece desempenhar papel preponderante, os estudos de cunho funcionalista se preocupam menos com as características internas da língua e mais com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, frisando, assim, a importância do contexto na compreensão da natureza das línguas (NEVES, 2001).

A noção de que o contexto de uso motiva as diferentes construções sintáticas é um dos pressupostos centrais do funcionalismo, como ressaltam Furtado da Cunha e Souza (2007). Sendo assim, as regularidades que caracterizam a gramática só podem ser estabelecidas a partir dos papéis e funções das formas linguísticas na situação real de comunicação. Para atingir esse objetivo, os funcionalistas trabalham, fundamentalmente, com textos, escritos ou falados, retirados de contextos sociais específicos.

Dessa forma, o modelo funcionalista prioriza, de modo geral, os contextos que os discursos são produzidos e designa possíveis justificativas para a realização de determinadas escolhas linguísticas. Os estudos analíticos que seguem a linha funcionalista concordam que as intervenções externas influenciam o sistema linguístico diretamente.

ii) Conceitos básicos da Linguística Sistêmico-Funcional

Nos meados dos anos 80, os estudos da LSF⁷ (Linguística Sistêmico-Funcional) ganharam destaque. O linguista britânico Michael Halliday, influenciado pelas pesquisas de J.R Firth, que seguia uma linha de raciocínio sistemática para a linguagem, propôs uma abordagem que considerava o contexto como fundamental na compreensão da linguagem. Ele desenvolveu uma ótica que destacava a importância do contexto na produção do discurso.

⁷ A (LSF), aborda a linguagem como um sistema funcional interativo com o contexto social, enquanto a Gramática Sistêmica Funcional (GSF), parte integrante da LSF, foca na estrutura gramatical. Enquanto a LSF investiga como a linguagem cria significados em vários contextos, destacando sua função social, a GSF analisa especificamente os elementos gramaticais para compreender a estrutura linguística.

Ademais, Halliday concebeu uma gramática que estruturava a linguagem com base em categorias léxico-gramaticais. Além disso, o linguista desenvolveu uma gramática que fosse capaz de estruturar a linguagem de acordo com categorias léxico-gramaticais e, assim, facilitasse a análise e compreensão de textos.

Para Halliday (1994), o texto é um produto resultante das seleções linguísticas que são advindas dos sujeitos que estão imersos em contextos situacionais e culturais que a língua esteja em uso. Halliday e Matthiessen (2004, p. 23, tradução nossa) esclarecem que:

Um texto é o produto da seleção contínua em uma rede muito grande de sistemas - uma rede de sistemas. A teoria sistêmica recebe esse nome pelo fato de que a gramática de uma língua é representada na forma de redes de sistemas, não como um inventário de estruturas. Claro, a estrutura é uma parte essencial da descrição; mas é interpretado como a forma externa assumida por escolhas sistêmicas, não como a característica definidora da linguagem. Uma linguagem é um recurso para criar significado, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolha.

Os autores elucidam que no texto há uma seleção contínua de escolhas, tais escolhas são produto de uma rede de sistemas que estão interligados. Sendo assim, a linguagem é uma forma de criar significados, é por meio das escolhas linguísticas que o texto se solidifica. Halliday (1994) ainda argumenta que, além de um sistema linguístico que é utilizado pelo falante/escritor, existe o uso real da língua e a linguagem integra as potencialidades comunicativas que variam de acordo com o contexto e objetivo da comunicação que se deseja alcançar no momento da interação.

Halliday, ao desenvolver sua gramática sistêmica, aborda a língua como um conjunto de escolhas disponíveis ao falante para modelar seu discurso. Esta abordagem funcional estabelece uma relação intrínseca entre a língua e a atividade social. Ao invés de regras rígidas e absolutas, a descrição e estudo da língua em funcionamento consideram-na como um sistema de comunicação humana, intimamente ligada ao contexto e ao uso em diferentes gêneros textuais.

O linguista britânico ainda enfatiza que se deve levar em consideração quem está se comunicando, para quem está e qual contextura interativa está ocorrendo num determinado momento. Tendo como norteamento estes elementos, é possível extrair as

informações léxico-gramaticais, pois a influência externa age diretamente nas escolhas linguísticas de acordo com a intencionalidade que se deseja atingir.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 19, tradução nossa) esclarecem sobre a perspectiva sistêmica da linguagem:

Uma característica da abordagem que estamos adotando aqui, a da teoria sistêmica, é que ela é abrangente: ela se preocupa com a linguagem em sua totalidade, de modo que tudo o que é dito sobre um aspecto deve ser entendido sempre com referência ao quadro total. Ao mesmo tempo, é claro, o que está sendo dito sobre quaisquer conceitos básicos para o estudo da linguagem, um aspecto também contribui para o quadro total; mas também nesse aspecto é importante reconhecer onde tudo se encaixa. Há muitas razões para adotar essa perspectiva sistêmica; uma é que as linguagens evoluem - não são projetadas e os sistemas evoluídos não podem ser explicados simplesmente como a soma de suas partes.

Em suma, a abordagem sistêmica compreende aspectos que contribuem para a totalidade do entendimento da mensagem que se deseja transmitir. O olhar sobre os aspectos sociais, quem fala e para quem se direciona a informação são fatores que não podem ser descartados, a totalidade de fatores determina os significados. As línguas evoluem, assim como os usos dos falantes também sofrem alterações a longo tempo. Assim, tais mudanças contextuais e sociais são fundamentais para obter uma compreensão de diversos aspectos interativos.

Gouveia (2009, p. 2) assevera:

Em concreto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso. Mas, para além de ser uma teoria de descrição gramatical, razão pela qual adquire muitas vezes a designação mais restrita de Gramática Sistémico-Funcional (GSF), ela fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual.

Gouveia, ao sintetizar os conceitos estabelecidos por Halliday, esclarece que a GSF proporciona a aplicação de uma gramática capaz de ser aplicável em variados tipos de textos, possibilitando compreender o texto, pois as variáveis contextuais são levadas em consideração. Desse modo, a GSF possibilita analisar as potencialidades textuais significativas.

Sobre a gramática, Halliday e Matthiessen (2014, p.21, tradução nossa) elucidam que:

A gramática é a unidade central de processamento da linguagem, a força motriz onde os significados são criados; é natural que os sistemas de som e de escrita por meio dos quais esses significados são expressos reflitam o arranjo estrutural da gramática.

Halliday (1994) elaborou uma obra intitulada *Introduction to Functional Grammar*, nesse livro o linguista apresenta que é capaz de abranger a organização semântica de um texto, desse modo, é possível analisar e descrever como as palavras são dispostas textualmente, mas sem desprezar os aspectos influentes oriundos do contexto que o indivíduo esteja inserido.

A gramática, no viés sistêmico-funcional, é realizada pela léxico-gramática, um sistema composto por orações que segue uma estrutura gramatical e é constituído por itens lexicais. O diferencial reside no uso da linguagem pela LSF, que possibilita ao indivíduo construir experiências nas relações sociais de maneira organizada (Halliday, 1994).

A léxico-gramática é composta por dois sistemas: a fonologia e a grafologia (Fuzer e Cabral, 2014, p. 21). Para compreender cada função gramatical, é necessário se atentar aos fatores externos que influenciaram a produção do texto, já que toda análise linguística pela perspectiva sistêmico-funcional é teoricamente orientada.

Na abordagem investigativa, Halliday e Matthiessen (2014) indicam a necessidade de observar dois aspectos principais do texto. Primeiramente, uma análise contextual, investigando as origens contextuais: quem escreveu o texto? Onde estava? A quem se destina? Em seguida, atentar-se à estrutura linguística, utilizando o aporte teórico metodológico da sistêmico-funcional para compreender o propósito comunicativo.

A LSF dedica-se a analisar elementos gramaticais visando compreender de que forma a língua atua como instrumento de interação. Essa abordagem reconhece que as línguas se desenvolvem para atender às demandas sociais e se organizam para desempenhar funções específicas, interligando linguagem, cultura e significado de maneira sistêmica.

No referencial teórico da GSF, a linguagem deixa de ser uma simples coleção de regras da análise tradicional e passa a ser vista como o local da interação e produtora de significados. Essa abordagem destaca a influência das relações sociais nas escolhas léxico-gramaticais, condicionadas tanto pelo contexto cultural quanto situacional (Eggins, 1994).

A base teórica deste estudo fundamenta-se nos preceitos de Halliday (1985, 1994) e seus seguidores, incluindo Martin (1992), Eggins (1994), Thompson (1996) e Halliday e Matthiessen (2004), com foco particular no sistema de Transitividade.

A abordagem da GSF destaca-se por sua ênfase no significado e na utilidade da linguagem como fenômeno social, não apenas individual. Concentrando-se na análise de textos falados e escritos, conforme delineado por Halliday (1994).

A LSF, como ferramenta interpretativa do significado, pressupõe a visão da linguagem como um ato de escolha, focando nas conexões entre escolhas em detrimento das combinações de palavras. O aspecto crucial não é apenas a seleção feita, mas a escolha feita em contraste com outras alternativas disponíveis (Halliday, 1994).

Conforme Halliday e Hasan (1989), o contexto é determinante na produção de significados. Nesse sentido, deve-se considerar o nível de escolha da gramática como um sistema de escolhas possíveis, por motivos não arbitrários, embora nem sempre de forma consciente, pois o grau de consciência pode variar de escolhas totalmente subconscientes a escolhas totalmente conscientes (Halliday, 1994).

A LSF concebe a linguagem como um sistema semiótico multidimensional, delineando-se nas descrições das línguas com capacidade intrínseca para a construção de significados. Sob essa perspectiva, a linguagem abarca diversas dimensões semióticas, as quais singularizam em relação a outros sistemas análogos e estabelecem intersecções entre si e com a língua em diferentes contextos.

Neves (1994, p. 113) esclarece que:

A gramática funcional considera, afinal, a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. Como a Escola de Praga, a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões lingüísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo lingüístico.

A língua é considerada um instrumento de interação social, considera assim, os conhecimentos prévios que o falante possui, as múltiplas situações contextuais que requer o desempenho do sujeito em diferentes papéis. A gramática funcional proposta por Halliday visa sistematizar as escolhas linguísticas que são realizadas no momento da interação.

Thompson e Thetela (1995, p.105, tradução nossa) asseveram que as escolhas em si estão disponíveis para o discurso falado e escrito, porém a maneira como as escolhas funcionam e, portanto, as razões do falante/escritor para fazer essas escolhas irão variar de acordo com o meio. Dessa forma, o meio que o discurso foi produzido tem um papel fundamental para haja uma compreensão das comunicações, ou seja, uma conversa pode ter sentidos diferentes, pois irá depender das potencialidades que se deseja alcançar no momento que a interação ocorre.

O texto contextualizado é a parte que interessa para Halliday, não apenas a oração isolada. Halliday (1989) esclarece que texto e a unidade semântica são compreendidos da seguinte forma: o texto é responsável por expressar desde uma palavra ou um gesto até mesmo um discurso completo, de modo a estabelecer a comunicação interativa entre os indivíduos. A unidade semântica já tem a ver com os significados que são produzidos durante a interação, seja individual ou com outros indivíduos, existem várias possibilidades de construção de significados e estas vão depender do contexto.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 19) esclarecem que:

Ao mesmo tempo, sempre que usamos a linguagem, sempre há algo mais acontecendo. Enquanto constrói, a linguagem sempre está atuando: atuando nosso pessoal e social relacionamentos com as outras pessoas ao nosso redor. A cláusula da gramática não é apenas uma figura, representando algum processo - algum fazer ou acontecer, dizer ou sentir, ser ou tendo - com seus vários participantes e circunstâncias; também é uma proposição, ou uma proposta, por meio da qual informamos ou questionamos, ordenamos ou fazemos uma oferta, e expressamos nossa avaliação e atitude em relação a quem nos dirige e sobre o que falamos. Este tipo de significado é mais ativo: se a função ideacional a gramática é 'linguagem Conceitos básicos para o estudo da linguagem como reflexão', isso é 'linguagem como ação'

Os autores esclarecem que a GSF tem um foco na estrutura, mas sem desprezar a totalidade contextual. O usuário da língua expressa as suas necessidades de acordo

com as escolhas linguísticas que são realizadas em contextos específicos. Dessa maneira, a linguagem é responsável por expressar os significados da experiência humana.

Na perspectiva de Halliday (1994), a linguagem é compreendida em três metafunções, a saber: 1) metafunção ideacional; 2) metafunção interpessoal e 3) metafunção textual, por meio destas três metafunções, Halliday (1994) afirma que é possível abranger todos os domínios da linguagem em uso na sociedade. Desse modo, a compreensão de um texto, parte primeiramente da interação humana e das várias possibilidades de significados que são possíveis de acordo como os indivíduos utilizam a língua para se comunicar.

Fuzer e Cabral (2014, p. 104) com base em Halliday (1994) esclarecem que: “Na GSF, há dois papéis fundamentais da fala: dar e solicitar. Dar significa ‘convidar a receber’, e solicitar ‘convidar a dar’. Nesse sentido, o falante/escritor realiza algo para si, e também demanda algo ao seu ouvinte/leitor”.

Por fim, a metafunção textual tem a ver com a organização da mensagem dos significados ideacionais e interpessoais. No momento da comunicação, há a necessidade de organizar as informações para que o ouvinte/interlocutor seja capaz de compreender a mensagem que se deseja transmitir.

A base teórica deste estudo fundamenta-se nos preceitos teóricos e metodológicos postulados por Halliday (1985; 1994) e seus seguidores, incluindo Martin (1992), Eggins (1994), Thompson (1996) e Halliday e Matthiessen (2004). Em particular, este trabalho concentra-se no sistema de Transitividade.

A abordagem da Gramática Sistêmico-Funcional destaca-se de outras análises linguísticas, pois sua ênfase está no significado e na utilidade da linguagem como um fenômeno social, não apenas individual. Ela tem como foco a análise de textos falados e escritos, conforme delineado por Halliday (1994).

A compreensão da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) como uma ferramenta para interpretar o significado pressupõe a visão da linguagem como um ato de escolha. Isso implica que o enfoque está nas conexões entre escolhas, ao invés das combinações de palavras. Assim, o aspecto crucial não é somente a seleção feita, mas a escolha feita em contraste com outras alternativas disponíveis (Halliday, 1994).

Ao longo da sua carreira, Halliday foi desenvolvendo estudos e publicando obras que são fundamentais para compreender as potencialidades que a linguagem é capaz de atingir.

Conforme assegura Halliday e Hasan 1989, o contexto é fator determinante na produção dos significados. Nesse contexto, deve considerar o nível de escolha que a gramática é vista como um sistema de escolhas possíveis por motivos não arbitrários, embora nem sempre de forma consciente, pois o grau de consciência pode variar de escolhas totalmente subconscientes a escolhas totalmente conscientes (HALLIDAY, 1994).

iii) Contexto de cultura e contexto de situação

A Linguística Sistêmica Funcional (LSF) direciona-se à análise funcional do texto. Em sua abordagem teórica, a linguagem é concebida como um instrumento para a produção de significados, os quais residem nos padrões sistêmicos de escolha. Nessa perspectiva, a linguagem, enquanto sistema, se manifesta por meio dos textos.

O conceito de texto, segundo Halliday, transcende uma unidade gramatical, em que é definido como "qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 4-5). Os significados são compreendidos ou originados a partir das escolhas de unidades significativas, estruturalmente organizadas e socialmente motivadas, disponíveis no sistema linguístico. Essa concepção ressalta a interação dinâmica entre a linguagem e a construção de significados, centrada na funcionalidade dos textos.

Segundo Halliday (1978), a influência do contexto de produção se faz presente em todo texto. A linguagem, por sua vez, tem como objetivo central criar significados, conferindo sentido à comunicação. Desse modo, qualquer utilização da linguagem é impulsionada por um propósito específico. Diante disso, a visão de Halliday considera todo texto como interativo e singular, visto que diferentes textos são orientados por propósitos comunicativos distintos, intrinsecamente ligados aos contextos de produção, consumo e circulação. Cada um desses contextos está interligado a quem o produz, para quem é destinado e como e onde é disseminado, respectivamente. Dessa maneira,

conforme ressaltado por Fuzer e Cabral (2014, p. 24), "um texto é produto do seu entorno e funciona nele".

Como assegura Gouveia (2009), sob a ótica da (LSF), cada texto se desenrola em dois contextos entrelaçados, sendo um contido dentro do outro. O primeiro nível contextual é delineado pelo contexto de situação, enquanto o segundo é moldado pelo contexto de cultura. Esses dois níveis, na estruturação do sistema, alinham-se aos níveis extralinguísticos, de modo a estabelecer uma relação intrínseca com os níveis linguísticos, nos quais o estrato do contexto se manifesta no estrato do conteúdo. Essa abordagem sugere que, para compreender integralmente um texto, é considerar não apenas o contexto imediato de situação, mas também as influências mais amplas e culturalmente arraigadas que permeiam a comunicação linguística.

Diante da análise linguística, a teoria concebe a linguagem como um sistema semiótico multidimensional, delineando-se nas descrições das línguas com capacidade intrínseca para a construção de significados. Sob essa perspectiva, a linguagem abarca diversas dimensões semióticas, as quais singularizam em relação a outros sistemas análogos e estabelecem intersecções entre si e com a língua em diferentes contextos.

Para Halliday e Hassan (1989), o contexto de cultura pode ser entendido como o contexto no qual a interação ocorre e que fornece o potencial para realização dos significados. O propósito geral da interação nos leva a organizar os textos em etapas na tentativa de atingir os objetivos desejados em nossa cultura. No contexto de cultura estão inseridas variadas manifestações textuais que podem ser investigadas diferentes representações textuais. O estudo do contexto cultural permeia a observação e análise de diferentes gêneros.

Na GSF, um gênero pode ser definido como um evento comunicativo, moldado por etapas e levando à realização de um objetivo social específico, que é incompleto se não for alcançado (Martin, 2000). A teoria sugere que os textos que funcionam de maneira diferente dentro de uma cultura organizados de diversas formas; uma cultura é vista como um sistema de gêneros (Martin, 2000:04).

O contexto de situação engloba o ambiente imediato e específico em que o texto é produzido, o que permite a compreensão do que ocorre fora do texto, assim como o

contexto de cultura. Halliday e Hasan (1985) definem três variáveis que caracterizam o contexto de situação: campo, relação/papel e modo.

O campo representa o cenário institucional no qual um evento de uso da língua ocorre, incluindo o assunto em si, o que está acontecendo e a natureza da ação social. O papel está vinculado aos interlocutores e às relações estabelecidas entre esses participantes, sejam elas permanentes ou temporárias. Isso abrange os papéis desempenhados na interação, a distância social, o poder e os aspectos emocionais envolvidos.

Por fim, o modo refere-se ao tipo de linguagem, meio ou canal pelo qual a comunicação é estabelecida, que podem ser oral ou escrito, mono ou multimodal. Essas três variáveis definem a composição discursiva do texto, assim como as escolhas linguísticas realizadas para sua concretização, como pode-se observar na figura a seguir:

Figura 3 - Variáveis do Contexto de Situação



Fonte: FUZER, CABRAL, 2014, p. 30

Ao analisar "Quarto de Despejo" sob a perspectiva da linguística sistêmica funcional, compreende-se que as escolhas linguísticas de Carolina estão intrinsecamente ligadas ao contexto de situação em que viveu, proporcionando uma representação vívida e autêntica de sua experiência na favela.

Na linguística sistêmica funcional, o "contexto de situação" refere-se ao ambiente comunicativo em que a linguagem é usada. Ao analisar esse contexto em "Quarto de Despejo," pode-se considerar as seguintes perguntas:

- "Para quem se escreve?" Carolina compartilha suas experiências com um público mais amplo, buscando criar uma conexão entre seu mundo e leitores não familiarizados com a realidade das favelas.

- "O que se escreve?" A obra registra as observações diárias, documentando lutas, sofrimentos e momentos de resistência na favela, que serve como narrativa testemunhal para sensibilizar e informar sobre a cultura e as dificuldades enfrentadas por pessoas marginalizadas.

- "Como se escreve?" A escolha direta e coloquial reflete a oralidade da favela, a qual contribui para a autenticidade da narrativa e aproxima o leitor do contexto de situação vivido por Carolina Maria de Jesus.

Portanto, ao analisar o contexto de situação em "Quarto de Despejo", é possível compreender como Carolina Maria de Jesus adapta sua linguagem e mensagem para se comunicar com um público mais amplo, de modo a transmitir as complexidades da vida na favela de forma envolvente e autêntica.

Halliday (1994) elucida que o significado é uma escolha, mais especificamente, o linguista assevera que, a estrutura conceitual da sistêmico se baseia na funcionalidade comunicativa. Conforme esclarecem Halliday e Matthiessen (2004) e Butt (2000), o significado de um texto só pode ser explicado a partir da relação entre o sistema linguístico como um todo, ou seja, para realizar a interpretação do texto, deve haver uma explicação de contexto, situação, cultura e a relação entre texto e relações sistemáticas entre estes elementos.

Ao longo de sua carreira, indagado pela correlação entre linguagem e sua capacidade de realizar sentidos e os contextos nos quais as pessoas os produzem, interpretam e agem verbal e não verbalmente, Halliday publicou diversos livros, desde cedo concretizando o projeto da LSF. Livros como *Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*, com primeira publicação em 1985 e segunda em 1989, juntamente com a professora Ruqaiya Hasan, e o livro *Language as Social Semiotics* (1978), demonstram a possibilidade de uma abordagem sociofuncional

da linguística, através de técnicas que percebem a produção de sentidos em que são analisados em situações reais de comunicação.

Assim, em 1994, outrora publicando artigos e livros que deram início aos diversos conceitos e técnicas de análise textual, professor Halliday lança a segunda introdução à GSF, sob o título de *An Introduction to Functional Grammar*, livro-marco que inicia, de forma mais concreta e consistente, o aparato teórico e descritivo de estudos da linguagem pelo viés sociossemiótico, funcional e sistêmico. A partir dessas datas, outras pesquisas foram publicadas com o objetivo de desenvolver a abordagem semiótica da linguagem, como duas edições do *An Introduction to Functional Grammar* publicados em 2004 e 2014, respectivamente, juntamente com o professor M. I. M. Matthiessen.

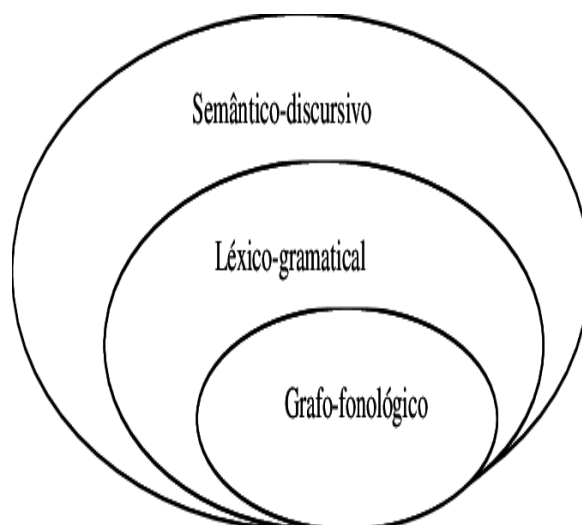
3.1 Os estratos

Quando as pessoas se expressam oralmente ou por escrito, estão criando um texto. Como esclarece Halliday (1994), o termo "texto" se refere a toda manifestação da linguagem, em qualquer meio, que tenha significado para quem compreende o idioma. Para um analista linguístico, o texto é um fenômeno complexo e multifacetado que possui diversas formas de significado. Ele pode ser examinado sob diversas perspectivas. Pode-se identificar principalmente duas abordagens: uma que se concentra no texto como uma entidade independente e outra que o considera como uma ferramenta para desvendar informações adicionais. Vian Jr. (2009, p.113) esclarece que:

Na teoria sistêmico-funcional, a linguagem é concebida com um sistema semiótico em três estratos: um de significados, um de fraseados e outro de letras/filhos. É relevante, neste ponto, estabelecer a relação entre os estratos de linguagem para os níveis de realização linguística. Temos, primeiramente, em um nível micro, o estrato grafo-fonológico (letras/filhos). Em um segundo plano, temos o nível da oração, que é realizada pela léxico-gramática (fraseados) e, por fim, em um terceiro nível, o semântico-discursivo (significados), localizado em um nível de abstração que está além da oração.

Na figura a seguir, pode-se observar a organização da linguagem por estratos.

Figura 4 - Estratos da linguagem



Fonte: Vian Jr, Orlando. (2009, p.3)

Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a linguagem é considerada um sistema semiótico que exerce influência e organiza as dinâmicas sociais. Halliday (2009:60) destaca que a linguagem vai além da mera transmissão de significados, a qual é concebida como um sistema capaz de gerar significados de maneira contínua. Essa característica implica na natureza dinâmica do potencial de significados da linguagem, receptiva à criação de novos sentidos em diversos contextos e interações sociais.

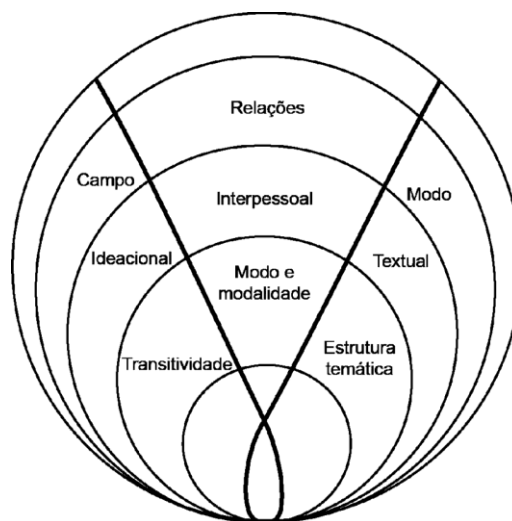
Em termos mais específicos, o autor ressalta que o significado da linguagem se revela como a "teia mais intrincada e sofisticada que conhecemos", evidenciando a profundidade e complexidade inerentes a esse processo.

A estrutura, quando analisada no contexto da oração, no estrato léxico-gramatical, compõe-se de um arranjo específico entre processo, participante e circunstâncias. Os estratos que constituem o sistema linguístico materializam-se através de uma configuração que, por sua vez, se organiza a partir de elementos funcionais presentes em diferentes níveis (Halliday 2009: 64-70). Em uma escala mais ampla, no âmbito do grupo, essa estrutura é delineada pela presença de grupos verbais, grupos nominais e sintagmas preposicionais. Mais especificamente, no grupo verbal, essa estrutura pode abranger elementos como o verbo auxiliar e o verbo lexical, o que contribui para a composição e organização da linguagem em diferentes níveis de análise.

Halliday e Matthiessen (2014) sublinham que a linguagem, vista como sistema e conjunto de textos, não são entidades isoladas e não devem ser tratadas como elementos separados. Os autores propõem iniciar a análise por meio de um texto específico e, em seguida, examinar outros textos que apresentem semelhanças com base em critérios específicos, possivelmente derivados de um dos estratos linguísticos.

Ao investigar a coleção de textos, é viável "identificar padrões que todos compartilham e descrevê-los em termos de um gênero textual", mesmo que esses textos possam variar consistentemente de acordo com diferentes contextos de utilização. Os diversos textos encontrados no contexto social são expressões da linguagem utilizadas em múltiplos contextos, o que pode ser interpretados como registros ou modelos de manifestação de todo um sistema associado a um determinado tipo de contexto, ou seja, um tipo específico de situação.

Figura 5 - Inter-relação entre os estratos da linguagem na metafunção ideacional



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 33) baseado em Halliday e Matthiessen (2004)

Para o linguista inglês, os significados devem ser vistos em sua totalidade e não separadamente, uma vez que a língua é considerada uma ferramenta de escolhas e tais escolhas vão de acordo com quem e para quem o texto é direcionado. As intencionalidades que se deseja atingir no momento da interação tem a ver com as possibilidades oferecidas pelo sistema linguístico. É importante destacar que as escolhas

linguísticas podem ser negociadas de acordo com a dimensão social de contextos específicos. Na seção seguinte, são apresentadas de maneira mais detalhada a metafunção ideacional, que é a condutora deste estudo.

3.2 As metafunções da linguagem

A LSF entende a linguagem como um sistema estratificado e organizado. A linguagem apresenta vários níveis e estratos Halliday e Matthiessen (2004). As metafunções experienciais estão relacionadas ao uso da linguagem como uma representação do externo e interno, crenças, sentimentos etc. A implementação dessas representações ocorre através do sistema de transitividade (Eggins, 1994, p. 220). Em uma única linguagem, a mesma experiência pode ser estruturada logicamente como uma sequência de variações em um fluxo de eventos, ou empiricamente como uma única variação aprimorada pelo ambiente.

A metafunção ideacional é composta por duas funções distintas, a experiencial e a lógica. Conforme apontado por Halliday e Matthiessen (2004), a função experiencial tem como função primordial criar um modelo representativo do mundo, sendo sua unidade de análise a oração. Já a função lógica se encarrega das combinações entre grupos lexicais e oracionais, os quais utilizam o complexo oracional como unidade de análise. Ao examinar a oração, o sistema relevante é conhecido como transitividade, de modo a abordar a construção da experiência em termos da que configuram a estrutura da representação, os processos, os participantes e as circunstâncias.

O modelo de análise proposto pelo teórico britânico, tem como condutor a léxico-gramática, por este viés, são observados os significados que são expressos pelos participantes sobre os acontecimentos do mundo, sentimentos e percepções que nos rodeiam.

No quadro a seguir, possível observar como são organizadas as metafunções da linguagem:

Quadro 1 - As metafunções da linguagem e suas características

Características	Variáveis de registro	Metafunção	Sistema
<ul style="list-style-type: none"> Experiências do mundo (material e interior). 	Campo	Ideacional	Transitividade
<ul style="list-style-type: none"> Funções de fala - interação entre falante/ ouvinte 	Relações	Interpessoal	Modo
<ul style="list-style-type: none"> Organização dos significados - experienciais e interpessoais. 	Modo	Textual	Tema/ Rema

Fonte: Elaborado pela autora baseado em Halliday (1994).

Com base nisso, é possível observar como as metafunções da linguagem são estabelecidas de acordo com o contexto. Cada uma delas está inserida num dado compartimento e organiza as funções que são estabelecidas no momento da fala. Ao sugerir essa organização da linguagem, Halliday (1994) afirma que existe uma conexão sistemática entre os três sentidos, estes significados aparecem interligados, não sendo possível separá-los.

De acordo com o autor, estas três funções da linguagem estão presentes no texto. Halliday e Matthiessen (2014) esclarecem que as metafunções são as exigências que são feitas pelos usuários da linguagem na interação entre falante/ouvinte. Os teóricos afirmam ainda que, de acordo com as demandas que os usuários da língua utilizam a linguagem para se comunicar, ocorre inúmeras funções, com o intuito de associar estas funções. A seguir, serão apresentadas sucintamente as funções da linguagem proposta por Halliday e em seguida o foco será na metafunção ideacional, tendo em vista que será o suporte teórico para análise dos dados desta pesquisa.

A metafunção ideacional é responsável por expressar como os indivíduos percebem o mundo, e é constituída em dois segmentos principais: o lógico e o experiencial. O primeiro componente aborda a organização dos grupos verbais e nominais e complexo oracional. O segundo, é responsável pela estrutura interna da oração. O

sistema de transitividade é o que classifica a estrutura da oração, desse modo, a representação é concebida ao analisar os processos, os participantes e as circunstâncias. (Halliday e Matthiessen, 2014)

A metafunção interpessoal concerne em compreender como os usuários da língua realizam escolhas léxico-gramaticais para expressarem suas avaliações e opiniões sobre o mundo. O foco desta metafunção é a interação entre os envolvidos, pois as escolhas linguísticas são afetadas diretamente pelos fatores sociais e culturais e isso reflete diretamente na troca de informações, comandos e solicitações que são realizadas o tempo todo pelo falante/escritor.

Para Halliday (1994, p.106), o sistema de transitividade consiste em três partes básicas da oração: 1) processo, 2) participantes e 3) circunstância. O processo é representado por um grupo de linguagem, a ação em si e os participantes como um grupo nominal que pode realizar uma ação ou ser afetado por ela de alguma forma.

A gramática funcional pode ser utilizada em qualquer idioma. Por meio da GSF, pode-se interpretar língua em uso (Martin; Matthiessen e Painter, 2010, p. 1). Os processos que podem ser executados nesse sistema apresentam diferentes tipos de participantes, nomeados de acordo com seu papel no processo.

A linguagem tem a capacidade de expressar verbalmente o que é feito no cotidiano, no sentido de que as ações surgem no processo de transformação humana a partir de sistemas semânticos, assim constroem um processo dinâmico, a língua.

Halliday (1994) esclarece que quando nos comunicamos, usamos a linguagem para gerar simultaneamente três significados: as metafunções interpessoais estão relacionadas às relações estabelecidas, ou seja, a comunicação que ocorre durante a interação. A metafunção ideacional é responsável por representar nossa experiência do mundo (exterior e interior). Por meio dessa metafunção, é possível analisar a influência de fatores externos e internos que motivam o sentido do texto. Aquele está relacionado às relações interpessoais (metafunção interpessoal), este é responsável por dar sentenças representando o mundo e a informação (metafunção textual).

Nessa perspectiva de sistemas, as orações são extensões do significado e, segundo Halliday e Matthiessen (2014), a transitividade constitui um conjunto de unidades semânticas que formam uma sequência paradigmática. As falas são compostas de frases

e a composição das frases é baseada no contexto, portanto, os textos são representações da realidade social do indivíduo. Butt *et al* (2000) afirmam que as escolhas linguísticas "mesmo sem saber, são influenciadas de alguma forma de acordo com o contexto em que são utilizadas". Assim, o significado é construído selecionando itens gramaticais lexicais

A linguagem proporciona ao ser humano transformar as suas experiências do mundo material e abstrato em significados. Halliday e Matthiessen (1999) esclarecem que a linguagem humana tem como parâmetro as experiências internas. No sistema de transitividade, o foco central é a oração ou figura, uma vez que é por ela que se constroem as representações sobre o mundo. Halliday (1994) assegura que o sistema de transitividade focaliza nos processos, os quais equivalem aos diversos tipos de experiências humanas. Quando se trata do sistema de transitividade e das classificações gramaticais que são utilizadas no momento das análises, é importante salientar algumas diferenças importantes de serem esclarecidas, pois, no contexto brasileiro, é comum utilizar a gramática tradicional e ao se deparar com a proposta de Halliday pode haver algum tipo de dúvida para auxiliar na compreensão da abordagem da LSF, dessa forma, é necessário retomar alguns conceitos fundamentais dos estudos que foram desenvolvidos pelo teórico.

Halliday e Matthiessen (2014, p.170) esclarecem que, desde muito cedo as experiências internas são utilizadas para a expressão do que acontece no mundo externo, além disso, tais experiências são usadas para falar sobre o mundo, e sobre essas experiências utilizam-se as percepções, emoções e imaginação. Essas experiências são internas, visto que têm mais relação com os sentimentos. Existem também as experiências externas, que estão relacionadas às ações, aos eventos, em que as pessoas ou os atores fazem acontecer as suas ações.

A gramática proposta por Halliday se diferencia da tradicional, justamente nesse ponto, as experiências internas e externas são estipuladas por Halliday em um sistema que é capaz de classificar distintamente estas duas experiências. Para esta classificação, Halliday disponibilizou um modelo analítico capaz de categorizar as partes constituintes da oração e, dessa forma, facilitar a compreensão das ações conscientes e inconscientes.

Para Halliday (1994), os componentes da oração na GSF são os seguintes: processo, participantes, circunstância. Cada um destes elementos constituintes exercem um papel diferente dentro da oração, no quadro a seguir apresentam-se os componentes da oração acompanhados de exemplos.

Quadro 2 - Componentes da oração

Componente	Definição	Categoria gramatical	Exemplo
Processo	É o elemento central da configuração, indicando experiência se desdobrando através do tempo	Grupos verbais	Exemplo 1: “Eu achei um par de sapatos no lixo”.
Participante	São as entidades envolvidas - pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados - as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais	Exemplo 2: “ Eu quero escrever o livro , e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. ”
Circunstância	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais	Exemplo 3: “ Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela.”

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 41) baseado em Halliday e Matthiessen (2004). Fonte do exemplo: trechos extraídos do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

É possível observar no quadro acima, que o processo é o núcleo da oração, isto é, por meio dele, é possível expressar as experiências do participante e, conseqüentemente, manifestar aspectos experienciais no mundo material e mental. A escolha do processo, no momento da interação comunicativa, expressa as intencionalidades que se deseja alcançar, por isso a importância de uma análise da oração num todo, pois os demais componentes são identificados tendo como ponto inicial o tipo de processo que é demarcado na oração.

Nesse ponto de vista, o estudo da gramática significa considerar o conceito e a estrutura gramatical do texto como dados principais inseparáveis da estrutura do texto. Sendo assim, gramática e interação social andam de mãos dadas: a gramática é um recurso responsável pela interação, visto que é no processo de interação social que ocorre a aquisição, manutenção e mudança da linguagem.

Como já mencionado, a Metafunção experiencial está relacionada ao uso da linguagem como forma de representação, abarcando tanto aspectos do mundo externo, como eventos e elementos, quanto do mundo interno, como pensamentos, crenças e sentimentos. Essas representações são realizadas por meio do sistema de transitividade, que envolve a escolha de processos (elementos verbais) e seus argumentos (Eggins, 1994, p. 220).

Para Halliday (1994, p. 106), o sistema de transitividade é a expressão mais forte de nossa experiência, pois ele permite que o falante crie um mundo de representações com base na escolha de um número limitado de tipos de processos. Dentro desse sistema, cada proposição é composta por três elementos: 1) o processo em si, 2) seus participantes e 3) as circunstâncias, que são opcionais.

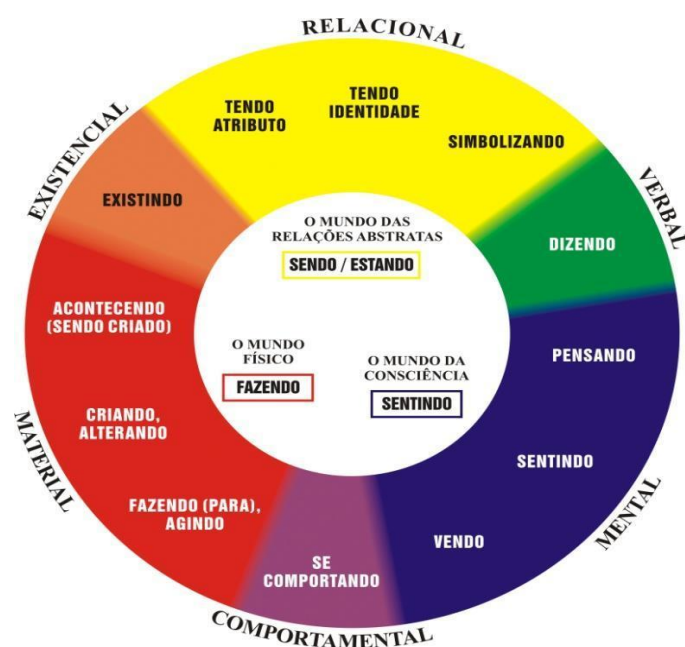
O processo é representado por um grupo verbal e é a ação em si, enquanto os participantes são geralmente representados por grupos nominais, que podem realizar a ação ou serem afetados por ela de alguma forma. Já as circunstâncias são representadas por grupos adverbiais e têm como função adicionar informações ao processo.

A linguagem é entendida em termos de sua relação com a estrutura social, como assevera Halliday (1989). Assim, a linha central da teoria é a combinação de dimensões sociais à linguística. Linguagem e sociedade são um todo, que só pode ser compreendido através da inter-relação entre essas duas partes. Na figura a seguir, pode-se observar os tipos de processos que Halliday estipula para representar significados.

Halliday (1994; 1985), no contexto da transitividade, define uma classificação que distingue três categorias principais de processos: os materiais, mentais e relacionais. Adicionalmente, identificam-se outros três tipos que ocupam uma posição intermediária: os comportamentais, os verbais e os existenciais. Essa taxonomia proporciona uma análise abrangente das dinâmicas inerentes aos processos comunicativos e interativos. Os processos materiais referem-se a ações tangíveis, os mentais abrangem estados de

pensamento, enquanto os relacionais delineiam conexões e relações entre entidades. Os processos comportamentais, verbais e existenciais preenchem o espaço intermediário, capturando nuances específicas da interação e existência. Essa estratificação, embasada em critérios semânticos, contribui para uma compreensão mais refinada das complexidades presentes nas atividades comunicativas, além de propiciar uma análise mais aprofundada dos distintos modos de expressão. Conforme mostra a figura:

Figura 6 - Tipos de processos



Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 42) baseado em Halliday e Matthiessen (2004)

É possível perceber na figura acima que há três tipos de processos principais, o que vai definir o seu tipo é o contexto e a intencionalidade do falante/escritor, pois, para Halliday (1994), a língua funciona como um arcabouço de opções, ao qual o indivíduo utiliza para a comunicação humana.

Os processos materiais correspondem às ações realizadas no mundo físico, que representam nossa experiência no mundo exterior. Os processos mentais, por sua vez, relacionam-se às ações realizadas no mundo dos pensamentos, que representam a experiência no mundo interior. Os processos relacionais dizem respeito à identificação e classificação de significados. Já os processos comportamentais estão na fronteira entre o mundo interior e exterior, visto que são ações do nosso mundo interior que se manifestam

no mundo exterior. Os processos verbais, por sua vez, dividem-se entre os processos mentais e relacionais, pois envolvem relacionamentos simbólicos construídos na consciência humana e expressados por meio da linguagem. Por fim, os processos existenciais estão relacionados a qualquer fenômeno que seja considerado existente.

No quadro a seguir, são apresentados os tipos de oração que foram estipuladas por Halliday e Matthiessen:

Quadro 3 - Os tipos de oração e significados de categoria

Tipos de oração	Significado da categoria	Exemplos de processos	Participantes
Material Transformativa Criativa	fazer acontecer	fazer, beber, praticar, aparecer, pagar, exercer, ocorrer	Ator Meta Escopo Beneficiário (Cliente e Recebedor)
Mental Perceptiva Cognitiva Emotiva Desiderativa	Perceber Pensar Sentir Desejar	perceber, ver, ouvir, lembrar, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer	Experienciador Fenômeno
Relacional Intensiva Possessiva Circunstância	caracterizar identificar	ser (danosa) ser (o pentacampeão) ter (dinheiro) estar (na seleção)	Portador Atributo Identificado Identificador
Comportamental	comportar-se	rir, chorar, dormir, pular, golpear	Comportante Comportamento
Verbal	Dizer	dizer, perguntar, responder, contar, relatar, explicar	Dizente Verbiagem Receptor Alvo
Existencial	Existir	haver, existir	Existente

Fonte: Fuzer e Cabral (2011, p.190) com base em Halliday e Matthiessen (2004)

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem desempenha um papel na comunicação. Nesse sentido, a análise desse sistema em texto pode verificar quais experiências são apresentadas, como e por quem se apresentam em determinado texto.

Processos, participantes e circunstâncias são categorias léxico-gramaticais que explicam como os fenômenos da experiência humana do mundo se estruturam no nível da oração.

Cada tipo de oração gera um significado distinto, sendo influenciado pelo processo em questão. Halliday e Matthiessen (2014) destacam que o processo constitui o cerne da oração, e é a partir dele que se torna possível identificar os outros elementos constituintes.

Sob a perspectiva sistêmico-funcional, a compreensão da oração envolve dois termos conceituais: a estrutura e o sistema. A estrutura é responsável pela combinação de grupos de palavras e orações, determinando o ordenamento sintagmático. Enquanto isso, o sistema relaciona-se com a ordem paradigmática da linguagem (Fuzer e Cabral, 2014).

Ao analisar representações na forma de sentenças, utiliza-se o sistema de transitividade, que interpreta a construção da experiência em termos da configuração de processos, atores e circunstâncias (Halliday e Matthiessen, 2004).

A análise desse sistema instanciado permite verificar quais experiências estão sendo apresentadas em um texto específico, bem como como e por quem são apresentadas. Processos, participantes e circunstâncias representam categorias léxico-gramaticais que explicam como os fenômenos da experiência humana do mundo se estruturam no nível da oração.

Conforme apontam Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem desempenha um papel crucial na comunicação. A análise desse sistema instanciado em texto proporciona a identificação das experiências apresentadas, elucidando como e por quem são comunicadas em um determinado contexto. Processos, participantes e circunstâncias, enquanto categorias léxico-gramaticais, explicam a estruturação dos fenômenos da experiência humana no nível da oração.

3.3 Transitividade: constituintes da oração

3.3.1 Processos materiais

Os processos materiais se referem às ações realizadas no mundo físico, tais como trazer, transferir, buscar, circular, entre outros. Nesses processos, existem dois personagens principais: o Ator e a Meta. O Ator é quem executa a ação propriamente dita e sua presença é essencial – todos os processos têm um Ator, mesmo que não seja

mencionado na frase. Já a Meta é o participante para o qual a ação é direcionada, aquele que realmente é modificado pela ação e que, de acordo com a gramática tradicional, pode ser considerado o Objeto Direto (Eggins, 1994, p. 231).

Existem mais dois participantes que podem estar relacionados aos processos materiais: a Extensão (que também pode ocorrer com outros tipos de processos) e o Beneficiário. Segundo Eggins (1994, p.2 33), a Extensão desempenha duas funções nos processos materiais: a) reafirmar ou continuar o processo; ou b) definir seu escopo. A autora ainda explica que, embora seja difícil distinguir entre Extensão e Meta, a diferença entre esses dois participantes é muito importante, uma vez que eles desempenham funções distintas.

Conforme assegura Eggins (1994, p. 35), o Beneficiário é aquela pessoa que obtém vantagens ou benefícios das ações executadas pelo Ator. Pode-se entendê-lo como uma espécie de cliente, que é quem recebe algo sendo feito em seu benefício, ou como um recebedor, o qual recebe algo sendo feito para si.

Exemplo 6:

[eu]	lavei	as louças[...]
Ator em elipse	Processo material	Meta

JESUS, 2014, p. 99

Exemplo 7

eu	ganhei	duas blusas de malha
Beneficiário	Processo material	Meta

JESUS, 2014, p. 84

3.3.2 Processos mentais

Os processos mentais são processos de sentir (Halliday, 1994, p. 112) e são relativos à representação do mundo interior (Thompson, 1996, p. 82). Halliday divide esses processos em três subtipos: processos mentais de cognição, relacionados à decisão e compreensão (saber, entender, decidir); processos mentais de percepção, referentes à observação de fenômenos (sentir); e processos mentais de afeição, que dizem respeito aos sentimentos (gostar, amar).

Exemplo 7:

eu	gosto	da noite [...]
----	--------------	----------------

Experienciador	Processo mental	Fenômeno
----------------	-----------------	----------

JESUS, 2014, p.31

Os participantes desse tipo de processo são o Experienciador, em cuja mente o processo está se realizando, e o Fenômeno, que é o elemento percebido/sentido pelo Experienciador.

De acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), os processos relacionais são uma das três principais categorias de processos no sistema de transitividade. Os outros dois são os processos materiais e os processos verbais.

3.3.3 Processos verbais

De acordo com a afirmação de Fuzer e Cabral (2014, p. 72), é possível constatar a relevância das orações verbais, as quais, conforme discutido anteriormente, desempenham um papel significativo na construção de diálogos em textos narrativos. No campo jornalístico, essas orações capacitam o repórter a associar informações a fontes externas, elevando, assim, a credibilidade da reportagem. Em âmbitos acadêmicos, sua importância se manifesta ao referenciar e relatar perspectivas e argumentos de outros pesquisadores.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os participantes nas orações verbais compreendem geralmente o dizente (o falante, seja humano ou fonte simbólica), a verbiagem (o conteúdo expresso e sua representação) e o alvo (a entidade afetada pelo processo).

Halliday e Matthiessen (2004) ainda afirmam que a função desempenhada pela verbiagem em uma oração é comparável ao papel que uma oração projetada desempenha nas orações mentais. A oração que complementa o processo verbal pode se apresentar sob a forma de citação ou relato. A citação é uma oração projetada que reproduz a fala inserida no texto, frequentemente indicada por aspas ou destacada em diálogos, enfatizando assim a expressão direta do discurso.

Exemplo:

Eu	disse	—Está certo. Quem dorme no Albergue Noturno são os indigentes.
Dizente	Processo verbal	Citação

JESUS, 2014, p.119

3.3.4 Processos comportamentais

Processos comportamentais referem-se a fenômenos que envolvem tanto aspectos físicos quanto psicológicos. O participante das orações comportamentais é denominado “Comportante”.

De Fuzer e Cabral (2014, p. 76) baseadas em Halliday e Matthiessen (2004), esclarecem que os processos comportamentais, como discutidos por eles, são predominantemente executados por seres humanos e estão relacionados a funções fisiológicas e psicológicas, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar. No entanto, os próprios autores reconhecem a complexidade desses processos, uma vez que podem abranger elementos tanto materiais quanto mentais, além de incluir aspectos verbais em seu significado. Essa complexidade dos processos comportamentais os diferencia das demais categorias, conferindo-lhes uma natureza menos definida e mais propensa à interconexão de diversas dimensões. Isso sugere que, ao contrário das outras categorias, os processos comportamentais possuem características mais fluidas e adaptáveis, o que reflete uma intrincada interação entre aspectos físicos, mentais e verbais.

Dessa forma, a compreensão desses processos demanda uma abordagem mais flexível, em que se deve reconhecer a possibilidade de uma coexistência de elementos diversos em seu significado. Ainda que desafiadora, essa característica peculiar dos processos comportamentais adiciona uma camada de complexidade à análise linguística, destacando a necessidade de uma compreensão holística para apreender a riqueza semântica envolvida.

Exemplo:

Ela	começou a chorar.
Comportante	Processo comportamental

JESUS, 2014, p.119.

3.3.5 Processos relacionais

Conforme asseguram Halliday & Matthiessen, 2004, embora os processos relacionais sejam um dos tipos de processos ideacionais, eles desempenham um papel fundamental na construção de significado através da expressão das relações e interações entre entidades. Os processos relacionais, de acordo com a Linguística Sistêmico-funcional, referem-se às formas como as entidades estão relacionadas ou interagem entre si. Ainda de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), os processos relacionais podem ser divididos em três subclasses: processos atributivos, processos identificativos e processos classificativos.

Os processos atributivos referem-se à atribuição de propriedades ou qualidades a entidades. Eles estabelecem uma relação entre a entidade que possui a qualidade e a própria qualidade. Os processos relacionais, segundo a Linguística Sistêmica Funcional de Halliday, referem-se às maneiras como os participantes em uma situação interagem ou se relacionam entre si. Esses processos incluem a identificação (ser, tornar-se), a classificação (ter, fazer), e a associação (agir sobre agir com). Essas categorias ajudam a analisar como as ações e relações são construídas na linguagem, destacando os diferentes papéis dos participantes em um contexto comunicativo.

[eu]	tenho	três filhos.
Portador em elipse	Processo relacional possessivo	atributo

JESUS, 2014, p.119.

3.3.6 Processos existenciais

De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 79):

A oração existencial em português, assim como no espanhol, caracteriza-se pelo uso do verbo "haver" no sentido de existir. Nesse tipo de construção, não há a presença explícita de um sujeito. O elemento central da oração existencial é o existente, que pode abranger desde pessoas e objetos até instituições, abstrações, ações ou eventos.

Essa construção é frequentemente empregada para descrever eventos ou situações passadas e enfatiza a presença ou existência de algo em um momento específico no passado.

Havia	muitas	lenhas.
Processo existencial	Circunstância de modo (grau)	Existente

JESUS, 2014, p.119.

3.3.7 Os tipos de circunstâncias

Os advérbios ou adjuntos adverbiais desempenham o papel de expressar circunstâncias, sendo observados em todos os tipos de orações e processos. Essas circunstâncias podem manifestar-se livremente em diferentes contextos linguísticos.

Fuzer e Cabral (2014, p. 53) esclarecem que:

As circunstâncias adicionam significados à oração pela descrição do contexto que o processo se realiza. São usualmente realizadas por grupos adverbiais ou por grupos preposicionais e podem ocorrer livremente em todos os tipos de processos. Em termos de significados, as circunstâncias associam-se aos processos referindo localização de eventos no tempo (quando?) ou no espaço (onde), modo (como?) ou causa (por quê?).

Pode-se observar que as circunstâncias configuram uma parte da oração que expressam informações adicionais na oração.

Existem vários tipos de circunstâncias, o quadro a seguir visa apresentá-los:

Quadro 4 - Os tipos de circunstâncias

Circunstâncias	Característica	Questões norteadoras
Extensão	Distância Duração Frequência	A que distância? Há quanto tempo? Quantas vezes?
Localização	Lugar Tempo	Onde? Quando?
Modo	Meio Qualidade	Como? Com o quê? Como?

	Comparação Grau	Como é? Com que parece? Quanto?
Causa	Razão Finalidade Benefício/representação	Por quê? Para quê? Por quem?
Contingência	Condição Falta/omissão Concessão	Porquê?
Acompanhamento	Companhia Adição	Com quem? Com o quê? Quem mais? O que mais?
Papel	Estilo Produto	Ser como o quê? O quê/em quê?
Assunto	Assunto	Sobre o quê?
Ângulo	Fonte Ponto de vista	Ponto de vista

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p.53-54) baseado em Halliday e Matthiessen (2004, p.262-263).

A análise de transitividade, enquanto ferramenta essencial na investigação textual, desdobra-se em três aspectos fundamentais que delineiam a dinâmica comunicativa presente no texto. Primeiramente, a escolha do processo, ao destacar as ações e atividades expressas, confere uma visão detalhada das atividades subjacentes, o que permite uma compreensão mais aprofundada das interações descritas.

Em seguida, a seleção dos participantes entra em cena, delineando quem são os agentes envolvidos nas ações mencionadas. Essa dimensão identifica os atores centrais e esclarece as relações e papéis desempenhados, enriquecendo a análise ao proporcionar insights sobre as dinâmicas sociais presentes no discurso.

Por fim, a definição das circunstâncias amplia o entendimento ao contextualizar as ações e participantes em cenários específicos. Isso adiciona camadas de significado ao texto, além de destacar nuances relacionadas ao tempo, lugar e condições em que as experiências se desenrolam.

Em conjunto, esses elementos proporcionam uma visualização aprofundada das experiências e conteúdos presentes no texto, que contribui significativamente para a construção global do significado. A análise de transitividade emerge, assim, como uma

ferramenta crucial para desvelar as complexidades e nuances das interações textuais, enriquecendo a compreensão da mensagem veiculada.

No próximo capítulo, abordaremos a metodologia aplicada na pesquisa. Detalharemos os procedimentos de coleta, a seleção do corpus, os critérios de participação e as estratégias de análise.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos meticulosamente delineados para orientar a condução desta pesquisa. A seção crucial é composta por diversas subseções, cada qual dedicada a aspectos específicos que contribuem para a solidez e confiabilidade do método adotado.

Inicialmente, discute-se o tipo de abordagem metodológica selecionada, destacando as razões fundamentais por trás dessa escolha e evidenciando como ela se alinha aos objetivos da pesquisa. A caracterização da pesquisa oferece um panorama abrangente, fornece contexto e esclarece o escopo da investigação.

A seleção do *corpus* é abordada com uma descrição minuciosa dos critérios que orientaram essa escolha, de modo a garantir uma base robusta para as análises subsequentes. Exploram-se os critérios de seleção dos dados, delineando as especificidades que nortearam a inclusão ou exclusão de determinadas informações.

No âmbito dos procedimentos de análise, oferece-se uma visão detalhada das estratégias e ferramentas empregadas para analisar os dados coletados. A interpretação desses dados é abordada com atenção aos contextos mais amplos, ressaltando a relevância das descobertas para os objetivos da pesquisa.

Um ponto central deste capítulo é a divisão dos dados em macro categorias, um passo estratégico para organizar de maneira coerente e compreensível as complexidades das informações obtidas. Cada uma dessas etapas é cuidadosamente elaborada para garantir uma metodologia sólida e eficaz, além de sustentar todo o desenvolvimento desta pesquisa.

4.1 Abordagem Metodológica: Pesquisa Qualitativa

Esta tese adota uma perspectiva metodológica de pesquisa qualitativa, escolha que visa aprofundar a compreensão do fenômeno em estudo. Essa abordagem foi selecionada para priorizar a qualidade e a riqueza dos dados coletados.

Ao adotar a pesquisa qualitativa, busca-se capturar a diversidade de perspectivas, interpretar experiências e compreender os processos subjacentes ao fenômeno em questão. Métodos como entrevistas, análise de conteúdo e observações serão empregados, visando uma análise mais profunda e contextualizada.

A pesquisa qualitativa desempenha um papel fundamental ao revelar as camadas intrincadas do objeto de estudo, além de permitir uma análise abrangente e sutil das dinâmicas presentes. Essa escolha metodológica fundamenta a estrutura desta tese e proporciona uma base sólida para a exploração e interpretação dos fenômenos investigados.

4.2 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa está inserida na área da Linguística Aplicada, especificamente na Linguística Sistêmico-Funcional, com foco no sistema de transitividade para compreender os significados de pobreza no livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”.

Halliday (1994) enfatiza que a análise do discurso acontece em dois momentos, o primeiro é a compreensão do texto, ou seja, entender o que significa o texto no seu aspecto geral, o outro aspecto é a análise linguística, que busca investigar o motivo contextual que o texto emana tais significados, levando em consideração as variáveis contextuais que são extremamente importantes na perspectiva da LSF e principalmente na metafunção ideacional, que enxerga a oração como representação.

Conforme ressalta Halliday e Matthiessen (2014), tendo em vista o funcionamento da linguagem na perspectiva sistêmico-funcional, na qual o contexto permeia os significados para compreender algum aspecto específico do texto, é necessário considerar que tudo que se fala ou escreve possui um propósito específico.

Considerando que todo texto deve ser analisado de acordo com as variáveis contextuais, este estudo focaliza a linguagem em um contexto específico de uso, assim, parte-se do contexto de produção da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, especificamente a favela do Canindé.

4.3 Seleção do *corpus*

Neste estudo, optou-se pela seleção do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus como *corpus*. As páginas dessa obra seguem um formato de diário, organizando-se de forma sequencial com entradas datadas. Cada página do "Quarto de Despejo" representa um trecho do relato da autora sobre sua vida na favela, o que ressalta uma visão fragmentada, mas contínua, de suas experiências ao longo do tempo.

A escolha específica deste *corpus*, centrada no "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus, está intrinsecamente vinculada à temática da pobreza, que constitui o núcleo central da obra. A autenticidade e a intimidade da narrativa proporcionam uma visão singular e perspicaz das condições sociais adversas na favela.

Dessa maneira, a seleção desse *corpus* reflete uma abordagem metodológica voltada a explorar de forma aprofundada a representação da pobreza no âmbito linguístico e social, tal como expressa de maneira singular e autêntica ao longo do livro.

4.4 Critérios de seleção dos dados

Os critérios de seleção dos dados nesta pesquisa foram meticulosamente delineados para destacar expressões e elementos dentro do campo semântico da pobreza, conforme contextualizado por Carolina Maria de Jesus em seu texto. A metodologia adotada teve início com uma leitura minuciosa, com o fito de identificar termos explicitamente relacionados à pobreza e segmentos que transcenderam a mera nomenclatura, revelando as situações e os contextos que a autora delineou como representativos dessa condição.

A abordagem não se restringiu à seleção de palavras específicas, pois procurou abranger nuances e manifestações diversas da pobreza ao longo do texto. Isso implicou em observar os sinônimos diretos e identificar narrativas, descrições e circunstâncias que contextualizassem e exemplificassem as condições socioeconômicas desfavoráveis mencionadas por Carolina Maria de Jesus.

Os critérios estabelecidos buscaram, assim, compreender de maneira abrangente e contextualizada as representações da pobreza presentes no *corpus*, explorando o campo semântico associado a essa temática. Essa abordagem metodológica, fundamentada na análise detalhada das expressões e situações que a autora associava

à pobreza, proporciona uma base sólida para a investigação aprofundada da temática proposta.

4.5 Procedimentos de análise

Os procedimentos de análise adotaram as seguintes instruções. Inicialmente, conduziu-se a leitura do livro "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada" da escritora Carolina Maria de Jesus. Posteriormente, procedeu-se à seleção dos trechos que continham expressões dentro do campo semântico de pobreza.

Após uma leitura minuciosa do livro, dedicou-se especial atenção às páginas que retratam a pobreza. Todas essas páginas foram selecionadas integralmente, ressaltando a importância de preservar a contextualidade para uma compreensão mais abrangente das situações apresentadas por Carolina Maria de Jesus.

Em seguida, optou-se por selecionar trechos que estivessem claramente inseridos no campo semântico da pobreza, destacando-os em negrito para facilitar a identificação. Esses trechos foram então organizados em colunas e classificados de acordo com o sistema de transitividade.

Posteriormente, os dados foram interpretados, com base na parte teórica e interpretativa dos significados. Essa abordagem metodológica, que engloba uma seleção criteriosa, classificação e interpretação contextualizada, fundamenta a análise linguística e temática proposta nesta pesquisa.

4.6 A organização dos dados em Macrocategorias

No decorrer das análises propostas, serão consideradas duas macrocategorias distintas. A primeira delas compreende a pobreza em seu aspecto físico, a qual engloba condições materiais adversas que afetam diretamente a qualidade de vida. Esta macrocategoria abrange carências tangíveis, como a escassez de recursos básicos e dificuldades relacionadas à subsistência. A segunda macrocategoria aborda a pobreza emocional ou psicológica, que vai além das privações materiais. Envolve aspectos mentais e emocionais decorrentes das condições econômicas precárias, incluindo

estresse, ansiedade, depressão e outros desafios psicológicos. Este âmbito analítico destaca as dimensões emocionais das experiências relacionadas à pobreza, a qual proporciona uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

Assim, a categorização das macrocategorias busca oferecer uma abordagem mais detalhada e específica, que permite uma análise mais aprofundada das distintas facetas da pobreza, tanto em seu impacto físico quanto nas repercussões emocionais e psicológicas.

CAPITULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No capítulo 4, dedicado à Apresentação e Análise dos Dados, adentra-se em uma etapa essencial da pesquisa. Aqui, os dados previamente classificados pelo sistema de transitividade serão encaminhados para uma macrocategorização. Esta etapa busca situar cada trecho dentro de uma representação específica de pobreza: seja ela física ou emocional, dependendo das características identificadas em cada conjunto de dados.

A classificação inicial dos dados pelo sistema de transitividade permitiu uma análise minuciosa das estruturas e das relações em cada excerto. Agora, a incumbência é incluir esses dados em uma das macrocategorias – pobreza física ou pobreza emocional. Essa categorização será realizada com base na natureza intrínseca de cada trecho, diferenciando se as dimensões da privação destacam elementos materiais básicos, como moradia, alimentação e acesso a serviços de saúde, ou se abrangem questões relacionadas à saúde mental, bem-estar psicológico e interações sociais.

Essa abordagem de categorização oferece um contexto mais abrangente para a análise, a qual possibilita uma compreensão mais profunda das diversas camadas da privação humana evidenciadas nos dados coletados. Ao situar cada trecho em uma macrocategoria específica, o propósito é elucidar não apenas as distintas manifestações da pobreza, mas também identificar quais facetas da privação estão enfatizadas em contextos particulares. Essa análise estratégica será crucial para o desenvolvimento de intervenções e políticas direcionadas, com o fito de mitigar e superar os desafios enfrentados pelas comunidades em estudo.

Excerto (1):

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um

tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. [...] (JESUS, p.10)

Aniversário de minha filha Vera Eunice.	eu	pretendia comprar	um par de sapatos para ela
Circunst. localização (lugar)	Experenciador	Proc. mental desiderativo	Oração projetada

mas	os custos dos generos alimentícios	nos impede	a realização dos nossos sonhos
Elem. textual	Portador	Proc relacional intensivo	Atributo circunstancial

Atualmente	[nós]	somos	escravos do custo de vida.
Circunst. localização (tempo)	Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Atributo

Eu	achei	um par de sapatos	no lixo
Ator	Proc. material	Meta	Circunst. localização (lugar)

[eu]	lavei	[os sapatos]
Ator em elipse	Proc. mat.	Meta

[eu]	remendei	[os sapatos]
------	----------	--------------

Ator em elipse	Proc. mat.	Meta em elipse
----------------	------------	----------------

para	ela	calçar	[os sapatos]
Elem. text.	Ator	Proc. mat.	Meta em elipse

Eu	não	tinha	um tostão
possuidor	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Possuído

para	[eu]	comprar	pão.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

Então	eu	lavei	3 litros
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

e	[eu]	troquei	[os litros]	com o Arnaldo.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta em elipse	Beneficiário

ele	ficou	com os litros
Port.	Proc. relacional atributivo	Atributo

e	[ele]	deu	me	pão.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Beneficiário recebedor	Meta

[eu]	fui receber	o dinheiro do papel
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	recebi	65 cruzeiros.
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	comprei	20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	o dinheiro	acabou-se.
Elem. Text.	Ator	Proc. mat.

Neste trecho, a circunstância de localização (lugar) delinea o cenário do aniversário de Vera Eunice, filha da narradora. O experienciador expressa o desejo de adquirir um par de sapatos para ela por meio do processo mental desiderativo.

No entanto, um obstáculo se apresenta: os custos relacionados aos alimentos, que atuam como portadores no processo relacional intensivo, impedem a realização desse desejo, impondo uma impossibilidade. A circunstância de tempo "atualmente", juntamente com o atributo "escravos do custo de vida", revela uma priorização urgente dos gastos essenciais em detrimento do presente para a filha.

Em contrapartida, surge uma solução para superar esse impasse. O agente revela ter encontrado um par de sapatos no lixo a partir do processo material "achou". Em seguida, realiza as etapas de lavagem e remendo para restaurar o par de sapatos resgatado.

Nos episódios subsequentes, ao encontrar sapatos no lixo, lavá-los e fazer os reparos necessários, reforça a necessidade de recorrer a ações práticas e eficientes diante do cenário de escassez.

A troca de litros com Arnaldo ilustra a dinâmica de barganha, trocar um item pelo outro. O beneficiário recebedor, recebe pão em troca dos litros, o que evidencia a interação entre os participantes.

A aquisição de alimentos e o esgotamento do dinheiro destacam-se como elementos centrais e ressaltam a luta contínua diante da pobreza. Neste trecho, as

escolhas linguísticas apresentadas no texto constataam a pobreza vinculada ao aspecto material. As descrições das dificuldades financeiras, das ações práticas diante da escassez e dos obstáculos econômicos ressaltam a natureza primordialmente física da privação vivenciada participantes.

Excerto (2)

16 DE JULHO Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. **Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha.** Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. **Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender.** Deu 13 cruzeiros. **Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava!** Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. **Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. [...]** (JESUS, Carolina, p. 10-11)

[eu]	avisei	as crianças	que não tinha pão.
Dizente em elipse	Proc. verbal	Receptor	Relato

que	[eles]	tomassem	café simples
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eles]	comesse	carne com farinha
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

tudo quanto	eu	encontro	no lixo
	Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

eu	cato	para vender
Ator	Proc. material	Meta

eu	fiquei pensando	que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava!
----	-----------------	--

Experienciador	Proc. mental cognitivo	Oração projetada
----------------	------------------------	------------------

que	[eu]	precisava comprar	pão, sabão e leite	E os 13 cruzeiros não dava!	
Elem. textual	Ator em elipse	em	Proc. material	Meta	Circunst. causa (razão)

[eu]	cheguei	em casa, aliás no meu barracão,	nervosa e exausta.
Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)	Circunst. modo (qualidade)

[eu]	pensei	na vida atribulada que eu levo.
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

[eu]	cato	papel
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	lavo	roupa	para dois jovens
Ator em elipse	Proc. material	Meta	Beneficiário

[eu]	permaneço	na rua o dia todo
Portador em elipse	Proc. relacional atributivo	Atributo circunstancial localização (lugar)

e	[eu]	estou	sempre em falta.
Elem. textual	Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

A Vera	não	tem	sapatos.
Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

Neste trecho, são identificadas quatro categorias distintas de processos, a saber: verbal, material, mental e relacional. O processo verbal "avisei", desempenhado pelo ator

em elipse “eu”, direciona uma mensagem ao receptor “às crianças”. Subsequentemente, há uma sequência de processos materiais, como "tomasse", "comesse", "encontro", "cato", "comprar", "cheguei" e "lavo", que delinea uma série de ações realizadas pelo ator “eu” para contornar a situação adversa.

Destaca-se, entre essas ações, o processo material "encontro", que detalha a busca ativa por recursos no lixo, o qual evidencia um esforço ativo em encontrar alternativas. Os processos materiais "tomasse" e "comesse" estão intrinsecamente relacionados à tomada de decisões para evitar a fome dos filhos, que nesse caso, são realizadas nas metas “café simples” e “carne com farinha”. Nota-se que são os alimentos disponíveis naquele momento, o que explicita a carência alimentar.

Em seguida, o processo material “encontro”, realizado pelo ator “eu”, destaca o esforço constante para encontrar soluções práticas, neste caso o ator busca a alternativa de catar tudo que possa lhe gerar um tipo dinheiro.

O processo mental cognitivo "pensando" introduz uma dimensão psicológica, a qual salienta que a pobreza transcende o aspecto físico, tendo repercussões emocionais mais abstratas. Neste caso, a oração projetada “que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava!”, revela a preocupação no nível psicológico e emocional, uma vez que há uma preocupação eminente por parte do experienciador.

O processo relacional atributivo "permanece" explicita que a pessoa em elipse busca alternativas ao dedicar o dia todo ao trabalho. Isso é demonstrado pelo atributo circunstancial de localização, que indica a permanência do portador em elipse “eu” na rua ao longo de todo o dia. Ademais, este cenário evidencia a busca incansável por uma fonte de renda que possa atender, pelo menos minimamente, às necessidades diárias. Essa situação ressalta a complexidade e a intensidade do esforço empreendido para garantir a subsistência, a qual sublinha a importância de encontrar meios que possam suprir as demandas básicas da vida cotidiana.

Portanto, este trecho revela uma constatação clara de que a pobreza, além de manifestar-se nas limitações materiais, também impõe um fardo emocional significativo, que gera um ciclo interligado de privações físicas e emocionais.

Excerto (3):

17 de julho [...] Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água. Fiz café. **Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, pois feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espirita da Rua Vergueiro 103. [...] Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. [...]** (JESUS, Carolina, p. 10-11)

[eu]	tendo	só um pedaço de pão e 3 cruzeiros.
Portador em elipse	Proc. relacional possessivo	Atributo

[eu]	dei	pedaço	a cada um
Ator em elipse	Proc. material	Meta	Beneficiário

[eu]	pois	feijão	no fogo
Ator em elipse	Proc. material	Meta	Circunst. Localização (lugar)

que	[eu]	ganhei	do Centro Espirita da Rua Vergueiro 103.
Elem. textual	Beneficiário em elipse	Proc. material	Circunst. Localização (lugar)

[eu]	fui lavar	as minhas roupas
Ator em elipse	Proc. mat.	Meta

quando	[eu]	retornei	do rio
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

o feijão	estava	cozido.
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

Os filhos	pediram	pão.
-----------	---------	------

Dizente	Proc. verbal	Relato
---------	--------------	--------

[eu]	dei	os 3 cruzeiros	ao João José
Ator em elipse	Proc. material	Meta	Beneficiário

para	[ele]	ir comprar	pão.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. mat.	Meta

[eu]	precisava	de dinheiro
Ator em elipse	Proc. material	Meta

eu	não	tinha	dinheiro	em casa
Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo	Circunst. localização (lugar)

para	[eu]	comprar	pão
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

Neste excerto, o ator em elipse “eu” realiza o processo material "dei" o pedaço de pão, beneficiando os filhos. Em seguida, o ator em elipse “eu” executa o processo material "pus feijão para cozinhar no fogo", o que indica uma ação relacionada à preparação de um único tipo de alimento, demonstrando a escassez de outras opções que complementassem uma refeição completa.

Em seguida, a origem do feijão é explicada, o beneficiário “eu” explicita por meio do processo material “ganhei” a origem do alimento, que foi proveniente do Centro Espírita da Rua Vergueiro 103, que sugere a procedência dessa aquisição como ganho de instituição de caridade.

Logo após, a narradora destaca o pedido por pão realizado por seus filhos. Neste caso, "Os filhos" atuam como dizente, os quais realizam o processo verbal "pediram", neste caso, pão. Isso descreve uma solicitação ou necessidade expressa pelos filhos.

O Ator em elipse realiza o processo material de dar "dei 3 cruzeiros", beneficiando João José para que ele possa comprar pão. Isso demonstra uma ação de apoio financeiro para atender a uma necessidade específica e urgente que é a compra de pão.

No trecho: "[eu] precisava de dinheiro", expressa-se a necessidade com o processo material "precisava", especificando a meta, que é o dinheiro, como uma necessidade mais emergente naquele momento, o que evidencia uma carência de recursos financeiros.

Em "eu não tinha dinheiro em casa para [eu] comprar pão", aqui, "eu" é identificado como portador da falta ou ausência "não tinha dinheiro em casa", atribuindo essa condição como circunstância para a ação de comprar pão. Ponto que destaca a falta de recursos como um impedimento para uma determinada ação de compra.

No texto analisado, evidencia-se a predominância dos processos materiais, os quais destacam ações físicas ou tangíveis. Observa-se a distribuição de um pequeno pedaço de pão entre os filhos, o que evidencia a escassez desse recurso alimentar. Além disso, a narradora relata o processo material "ganhei" ao referir-se à obtenção de feijão, reforçando a natureza concreta das ações realizadas para adquirir alimentos.

As escolhas linguísticas também apontam para a interação entre os personagens no contexto da obtenção de alimentos, notadamente o pão. Os filhos são representados como dizentes por meio do processo verbal "pediram", além de expressar uma necessidade específica. A protagonista atende a essa demanda ao usar o processo material "dei", seu último recurso financeiro para fornecer ao beneficiário João José, para viabilizar a aquisição do pão.

Ademais, é explicitada a carência financeira pelo processo material "precisava". O portador "eu", aliado ao elemento interpessoal "não", ressalta a falta de recursos financeiros, que denota a ausência de recursos ao afirmar "não tinha dinheiro em casa", e destaca a precariedade econômica presente no contexto descrito.

O trecho evidencia pobreza física, pois descreve a escassez de alimentos, representada por um modesto pedaço de pão e uma quantia financeira limitada. A narrativa enfatiza a busca por recursos básicos, como água, café, e a dependência de doações, como o feijão recebido do Centro Espírita. A distribuição limitada de recursos entre os filhos, com a necessidade de enviar João José para comprar pão, ressalta a

carência material predominante no contexto, relegando considerações emocionais a um segundo plano.

Excerto (4):

18 DE JULHO [...] Agora que o Senhor Heitor ligou a luz! E eu, vou lavar as crianças para irem para o leito, porque eu preciso sair. **Preciso dinheiro para pagar a luz.** Aqui é assim. A gente não gasta luz, mas precisa pagar. Saí e fui catar papel. Andava depressa porque já era tarde. Encontrei uma senhora. Ia maldizendo sua vida conjugal. Observei mas não disse nada. [...] (JESUS, Carolina, p.13)

[eu]	preciso	de dinheiro
Ator em elipse	Proc. material	Meta

para	[eu]	pagar	a luz.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

Neste fragmento, o ator em elipse "eu", expressa, por meio do processo material "preciso", a necessidade da meta "dinheiro". A articulação subsequente, "para eu pagar a luz", delinea claramente a finalidade do ator, a qual indica que o processo material mencionado, ou seja, a necessidade de dinheiro, está direcionado para o cumprimento da meta subsequente: o pagamento da conta de luz.

Essa estrutura linguística revela a conexão direta entre a busca por recursos financeiros e a urgência imediata de saldar uma despesa vital, de modo a sublinhar assim a pressão financeira e a premência de satisfazer necessidades básicas frente à escassez de recursos, e proporcionar uma visão elucidativa dos desafios inerentes à condição de pobreza.

Neste exemplo, fica evidente a prevalência da pobreza financeira, associada à dificuldade de dispor de dinheiro para quitar a conta de luz.

Excerto (5):

27 DE JULHO Levantei de manhã e fui buscar água. Discuti com o esposo da Silvia porque ele não queria deixar eu encher minhas latas. **Não tinha dinheiro em casa. Esquentei comida amanhecida e dei aos meninos.** ...O Senhor Ireno disse-me que esta noite houve roubo na favela. Que roubaram roupas da D. Floreia e mil cruzeiros de D. Paulina. O meu barracão também está sendo visado. Duas noites que não saio para catar papel. [...] (JESUS, Carolina, p.24).

[eu]	não	tinha	dinheiro	em casa
Possuidor em elipse	Elem. Textual	Proc. Relacional possessivo	Possuído	Circunst. localização (lugar)

[eu]	esquentei	comida amanhecida
Ator em elipse	Proc. material	meta

e	[eu]	dei	para os meninos
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Beneficiário

Neste trecho, é verificada a presença de um processo relacional e processos materiais. Na primeira oração, o processo relacional possessivo destaca a ausência do dinheiro por parte do possuidor em elipse “eu”.

A circunstância de localização (lugar) “em casa”, refere-se à ausência de recursos financeiros no ambiente doméstico e aponta para uma situação de carência econômica, expressada pelo elemento interpessoal “não”. Essa declaração, dentro do contexto apresentado, evidencia dificuldades econômicas, que impactam a disponibilidade de recursos para suprir necessidades básicas.

Em seguida, nota-se que o texto salienta uma tentativa de solucionar o problema, o ator em elipse “eu”, realiza por meio do processo material “esquentar comida

amanhecida” e dar aos beneficiários “meninos”. A ação de aquecer e compartilhar comida do dia anterior indica a utilização de recursos restantes para evitar o desperdício de alimentos, possivelmente devido à escassez de recursos para adquirir ou preparar novas refeições.

Este ato, possivelmente motivado pela falta de recursos para adquirir ou preparar novas refeições, demonstra a preocupação em compartilhar recursos escassos, para garantindo que os meninos tenham acesso à alimentação, mesmo diante das limitações financeiras. Neste contexto, destaca-se a pobreza física, diretamente vinculada à insuficiência de recursos financeiros para conseguir alimentos.

Excerto (6):

“3 DE MAIO ...Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.” (JESUS, Carolina, p.25)

[eu]	fui	na feira da Rua Carlos de Campos
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

catar	qualquer coisa.
Proc. material	Meta

[eu]	ganhei	bastante	verdura
Beneficiário em elipse	Proc. material	Circunst. modo (grau)	Meta

mas	ficou	sem efeito
Elem. interpessoal	Proc. relacional intensivo atributivo	Atributo

porque	eu	não	tenho	gordura.
Elem. textual	Possuidor	Elemen.	Proc. relacional possessivo	Possuído

		interpessoal		
--	--	--------------	--	--

os meninos	estão	nervosos	por não ter o que comer
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo	Atributo circunstancial (causa)

No exemplo dado, o ator em elipse “eu” destaca a ida à feira, em que o processo "catar" sugere a busca por algo não especificado, como se pode constatar na meta “qualquer coisa”. Geralmente, nas feiras, restam itens que são descartados e muitas vezes as pessoas mais necessitadas aproveitam frutas e verduras provenientes desse descarte.

Em seguida, o beneficiário em elipse “eu” destaca, através da circunstância de modo (grau) "bastante", a obtenção de uma quantidade significativa de verduras, classificada aqui como meta dentro deste contexto. A obtenção das verduras foi prejudicada lamentavelmente pelo fato de o portador em elipse “eu” indicar negativamente, a partir do elemento interpessoal "não", que obtenção das verduras foi prejudicada pela falta de recursos, especificamente a falta de gordura, o que inviabilizou o propósito alimentar.

A preocupação e nervosismo dos meninos, outro processo relacional intensivo atributivo, evidencia a falta de comida como causa, o que revela uma situação de carência alimentar no contexto familiar, devido à escassez de recursos para suprir necessidades básicas. Essa intensa preocupação dos meninos reflete a gravidade da situação de pobreza alimentar vivenciada. Por fim, o processo relacional “estão” evidencia, por meio do atributo “nervosos”, o estado emocional das crianças quando não têm comida disponível.

A vivência da pobreza física, marcada pela escassez de recursos para suprir necessidades básicas, como alimentação, não apenas se reflete no corpo, mas também impacta profundamente o bem-estar emocional. Ao visitar a feira, na rua Carlos de Campos, em busca de qualquer alimento disponível, a obtenção de uma quantidade significativa de verduras, apesar de bem-intencionada, se torna limitada pela ausência de outros elementos nutricionais essenciais. A falta de gordura na dieta compromete a saúde

física e gera um impacto emocional, pois a nutrição inadequada pode contribuir para sentimento de frustração, desânimo e até mesmo agravar o estresse emocional.

Além disso, a situação é intensificada pela observação dos meninos, que enfatizam um nervosismo diante da escassez alimentar. A ansiedade resultante da incerteza sobre a próxima refeição afeta o estado emocional imediato e pode gerar preocupações de longo prazo sobre a segurança alimentar. A pobreza, nesse contexto, transcende a dimensão física e manifesta-se como uma carga emocional, que impacta o bem-estar psicológico não só daqueles que enfrentam a escassez, mas também da comunidade como um todo.

Excerto (7):

11 DE MAIO Dia das Mães. O céu está azul e branco. Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos dos seus filhos. ...O sol vai galgando. Hoje não vai chover. Hoje é o nosso dia. ...A D. Teresinha veio visitar-me. Ela deu-me 15 cruzeiros. Disse-me que era para a Vera ir no circo. **Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho 4 cruzeiros. ...Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje puis os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar.** ...Surgiu a noite. As estrelas estão ocultas. O barraco está cheio de pernilongos. Eu vou acender uma folha de jornal e passar pelas paredes. E assim que os favelados matam mosquitos. (JESUS, Carolina, p.26)

A D. Teresinha	Veio visitar-	me
Ator	Proc. material	Beneficiário

Ela	deu-	me	15 cruzeiros.
Ator	Proc. material	Beneficiário	Meta

[ela]	Disse-	me	que era para a Vera ir no circo.
Dizente em elipse	Proc. verbal	Receptor	Relato

mas	eu	vou deixar	o dinheiro
Elem. textual	Ator	Proc material	Meta

para	[eu]	comprar	pão	amanhã
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta	Circunst. localização (tempo)

porque	eu	só	tenho	4 cruzeiros
Elem. textual	Possuidor	Elem. textual	Proc. relacional possessivo	Possuído

ontem	eu	ganhei	metade de uma cabeça de porco	no frigorífico.
Circun. Localização (tempo)	Beneficiário	Proc. material	Meta	Circun. Localização (lugar)

[nós]	comemos		a carne
Ator em elipse	Proc. material		Meta

e	[eu]	guardei	os ossos
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	hoje	[eu]	puis	os ossos
Elem. textual	Circun. Localização (tempo)	Ator em elipse	Proc. material	Meta

para	ferver
Elem. textual	Proc. material

E com o caldo	[eu]	fiz	as batatas
Circunst. modo (meio)	Ator em elipse	Proc. material	Meta

os meus filhos	estão	sempre	com fome
Portador	Proc. relacional intensivo	Circunst. extensão (frequência)	Atributo

quando	eles	passam	muita	fome
Elem. textual	Experienciador	Processo mental perceptivo	Circunst. extensão (frequência)	Fenômeno

eles	não	são	exigentes no paladar.
Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional intensivo	Atributo

Neste trecho, identifica-se a presença de diversos tipos de orações. Inicialmente, o processo material "visitar" é evidenciado, em que Dona Terezinha atua como o ator, e "Me" é o beneficiário. Em seguida, a descrição da assistência financeira fornecida por Dona Terezinha revela um processo material, no qual ela age como o ator que executa a ação de dar, "me" é o beneficiário, e a meta é a quantia de 15 cruzeiros.

Posteriormente, surge um processo verbal na oração em que ela comunica que era para Vera ir ao circo. Nesse contexto, Dona Terezinha é o dizente em elipse, o processo

verbal é "dizer", "Me" é o receptor da informação, e o relato explicita a orientação para Vera ir ao circo.

Nessa conjuntura, o ator "eu" revela hesitação ao considerar o uso do dinheiro para atividades de lazer. Opta, ao invés disso, por uma abordagem mais necessária, utilizando o processo material "deixar" com o dinheiro como meta. Em seguida, estabelece outro processo material, "comprar", "pão" que atua neste caso como meta, e "amanhã" como circunstância de localização (tempo). Essa escolha denota uma clara priorização das necessidades alimentares sobre as atividades recreativas, a qual salienta a importância atribuída à subsistência diante da incerteza financeira.

Posteriormente, surge uma breve justificativa no trecho "porque eu só tenho quatro cruzeiros". Nessa situação, o ator "eu" assume o papel de possuidor, e os "4 cruzeiros" desempenha o papel de possuído, o que revela que há uma quantia limitada disponível.

As experiências alimentares, como ganhar metade de uma cabeça de porco, comer a carne, guardar e depois ferver os ossos, destacam processos materiais relacionados à gestão dos recursos alimentares em face da escassez. A constante fome dos filhos é descrita como um atributo no processo relacional intensivo.

No texto, destaca-se a abordagem da pobreza física por meio da descrição de várias ações práticas adotadas para enfrentar a escassez de recursos. Inicialmente, relata-se a visita de D. Teresinha, que traz consigo benefícios financeiros (15 cruzeiros) para auxiliar na compra de alimentos, sublinhando a solidariedade como uma resposta à necessidade material.

Adicionalmente, o texto menciona a decisão de deixar dinheiro para adquirir pão no dia seguinte, que revela planejamento e estratégia para garantir a alimentação básica diante da limitação financeira. O aproveitamento integral dos alimentos, exemplificado pela utilização dos ossos para fazer caldo e pela eficiente utilização da carne, demonstra uma prática de otimização dos recursos disponíveis.

Em síntese, no texto, a abordagem da pobreza física é conduzida por meio de soluções práticas, como a colaboração com outras pessoas, o planejamento financeiro para a aquisição de alimentos essenciais e a eficiente utilização dos recursos disponíveis para garantir a subsistência. Essas estratégias refletem uma abordagem proativa diante das dificuldades materiais.

Excerto (8):

13 DE MAIO Hoje amanheceu chovendo. E um dia simpático para mim. E o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes espiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. Continua chovendo. **E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: —Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: —"Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina." ...Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!** (JESUS, Carolina, p.27)

e	eu	tenho	só	feijão e sal
Elem. textual	Portador	Processo relacional possessivo	Circunst. Modo (grau)	Possuído

Eu	tenho	Tanto dó dos meus filhos.
Portador	Proc. relacional	Atributo

Quando	eles	vê	as coisas de comer
--------	------	----	--------------------

Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno
---------------	----------------	-------------------------	----------

eles	Brada:	—Viva a mamãe!	
Dizente	Proc. verbal	Citação	

A manifestação	agrada-	me	
Fenômeno	Proc. mental emotivo	Experienciador	

mas	eu	já	perdi	o habito de sorrir.
Elem. interpessoal	Ator	Elem. textual	Proc. material	Meta

Dez minutos depois	eles	querem	mais	comida
Circunst. localização lugar (tempo)	Experienciador	Proc. mental desiderativo	Circunst. Modo (grau)	Fenômeno

eu	mandei	O João	
ator	Proc. material	Meta	

pedir	um pouquinho	de gordura	A Dona Ida
Proc. material	Circunst. Modo (grau)	Meta	Beneficiário receptor

ela	não	tinha	
-----	-----	-------	--

Possuidor	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo
-----------	--------------------	--------------------------------

A Vera	começou pedir	comida.
Ator	Proc. material	Meta

e	eu	não	tinha
Elem textual	Possuidor	Elem. interpessoal	Proc. relacional

Era a reprise do espetáculo.	eu	estava	com dois cruzeiros.
Circunst. localização (lugar)	Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	Pretendia comprar	um pouco	de farinha
Exerenciador em elipse	Proc. mental desiderativo	Circunst. Modo (grau)	Fenômeno

para	[eu]	fazer	um virado
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	fui pedir	um pouco	banha	dona alice.
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. Modo (grau)	Meta	Beneficiário cliente

Ela	deu-me	a banha e arroz.
Ator	Proc. material	Meta

Era 9 horas da noite	quando	[nós]	comemos
Circunst. localização lugar (tempo)	Elem. textual	Ator em elipse	Meta

E assim no dia 13 de maio de 1958	eu	Lutava contra	a escravatura atual: — a fome!
Circunst. localização lugar (tempo)	Comportante	Proc. comportamental	Circunst. causa (finalidade)

Neste segmento, evidenciam-se diversos tipos de processos que descrevem a dinâmica da situação apresentada. Inicialmente, destaca-se o processo relacional possessivo "tenho", o qual explicita os alimentos disponíveis na circunstância narrada. Em seguida, a mesma construção relacional "tenho" sinaliza, por meio do atributo "tanta dó dos meus filhos", um sentimento de compaixão diante da situação de pobreza enfrentada pelos filhos. Subsequentemente, apresenta-se o experienciador "eles", através do processo mental perceptivo "vê", que evidencia a percepção fenomenológica relacionada às condições alimentares.

Posteriormente, surge o processo verbal "brada", que carrega a mesma conotação de gritar ou exclamar, conforme demonstrado na citação "Viva mamãe". Aqui, "eles" assume o papel de dizente. Logo em seguida, o processo mental emotivo "agrada" revela um sentimento emotivo, no qual a manifestação é o fenômeno, e "me" desempenha o papel de experienciador.

Nesse contexto, surge o processo material "perdi", que atua como uma ação concreta, em que o hábito de sorrir é classificado como a meta, sendo o ator explicitamente mencionado como "eu". Apesar da manifestação anterior de felicidade por parte dos filhos quando há alimento disponível, aqui há a afirmação da perda do hábito de sorrir, que indica ausência de alegria e contentamento.

Em continuação, o processo mental desiderativo "querem" expressa o desejo do experienciador "eles", representados pelos filhos. A circunstância de localização tempo "em 10 minutos depois", evidencia a breve satisfação que os filhos têm com a disponibilidade de alimento.

Logo em seguida, observa-se uma sequência de processos materiais "mandou", em que "eu" atua como agente, "João" é o processo material, e "pedir um pouquinho de gordura" é a meta direcionada à beneficiária receptora, que, neste caso, é "Dona Ida". Contudo, há uma resposta negativa, na qual "ela", por meio do elemento interpessoal "não", explicita a recusa em fornecer a gordura. O processo relacional "tinha" possessivo destaca que ela não possuía a gordura desejada.

Excerto (9):

16 DE MAIO **Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. ...Eu não ia comer porque o pão era pouco.** Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, Carolina, p.28).

eu	amanheci	nervosa.
Comportante	Proc. comportamental	Circunst. Modo (qualidade)

porque	eu	queria ficar	em casa
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental desiderativo	Fenômeno

mas	eu	não	tinha	nada
Elem. textual	Possuidor	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	comer
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

eu	não	ia comer
Ator	Elem. interpessoal	Proc. material

porque	o pão	era	pouco.
elem. textual	Portador	Proc. relacional atributivo	Atributo

eu	quando	estou	com fome
Portador	Elem. textual	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	quero matar	o Janio
Experienciador	Proc. mental desiderativo	Fenômeno

[eu]	[quero] enforçar	o Adhemar
Experienciador	Proc. mental desiderativo	Fenômeno

e	[quero] queimar	o Juscelino.
Elem. textual	Proc. material	Meta

as dificuldades	corta	o afeto	do povo pelos políticos.
Ator	Proc. material	Meta	Beneficiário receptor

No início do relato, a protagonista se apresenta como o "comportante", o que evidencia um estado emocional ao amanhecer, marcado pela nervosia, destacando-se o processo comportamental "amanheci" com a circunstância de modo "nervosa".

A seguir, a narradora expressa um desejo, a qual atua como "experienciadora", por meio do processo mental desiderativo "queria ficar em casa", em que a experiência desejada é permanecer no ambiente domiciliar. Entretanto, a atmosfera inicial de desejo é confrontada pela constatação de ausência de recursos, sendo a narradora também o "possuidor" que não tinha nada, o que revela um estado de carência e escassez.

A motivação alimentar é introduzida com a expressão "para [eu] comer", em que a narradora assume o papel de ator em eclipse no processo material de comer. Essa intenção é modificada posteriormente pela negação "eu não ia comer", a qual evidencia a influência das condições adversas na decisão de alimentação. A escassez de pão é apontada como atributo do portador na oração "porque o pão era pouco" e ressalta a limitação de recursos alimentares. A condição de estar com fome é apresentada como atributo do portador "eu, quando estou com fome", indicando uma situação de privação alimentar.

Os desejos hostis de matar, enforcar e queimar figuras políticas específicas, expressos nos fenômenos "quero matar o Janio", "[eu] [quero] enforcar o Adhemar" e "e [quero] queimar o Juscelino", revelam um profundo descontentamento e insatisfação com a situação política.

A conclusão destaca o impacto das dificuldades na relação emocional do povo com os políticos, em que as adversidades são representadas como um ator que corta o afeto, sendo o povo pelos políticos o beneficiário recebedor.

Assim, a narrativa reflete um estado emocional inicial de nervosismo, seguido por um desejo confrontado pela falta de recursos, evidenciando a priorização das necessidades básicas, além de expressar descontentamento e hostilidade em relação ao contexto político. Esses elementos estão entrelaçados pela temática da pobreza, que influencia as emoções, decisões e percepções dos eventos narrados.

No texto fornecido, a pobreza está mais explicitamente relacionada à pobreza física. A narrativa destaca a escassez de recursos materiais, representada pela falta de comida ("eu não tinha nada", "porque o pão era pouco"). Embora não haja uma explícita abordagem das consequências emocionais da pobreza, alguns elementos, como o nervosismo inicial e os desejos hostis expressos, sugerem que a escassez material pode ter impactos emocionais na narradora.

No entanto, é importante observar que a abordagem emocional não é tão detalhada quanto a representação da escassez material. A narrativa foca mais nas condições materiais precárias do que nas emoções diretamente associadas à pobreza. Portanto, a pobreza física é mais explícita no texto, enquanto as implicações emocionais são sugeridas de maneira mais sutil.

Excerto (10):

17 DE MAIO **Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver?** Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo. ...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas: — Hum! Tá gostosa! A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (JESUS, Carolina, p.29)

[eu]	Levantei	nervosa	Com vontade de morrer
Ator	proc. material	Circunst. Modo (qualidade)	

Com	vontade de	[eu]	morrer
Elem. textual	Proc. mental desiderativo	Experienciador em elipse	Fenômeno

já que	os pobres	estão	mal colocados
Elem. textual	Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

para que	[eu]	viver?
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

Neste contexto, identificam-se três categorias de processos que permeiam a análise. Inicialmente, destaca-se o processo material "levantei", cuja circunstância de modo evidencia a emoção com a qual o ator amanheceu ou despertou. Em seguida, a expressão "com vontade de morrer" revela um processo mental desiderativo, o que indica um desejo profundo de encerrar a própria vida.

Posteriormente, a afirmação "já que os pobres estão mal colocados" apresenta um processo relacional intensivo, em que os "pobres" atuam como portadores e a expressão "estão mal colocados" indica a condição desfavorável. Por fim, a indagação "Para que amanheci?" encerra o trecho ao introduzir uma reflexão sobre a finalidade do ato de amanhecer, tornando-se um ponto de questionamento.

Neste último parágrafo, acrescenta-se que, nesse contexto, o ator em elipse, representado por "eu", utiliza o processo material "viver" para questionar a respeito da existência em condições precárias de pobreza. Isso amplia a reflexão sobre a finalidade da própria vida diante das adversidades socioeconômicas. Assim, a interligação desses processos confere coesão e coerência à análise, o que revela as nuances emocionais, reflexivas e existenciais presentes na experiência narrada.

A análise evidencia uma predominância da pobreza emocional, pois os processos destacados estão mais associados a estados mentais, emoções e reflexões sobre a existência. O uso de termos como "com vontade de morrer", a reflexão sobre a condição dos pobres e o questionamento sobre a finalidade de amanhecer sugerem uma abordagem mais voltada para a dimensão emocional e psicológica da pobreza. Embora o contexto possa estar relacionado a condições precárias de vida, a ênfase recai nas experiências subjetivas e nas respostas emocionais diante dessas adversidades.

Excerto (11):

20 DE MAIO O dia vinha surgindo quando eu deixei o leito. A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José Carlos tomaram parte. Amanheceu garoando. O Sol está elevando-se. Mas o seu calor não dissipa o frio. Eu fico pensando: tem época que é Sol que predomina. Tem época que é a chuva. Tem época que é o vento. Agora é a vez do frio. E entre eles não deve haver rivalidades. Cada um por sua vez. Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descoloridos e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitot que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. E os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada.[..] **Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. [...].** Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. **Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: —Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos. Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cerebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.** (JESUS, Carolina, p.32).

[eu]	sou	rebotalho
Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	estou	no quarto de despejo
Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Atributo circunst. (lugar)

e o que	está	no quarto de despejo
Elem. textual	Proc. relacional intensivo	Atributo circunst. (lugar)

ou	queima-se
Elem. textual	Proc. material

ou	joga-se	no lixo
----	---------	---------

Elem. textual	Proc. material	Circunst. localização (lugar)
---------------	----------------	----------------------------------

quem	não	conhece	a fome
Ator	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

há de	dizer:	“quem escreve isto é louco”
Elem. textual	Proc. verbal	Citação

mas	quem	passa	fome
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

há de	dizer:	—Muito bem, Carolina.
Elem. textual	Proc. verbal	Citação

Os generos alimentícios	deve ser	ao alcance de todos.
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

como	é	horível
Elem. textual	Elem. textual	Circunst. Modo (grau)

[eu]	ver	um filho um filho comer e perguntar: “Tem mais?”
Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

esta palavra	tem	mais
Atributo	Proc. relacional possessivo	Circunst. Modo (grau)

[ela]		fica oscilando	dentro do cerebro de uma mãe
Ator	em	Proc. material	Circunst.localização (lugar)
elipse			

que		olha	as panelas
Elem. textual		Proc. mental perceptivo	Fenômeno

e	não	tem	mais	[comida]
Elem. textual	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Circunst. modo (grau)	Atributo em elipse

No presente excerto, destaca-se a exposição da desvalorização e exclusão social enfrentadas por indivíduos estigmatizados pela sociedade. A ênfase recai na intensidade do afastamento social, sublinhando a exclusão desses indivíduos de maneira acentuada. A circunstância de lugar, representada pelo "quarto de despejo", não apenas ilustra um local físico de descarte, mas também simboliza a segregação social e a falta de oportunidades para aqueles que se encontram nesse contexto.

Assim, esse exemplo não apenas evidencia a pobreza material, mas também sublinha as consequências psicossociais derivadas da falta de recursos básicos, enfatizando a complexidade e a intensidade das dificuldades enfrentadas por esses grupos marginalizados. Ao mencionar a necessidade de acesso equitativo aos alimentos, destaca-se a importância da igualdade no acesso aos recursos básicos, que evidenciam a desigualdade estrutural que perpetua a condição de pobreza.

A imagem de uma mãe diante de panelas vazias, com a palavra "mais" ecoando em sua mente, retrata a angústia e impotência diante da impossibilidade de prover alimentação adequada à sua família, o que salienta a realidade dolorosa enfrentada por pessoas em situação de pobreza. O trecho utiliza recursos linguísticos para oferecer uma representação detalhada e emotiva da pobreza, a qual destaca a desigualdade social, a incompreensão daqueles que não vivenciam essa realidade e o sofrimento enfrentado por aqueles que lutam diariamente para suprir necessidades básicas, como alimentação.

Os tipos de participantes identificados desempenham papéis fundamentais na contextualização e reflexão sobre essas realidades. O "ator", representado por "quem não conhece a fome" e "quem passa fome", ressalta a divergência de perspectivas entre indivíduos que têm ou não experiência na privação alimentar. Essa divergência é evidenciada na citação "quem não conhece a fome há de dizer: 'quem escreve isto é louco'", o que demonstra a incompreensão daqueles que não vivenciam essa realidade, contrastando com a empatia expressa em "mas quem passa fome há de dizer: 'Muito bem, Carolina'".

Os tipos de processos presentes no texto contribuem para transmitir a complexidade dessas experiências. Os processos relacionais, como em "sou rebotinho", evidenciam a sensação de exclusão social enfrentada pelos marginalizados. Os "processos materiais", exemplificados por "queima-se" e "joga-se no lixo", refletem a ação de descartar ou destruir bens ou pessoas e ressaltam a desvalorização e o abandono nesse contexto.

As circunstâncias, principalmente a de lugar, exemplificada pelo "quarto de despejo", desempenham papel crucial na representação da pobreza, reforçando a marginalização e a exclusão social vivenciadas por aqueles em condições precárias. A interação entre os diversos participantes e processos cria um retrato vívido das dificuldades enfrentadas por pessoas em situação de vulnerabilidade, que ressalta a importância da compreensão e solidariedade para lidar com essas questões sociais complexas e urgentes.

A análise do texto sugere que a pobreza explicitada é predominantemente de natureza física. O foco recai nas condições materiais precárias, a qual evidencia a escassez de recursos básicos, como alimentos, e as dificuldades enfrentadas por aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Embora elementos emocionais, como angústia e impotência, também sejam destacados, a ênfase está na desigualdade material e nas consequências psicossociais decorrentes dessa privação.

Excerto (12):

21 DE MAIO [...]Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes eletricos. **Não tinha gordura. Puis a carne no fogo com uns tomates que eu catei lâ na Fabrica Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social cm relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão.** Vou cozinhar a batata doce. (JESUS, Carolina, p.34).

[Eu]	não	tinha	gordura
Portador em elipse	elem. textual	proc. relacional possessivo	atributo

[eu]	puis	a carne	no fogo	com uns tomates
Ator em elipse	proc. material	meta	Circunst. localização (lugar)	Circunt. modo (meio)

que	eu	catei	lã na Fabrica Peixe
Elem. textual	Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

puis	o cará e a batata. E agua.
Proc. material	Circunst. Modo (meio)

Assim que	[agua]	ferveu
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

eu	puis	o macarrão
ator	proc. material	meta

que	os meninos	cataram	no lixo
-----	------------	---------	---------

Elem. textual	Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)
---------------	------	----------------	-------------------------------

os favelados	aos poucos	estão convencendo-se
Experienciador	Circunst. Modo (grau)	Proc. mental cognitivo

que para	[eles]	viver precisam imitar	os corvos
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

amanhã	não	vou ter	pão
Circunst. localização (tempo)	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

No fragmento apresentado, é possível identificar a dinâmica de ações desempenhadas diante da escassez, o que salienta os tipos de processos, circunstâncias e participantes, todos correlacionados à vivência da pobreza.

Os processos materiais se manifestam nas atividades físicas descritas, como o ato de "pegar", "colocar", "catar" e "pôr", denotando esforços físicos para obter e manipular ingredientes na preparação dos alimentos. Essas ações enfatizam a busca incansável por meios alternativos de subsistência diante da carência de recursos básicos, uma característica marcante da pobreza.

Já o processo relacional "tinha" na expressão "não tinha gordura" indica uma relação de posse ou falta em relação a um recurso necessário, o que ilustra a privação enfrentada pelo narrador.

O texto evidencia a experiência direta dessa escassez e demonstra a busca ativa por soluções em um ambiente de privação. Paralelamente, a menção aos meninos que "cataram" macarrão no lixo ressalta a vulnerabilidade de grupos sociais frente à falta de recursos, o que revela estratégias extremas adotadas para suprir a ausência de alimentos.

Assim, a relação dos processos, circunstâncias e participantes neste contexto retrata a constante luta e adaptação em meio à privação de recursos, além de evidenciar

a resiliência e a busca por alternativas para enfrentar as adversidades impostas pela condição de pobreza.

A narrativa apresenta uma predominância na representação da pobreza física, manifestada pelas adversidades na obtenção de itens alimentares essenciais, exemplificados pela escassez de pão e pela falta de gordura. A exposição minuciosa sublinha a precariedade nas condições materiais e ressalta a batalha cotidiana para atender às necessidades fundamentais de alimentação.

Excerto (13):

22 DE MAIO [...] Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela. ...**O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível.** A Vera é a única que reclama e pede mais. [...] (JESUS, Carolina, p.36).

No trecho fornecido, observa-se uma sequência de eventos que ilustram a interação do participante (ator), os tipos de processos envolvidos, as circunstâncias e sua relação com a condição de pobreza.

O ator principal "eu" representa o indivíduo central que realiza as ações descritas no contexto. Dentre os tipos de processos presentes, destacam-se o processo material, evidenciado na falta de recursos financeiros para adquirir itens como carne para refeições, e o processo relacional possessivo, que reflete a ausência de um ingrediente básico, a gordura, crucial na culinária.

Além disso, há o processo relacional intensivo atributivo, que expressa uma avaliação negativa do resultado final da ação e salienta que o produto final da preparação ficou "horrível". Essa avaliação pode ser interpretada como resultado da improvisação decorrente da limitação de ingredientes disponíveis.

A intenção inicial do Ator "eu" em comprar carne, porém, devido à falta de recursos financeiros, houve a necessidade de adaptação. Essa adaptação foi evidenciada na preparação do macarrão com cenoura, em substituição a pratos convencionais, o que

demonstra a criatividade e a busca por alternativas nutricionais diante da escassez de recursos.

Assim, esse trecho representa a realidade da pobreza e ressalta a restrição econômica que limita a capacidade de adquirir itens básicos para alimentação. A ausência de ingredientes comuns na culinária ressalta a escassez enfrentada em contextos de carência financeira. A adaptação na preparação dos alimentos revela a necessidade de buscar alternativas diante da falta de recursos, exemplificando a habilidade de lidar com a escassez alimentar de maneira criativa.

Excerto (14):

26 DE MAIO Amanheceu chovendo. E eu tenho só 4 cruzeiros, e um pouco de comida que sobrou de ontem e uns ossos. Fui buscar água para por os ossos ferver. Ainda tem um pouco de macarrão, eu faço uma sopa para os meninos. Vi uma vizinha lavando feijão. Fiquei com inveja. (...) **Faz duas semanas que eu não lavo roupas por não ter sabão.** Vendi umas taboas por 40 cruzeiros. A mulher disse-me que paga hoje. Se ela pagar eu compro sabão. ...Ha dias que não vinha policia aqui na favela, e hoje veio, porque o Julião deu no pai. Deu-lhe uma cacetada com tanta violência, que o velho chorou e foi chamar a policia. (JESUS, Carolina, p.38).

No trecho em análise, observa-se a impossibilidade do Ator “eu” em desempenhar a tarefa de lavar roupas, cuja causa é atribuída à falta de sabão. Tal cenário indica a interrupção dessa atividade específica devido à ausência desse recurso essencial para a execução do processo de lavagem de roupas.

A indisponibilidade do sabão resulta na impossibilidade de execução de tarefas cotidianas. Esta situação explicita a dependência crítica de certos recursos para a consecução de atividades domésticas básicas, sublinhando a importância desses itens na rotina diária.

Com uma análise mais detalhada, foi possível identificar o processo relacional possessivo “ter” presente na frase "Por não ter sabão", que evidencia a ausência de posse do sabão por parte do agente, o que inviabiliza, assim, a realização da tarefa em questão.

O sabão, como atributo imprescindível, encontra-se ausente, resultando na inviabilidade do processo de lavagem de roupas.

Excerto (15):

27 DE MAIO ...Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. **Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino, marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel.** Quando eu penetrei na rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. Eram limpos, eu deixei e fui para o depósito. (JESUS, Carolina, p.38-39).

O trecho fornecido apresenta uma análise detalhada de uma experiência relacionada à fome. A estrutura do texto evidencia diferentes participantes e circunstâncias que compõem o excerto, delineando a complexidade dessa experiência.

Os participantes identificados no texto incluem o ator ou experienciador, representado pela pessoa que está passando pela experiência de fome, relatando sensações físicas como tontura e boca amarga, bem como reflexões sobre a condição vivida. Além disso, elementos textuais são empregados para introduzir ações e reflexões, que enriquecem a narrativa ao destacar momentos de percepção e análise sobre a situação.

As circunstâncias identificadas no trecho descrevem diferentes aspectos da experiência da fome. As circunstâncias de processo material detalham ações ou processos em andamento, como a não ingestão de café ou a caminhada da pessoa. Circunstâncias de modo oferecem uma qualidade à ação, exemplificada pela sensação de estar "meio tonta". A comparação entre a tontura da fome e a do álcool é descrita como uma comparação. Adicionalmente, as circunstâncias de localização ilustram a sensação física de ter apenas ar no estômago, uma consequência direta da falta de alimentos.

A relação entre o trecho e a pobreza é inegável, uma vez que a descrição minuciosa das sensações físicas e emocionais associadas à fome ressoa com a experiência de

muitas pessoas que vivem em condições de pobreza. A falta de acesso regular e suficiente à alimentação adequada resulta em consequências físicas desfavoráveis, como tontura e fraqueza, além de ter um impacto significativo no estado emocional, levando à reflexão sobre as adversidades enfrentadas na vida.

Portanto, considerar o trecho como uma representação da pobreza é pertinente, já que evidencia os efeitos adversos e impactantes dessa condição na saúde física e mental. A ausência de alimentos suficientes para atender necessidades básicas leva a sensações físicas desfavoráveis e desencadeia um processo reflexivo sobre as dificuldades enfrentadas por aqueles que vivenciam a pobreza extrema. Dessa forma, a descrição detalhada das sensações experimentadas é uma representação vívida dos desafios enfrentados por indivíduos em situações de privação alimentar e pobreza.

Excerto (16):

28 DE MAIO Amanheceu chovendo. Tenho só três cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados. ...E o pior na favela é o que as crianças presenciam. (JESUS, Carolina, p.39).

Amanheceu chovendo.	[eu]	tenho	só três cruzeiros
Circunt. modo (qualidade)	Portador	Proc. relacional possessivo	Atributo

porque	[eu]	emprestei	5	para	Leila
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta	Elem. textual	Beneficiário receptor

ir buscar	a filha	no hospital
Proc. material	Meta	Circunt. localização (lugar)

[eu]	estou	Desorientada sem saber o que iniciar
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	estou	com frio
Portador	Proc. relacional	Atributo

e	[eu]	não	tenho	sapato
Elem. textual	Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	calçar
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

os sapatos	dos meninos	estão	furados
Atributo	Portador	Proc. relacional intensivo	Circunst. modo (qualidade)

Pode-se dizer que os processos materiais estão relacionados a atividades físicas ou ações diretas, como o empréstimo de dinheiro para Leila e a ação de ir buscar a filha no hospital. Ambos os processos destacam a interação direta dos sujeitos com o mundo material, a qual revela a necessidade imediata e urgente de resolver situações, mesmo diante de condições financeiras desfavorecidas.

Os processos relacionais, por sua vez, salientam relações entre elementos do discurso. No texto, são identificados processos relacionais de posse (o ato de "ter" ou "não ter" algo), como "tenho só três cruzeiros" e "não tenho sapato". Esses processos ressaltam a escassez de recursos, vinculados diretamente à condição financeira precária ao portador (a pessoa que vive essa situação).

O empréstimo de dinheiro para a vizinha, Leila, ocasiona uma falta de dinheiro significativa. Leila, por sua vez, é a beneficiária do empréstimo de dinheiro. A filha,

mencionada no contexto de buscá-la no hospital, é um beneficiário indireto das ações do Ator.

Observa-se diferentes tipos de processos relacionais que contribuem para a construção da narrativa sobre a condição de escassez material. O portador exprime sua desorientação e ressalta um estado mental de perplexidade diante das circunstâncias adversas. Em seguida, ao mencionar "estar com frio", utiliza o termo "frio" como um atributo, o que denota não apenas a sensação física, mas simbolicamente evidencia a falta de vestuário adequado para lidar com a situação climática. Além disso, ao expressar a ausência de sapatos, emprega um processo relacional possessivo, negando a posse desse item essencial. Isso acentua a privação material enfrentada, realçando a carência de recursos para atender a essa necessidade básica.

As circunstâncias, como a chuva no início do dia, reforçam o contexto desafiador em que as situações são vivenciadas, além de adicionar complexidade e dificuldade às condições já precárias.

Excerto (17):

29 DE MAIO Até que enfim parou de chover. As nuvens deslisa-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. **E varias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoída vendo as crianças pisar na lama. (...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoíme de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida. ...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais. ...O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja. (JESUS, Carolina, p.40).**

Neste exemplo, evidenciam-se variados tipos de processos, participantes e circunstâncias que retratam a realidade complexa e multifacetada desse ambiente. Entre os processos identificados, destacam-se os relacionais possessivos, que indicam posse ou ausência de itens essenciais, como agasalhos, sapatos e outros recursos escassos para várias pessoas na comunidade.

Ademais, os processos relacionais intensivos emergem ao descrever estados intensos, como a condição maltrapilha e desnutrida dos habitantes. Esses processos revelam a posse de objetos e o estado de necessidade e privação enfrentados pelos residentes.

Já os processos mentais perceptivos capturam as observações e sentimentos do narrador em relação à favela. A visão das crianças, a percepção da chegada de novos moradores e os sentimentos de compaixão e consternação demonstram a complexidade das interações emocionais e perceptivas vivenciadas no contexto.

Quanto aos participantes, há a identificação de distintos atores: os portadores, representados pelas pessoas da favela e pelo narrador; os atores, como as novas pessoas que chegam e aqueles que improvisam abrigos; e os experienciadores, que percebem, sentem e observam, como um narrador e uma companheira de infortúnio.

As circunstâncias, por sua vez, abrangem desde aspectos relacionados ao grau de sentimentos até às localizações físicas. Expressões como "como eu fico condoida", indicam o modo dos sentimentos do narrador, enquanto referências a lugares como "na favela", "pisar na lama" e "suas lamas e suas crianças paupérrimas" ressaltam a ambientação e as condições físicas precárias vivenciadas pelos habitantes.

Assim, a análise detalhada desses elementos revela a complexidade das relações humanas, das necessidades materiais e das percepções emocionais presentes no contexto de uma favela, a qual proporciona uma visão abrangente e compreensiva dessa realidade desafiadora.

A narrativa apresenta uma predominância na representação da pobreza física, manifestada pelas adversidades na obtenção de itens alimentares essenciais, sinalizando a batalha cotidiana para atender às necessidades fundamentais de alimentação.

Excerto (18):

30 DE MAIO ...Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome? ...O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos

estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. ...Hoje ninguém vai dormir porque os favelados que não trabalham já estão começando a fazer batucada. Lata, frigideira, panelas, tudo serve para acompanhar o cantar desafinado dos notivagos. (JESUS, Carolina, p.41).

[eu]	la pensando	será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe as favelas e que os favelados passam fome?
experienciador	Proc. mental cognitivo	Oração projetada

Será que	deus	vai ter	pena de mim?
Elem. textual	Portador	Proc. relacional	Atributo

Será que	eu	arranjo	dinheiro	hoje?
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta	Circunst. localização (tempo)

Será que	deus	sabe
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental cognitivo

que	existe	as favelas
Elem. textual	Proc. existencial	existente

E que	os favelados	passam	fome?
-------	--------------	--------	-------

Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno
---------------	----------------	-------------------------	----------

o José Carlos	chegou	com uma sacola de biscoitos
Ator	Proc. material	Meta

que	[ele]	catou	no lixo
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

quando	eu	vejo
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental cognitivo

eles	comendo	as coisas do lixo
Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

[eu]	penso	E se tiver veneno?
experienciador	Proc. mental cognitivo	Oração projetada

é que	as crianças	não	suporta	a fome
Elem. textual	Experienciador	Ele. interpessoal	Proc. mental	Fenômeno

Os biscoitos	estavam	gostosos
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

eu	comi pensando	naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar.
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Oração projetada

E como	eu	também	tenho	fome
Elem. textual	Portador	Elem. textual	Proc. relacional possessivo	Atributo

[eu]	devo comer
Ator	Proc. material

chegaram	novas pessoas	para	a favela
Proc. material	Ator	Elem. textual	Circunst. localização (lugar)

[elas]	estão	esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos	no solo
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo	Circunst. localização (lugar)

como se	pensasse	na sua desdita
Elem. textual	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

por	residir	num lugar sem atração.
Elem. textual	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

Os processos mentais como "pensar", "saber" e "ver" revelam as preocupações, incertezas e consciência do narrador em relação à pobreza, enquanto os processos materiais como "arranjar dinheiro", "comer" e "chegar" descrevem as ações físicas e eventos concretos associados à luta diária pela sobrevivência na situação de pobreza.

Os processos relacionais, como a relação entre o narrador e Deus, sua busca por dinheiro e a consciência da existência das favelas e da fome dos favelados, delineiam as conexões entre diferentes entidades no texto. Os atributos, como a descrição dos favelados em condições precárias, destacam a realidade física e emocional da pobreza.

O papel do experienciador é crucial para transmitir a angústia emocional, a reflexão e a consciência sobre a pobreza, o que permite ao leitor entrar na narrativa e sentir a carga emocional relacionada à falta de recursos e à miséria retratadas.

Esses elementos combinados oferecem uma visão complexa da pobreza, que vai além da falta de recursos materiais para destacar a carga emocional, cognitiva e relacional que a acompanha, pois dá uma perspectiva mais completa das experiências do narrador diante da pobreza.

A pobreza evidenciada está mais voltada para a pobreza física do que para a pobreza emocional. As preocupações principais e as reflexões do narrador estão centradas na escassez de recursos materiais, nas condições precárias vivenciadas pelas pessoas nas favelas e nas dificuldades concretas associadas à obtenção de dinheiro e alimentos.

O texto expressa incertezas sobre a compaixão divina, a possibilidade de obter recursos financeiros "Será que eu arranjo dinheiro hoje?", e reflexões sobre a situação dos favelados que passam fome e recorrem ao lixo para alimentação. Esses aspectos sugerem uma pobreza mais relacionada às dificuldades materiais, à falta de recursos básicos como alimentos, moradia e condições de vida dignas, o que destaca a pobreza física.

Embora haja uma carga emocional perceptível, refletida nas preocupações e nas reflexões do narrador, a ênfase principal do trecho está na falta de recursos materiais e nas condições de vida difíceis, o que aponta mais fortemente para a pobreza física.

Excerto (19):

"31 DE MAIO Sabado — o dia que quase fico louca porque preciso arranjar o que comer para sabado e o domingo. (...) Fiz o café, e os pães que eu ganhei ontem. Puis feijão no fogo. [...]" (JESUS, Carolina, p.41).

sabado o dia	que quase	fico	louca
Circunt. localização (lugar)	Elem. textual	Proc. relacional intensivo atributivo	atributo

porque	preciso arranjar	o que comer	para	sabado e o domingo
Elem. textual	Proc. material	Meta	Elem. textual	Circunt. localização (lugar)

No trecho analisado, "fico" atua como um processo relacional intensivo atributivo, conectando a narradora ao atributo "louca", que descreve o estado emocional intenso experimentado pela narradora, atribuído ao sábado por meio do processo relacional. Essa construção enfatiza o impacto emocional intenso que o sábado tem na narradora, o qual sugere uma associação direta entre o dia e um estado de perturbação mental quase avassalador.

O processo material expresso na locução verbal "preciso arranjar" expressa a necessidade da narradora de providenciar comida para o sábado e o domingo. O trecho "o que comer" age como a meta do processo material, contextualizando a ação de arranjar, indicando a finalidade específica dessa ação. Essa parte ressalta a urgência e necessidade imediata da narradora em encontrar comida para os dias do final de semana, o que ressalta a importância crucial de garantir alimentos para esses dias específicos.

Desse modo, a interpretação dessas partes revela a intensidade emocional associada ao sábado para a narradora, além de enfatizar a ligação entre o dia e um estado emocional extremo. Além disso, ressalta a urgência na busca por alimentos para o final de semana, evidenciando a preocupação imediata com a subsistência.

Excerto (20):

2 DE JUNHO Amanheceu fazendo frio. Acendi o fogo e mandei o João ir comprar pão e café. O pão, o Chico do Mercadinho cortou um pedaço. Eu chinguei o Chico de ordinário, cachorro, eu queria ser um raio para cortar-lhe em mil pedaços. O pão não deu e os meninos não levaram

lanche. ...**De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer.** [...] (JESUS, Carolina, p.43).

de manhã	eu	estou	sempre nervosa
Cirunst. Localização (lugar)	Portador	Proc. relacional	Atributo

com medo de	[eu]	não	arranjar	dinheiro
Circunst. Modo (qualidade)	Ator em elipse	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

para	[eu]	comprar	o que comer
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

O processo relacional "estou" é caracterizado pelo atributo persistente de estar "sempre nervosa" classificado como atributo, representa a condição emocional duradoura. Esse estado de nervosismo é motivado pelo processo material de "arranjar" que juntamente com o elemento interpessoal "não" a insegurança em conseguir dinheiro. A falta de recursos se torna uma preocupação expressa pela circunstância de modo – qualidade, que elucida o nervosismo causado pela preocupação com a falta de dinheiro.

A meta "o que comer" conecta diretamente a ação de obter recursos financeiros com o objetivo de adquirir comida. Assim, o estado emocional de nervosismo constante durante as manhãs está profundamente ligado à preocupação persistente em não conseguir recursos financeiros para satisfazer a necessidade primordial de adquirir alimentos.

Excerto (21):

3 DE JUNHO Quando eu estava no ponto do bonde a Vera começou a chorar. Queria pasteis. Eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para pagar o bonde e 8 para comprar carne moída. A Dona Geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar os pasteis, ela comia e cantava. E eu pensava: o meu dilema é sempre a comida! Tomei o bonde. A Vera começou a chorar porque não queria ir em pé e não tinha lugar para sentar. ...Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que

eles são melhores do que nós? Será que o predomínio de lá suplanta o nosso? Será que as nações de lá é variada igual aqui na terra? Ou é uma nação unica? Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela? [...] A Dona Domingas saiu de casa. Foi para Carapicuíba, morar com Dona Iracema. Ficou o seu filho Nikon. Eu fiz tudo para retirar o menino. Mas a Leila lhe dizia: — Eu sou feiticeira. Se você for embora eu faço você virar um elefante. Eu encontrava o Nikon: —Bom dia, Nikon. Você não quer ir com a tua mãe? —Eu não vou porque a Leila disse-me que ela é feiticeira e se eu for embora ela vai fazer eu virar um elefante e o elefante é um bicho muito muito feio. Sabe, Dona Carolina, e se ela fazer tu virar um porco? Eu tenho que comer lavagem e alguém há de querer me por num chiqueiro para eu engordar. Vão me capar. E se ela fazer eu virar um cavalo, alguém há de me por para puchar uma carroça e ainda me dá chicotada. ...**Quando o Nikon começou passar fome, foi com a mãe. Pensei: A fome também serve de juiz.** Um dia eu discutia com a Leila. Ela e o Arnaldo puzeram fogo no meu barracão. Os vizinhos apagaram. (JESUS, Carolina, p.44).

Quando	eu	estava	no ponto do bonde
Elem. textual	Portador	Proc. relacional intensivo	Circunt. localização (lugar)

A Vera	começou a chorar
Ator	Proc. material

[ela]	queria	pasteis
Experienciador em elipse	Proc. mental desiderativo	Fenômeno

eu	estava	só com 10 cruzeiros
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

2	para	[eu]	pagar	o bonde
Circunst. modo (grau)	Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	8	para	[eu]	comprar	Carne moída
Elem. textual	Circunst. modo (grau)	Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

A Dona Geralda	deu	me	4 cruzeiros
Ator	Proc. material	Beneficiário receptor	Meta

para	eu	comprar	os pasteis
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

ela	comia
Ator	Proc. material

e	[ela]	cantava
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

e	eu	pensava	o meu dilema é sempre a comida!
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Oração projetada

Quando	o Nikon	começou passar	Fome com a mae
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Circunst. acompanhamento (companhia)

[eu]	pensei	A fome também serve de juiz
Experienciador em elipse	Proc mental cognitivo	Oração projetada

a fome	também	serve	de	juiz
Ator	Elem. textual	Proc. material	Elem. textual	Meta

As frases analisadas revelam uma variedade de situações e ações cotidianas. Inicia-se com a descrição de um contexto temporal e espacial, em que alguém (portador) encontrava-se no ponto do bonde, destacando-se como o portador desse local específico.

Em seguida, evidencia-se a reação emocional de Vera, que se torna o agente (ator) ao iniciar o processo de chorar. Outro aspecto apontado é o desejo por pastéis, que expressa um estado mental de desejo (fenômeno) por um item específico.

Além disso, é mencionada a posse de uma quantidade específica de dinheiro, destacando-se como um atributo do sujeito. Observa-se ainda o direcionamento desse dinheiro para duas atividades específicas, como pagar o bonde e comprar carne moída (meta).

A ação de doar dinheiro por parte de Dona Geralda é descrita, em que ela atua como agente (ator) realizando a ação de dar, e o receptor dos 4 cruzeiros é destacado

como o beneficiário recebedor (meta). Também explicita-se a finalidade do uso desse dinheiro, que é comprar pastéis (meta).

Há descrições de ações em andamento realizadas por alguém (ator), como comer e cantar. Ademais, são revelados pensamentos pessoais sobre dilemas alimentares recorrentes (fenômeno), o que reflete a preocupação ou relevância dessas questões para o indivíduo. Adicionalmente, são apresentadas situações compartilhadas de fome entre Nikon e sua mãe (fenômeno), juntamente com reflexões sobre a fome, que atua como um "juiz" (fenômeno).

Assim, esses trechos oferecem uma perspectiva ampla e multifacetada das atividades humanas, dos desejos, das ações e dos estados mentais presentes na vida cotidiana.

Excerto (22):

5 DE JUNHO ...Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. **Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os politicos representam em relação ao povo.** (JESUS, Carolina, p.46-47).

[eu]	vi	os pobres sair chorando
Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

e	as lágrimas dos pobres	comove	os poetas
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental emotivo	Fenômeno

não	comove	os poetas de salão
Elem. interpessoal	Proc. mental emotivo	Fenômeno

mas	[comove]	os poetas	do lixo, os idealistas das favelas
Elem. interpessoal	Proc. mental emotivo	Experienciador	Fenômeno

um expectador	que	assiste e observa	as tragédias
Experienciador	Elem. textual	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

que	os políticos	representam	em relação ao povo
Elem. textual			

um expectador	que	assiste e observa	as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.
Experienciador	Elem. textual	Proc. mental perceptivo	

O "eu" atua como o experienciador centra e representa o observador ou narrador que presencia as cenas descritas. Este papel é vital para a conexão emocional e compreensão do contexto apresentado.

Os processos mentais, como "vi", "comove", "assiste", e "observa", são fundamentais para a representação das atividades cognitivas do experienciador. "Vi" denota a percepção visual direta do eu, enquanto "comove" revela uma reação emotiva. Por outro lado, "assiste" e "observa" destacam uma observação mais abrangente e contemplativa.

Esses processos mentais contribuem para a riqueza da narrativa e permitem ao leitor mergulhar nas experiências e emoções do narrador. A alternância entre processos perceptivos e emotivos acrescenta complexidade ao retrato da cena e proporciona uma compreensão mais profunda das reações diante da pobreza física e emocional.

Assim, a escolha cuidadosa dos elementos léxico-gramaticais e a exploração dos processos mentais enriquecem o texto, conferindo-lhe uma dimensão mais viva e envolvente.

No contexto apresentado, a narrativa sugere uma ligação intrínseca entre a pobreza física e a pobreza emocional. A visão do "eu" que testemunha os pobres saindo chorando evidencia o impacto emocional direto da carência material.

A descrição das lágrimas dos pobres comove os poetas destaca como a pobreza física pode gerar uma resposta emotiva. Além disso, ao contrastar os poetas de salão que não se comovem, a narrativa ressalta as diferentes reações emocionais diante da desigualdade social.

A menção aos poetas do lixo e aos idealistas das favelas como os que verdadeiramente se comovem destaca a possibilidade de uma conexão mais profunda entre a pobreza física e a empatia emocional. Isso sugere que, para alguns, a experiência da pobreza física pode despertar uma resposta emocional mais intensa e genuína.

Portanto, o trecho analisado explora a complexidade das interações entre pobreza física e emocional, o que sugere que as dificuldades materiais têm ramificações emocionais significativas.

Excerto (23):

“7 DE JUNHO Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão alegres porque hoje teve café. **Só quem passa fome é que dá valor a comida.** [...]”. (JESUS, Carolina, p.47).

Só	quem	passa	fome
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

é que	dá	Valor a comida
Elem. textual	Proc. material	Meta

A pobreza se manifesta na referência àqueles que experimentam a fome. Aqui, a fome é mais do que a simples ausência de alimentos, é a consequência de recursos insuficientes para suprir necessidades básicas.

A representação da pobreza se evidencia na experiência direta da falta de comida, expressa como um fenômeno “fome”. Nas situações de pobreza, a privação alimentar é uma realidade, e a fome não é apenas uma sensação momentânea, mas uma condição persistente que afeta significativamente a vida diária.

Nesse contexto, a pobreza se revela na maneira como a privação alimentar intensifica a importância atribuída aos alimentos, a qual destaca a valorização desse recurso essencial para aqueles que enfrentam a escassez e evidencia assim a estreita conexão entre fome e pobreza.

Excerto (24):

8 DE JUNHO [...] Hoje os favelados estão apreciando os briguentos. São dois irmãos. O Vicente e o João Coque. Lá em frente ao mercadinho estão brigando dois baianos, e são irmãos. Nem parece que geraram no mesmo ventre. ...**Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres.** [...] **Os pobres são criaturas de Deus.** E o dinheiro é um metal criado e valorizado pelo homem. (...) Se Deus avisasse a Dona Ida que ela por não nos dar água ia perder o seu filho para sempre, creio que ela estaria nos dando água até hoje. O Pedro pagou em holocausto o orgulho de sua avó. E a maldade de sua mãe. E assim que Deus repreende. (JESUS, Carolina, p.49).

Os vizinhos de alvenaria	olha	os favelados	com repugnância.
Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno	Circunst. de modo (qualidade)

[eu]	percebo	seus olhares de odio
Experienciador em elipse	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

porque	eles	não	quer	a favela aqui
Elem. textual	Experienciador	Elem. interpessoal	Proc. mental desiderativo	Circunst. localização (lugar)

que	a favela	deturpou	o bairro
Elem. textual	Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

que	tem	nojo da pobreza
Elem. textual	Proc. relacional intensivo	Atributo

esquecem	eles	que	morte
Proc. mental cognitivo	Experienciador	Elem. textual	Fenômeno

todos	ficam	pobres.
Portador	Proc. relacional intensivo atributivo	Atributo

Os pobres	são	criaturas de Deus
Identificado	Proc. relacional possessivo	Atributo

Neste excerto, o "eu" atua como experienciador ao discernir e interpretar os olhares repletos de hostilidade dos vizinhos de alvenaria em direção aos habitantes da favela.

O emprego do processo material "deturpou" explicita que a presença da favela, considerada uma circunstância de localização lugar, provoca desconforto entre os vizinhos. Mesmo vivenciando a pobreza em condições relativamente mais "aceitáveis", esses indivíduos ainda concebem os favelados como repugnantes. Há, ainda, referências à pobreza como um atributo, expresso na frase "nojo da pobreza", relacionado tanto à favela quanto aos seus habitantes.

O texto também incursiona na reflexão sobre a universalidade da condição humana face à morte, o qual retrata a ideia de que todos se tornam pobres nesse momento. Neste contexto, a morte assume o papel de portador desse processo e estabelece um processo relacional em que a condição de pobreza é compartilhada por todos.

A narrativa sugere uma abordagem multifacetada da pobreza, interconectando elementos físicos, mentais e emocionais. Destaca-se uma ênfase especial na pobreza emocional e mental, evidenciada pelos processos mentais perceptivos e cognitivos associados aos olhares de hostilidade, ao "nojo da pobreza" e à reflexão sobre a condição humana diante da morte.

A repugnância expressada pelos vizinhos, apesar de sua própria vivência da pobreza em condições mais "aceitáveis", indica uma dimensão emocional associada à percepção social. Ademais, a reflexão sobre a universalidade da pobreza na morte enfatiza a pobreza como uma condição compartilhada, transcendentemente emocional.

Excerto (25):

11 DE JUNHO Já faz seis meses que eu não pago a água. 25 cruzeiros por mês. E por falar na água, o que eu não gosto e tenho pavor é de ir buscar água. [...] **Eu fui na Dona Julita. Ela deu-me café, sabão e pão. Na Avenida do Estado 1140 ganhei muito papel. Recebi 98 cruzeiros. Deu para comprar óleo, carne e açúcar. Ganhei umas bananas, fiz doce.** O José Carlos está mais calmo depois que botou os vermes, 21 vermes. (JESUS, Carolina, p.51).

já faz seis meses	que	eu	não	pago	a água 25 cruzeiros por mês
Circunst. extensão (duração)	Elem. textual	Ator	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

eu	fui	na dona julita.
Ator	Proc. material	Meta

ela	deu	me	café, sabão e pão.
Ator	Proc. material	Beneficiário	Meta

na avenida do estado 1140	[eu]	ganhei	muito papel
Circunst. localização (lugar)	Ator	Proc. material	Meta

[eu]	recebi	98 cruzeiros
Ator em elipse	Proc. material	Meta

deu	para	comprar	óleo, carne e açúcar.
Proc. material	Elem. textual	Proc. material	Meta

[eu]	ganhei	umas bananas
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	fiz	doce.
Ator em elipse	Proc. material	Meta

No trecho fornecido, o ator, frequentemente referido como "eu", desempenha um papel central ao longo das diferentes situações descritas. Predominantemente, as ações envolvem processos materiais e destacam atividades físicas e ações possíveis para lidar com a pobreza.

O não pagamento da água evidencia uma ação direta do ator, o que indica possíveis restrições financeiras. A visita à Dona Julita ressalta o ator como aquele que realiza a ação física de ir, mas sem detalhes específicos sobre as interações durante a visita.

No recebimento de café, sabão e pão, o ator é beneficiário da ação de dar realizada por outra pessoa, ilustrando uma dependência de assistência. Nesse sentido, ganhar papel na Avenida do Estado destaca o ator como participante ativo na busca por recursos, possivelmente relacionados à reciclagem para obtenção de renda.

Ao receber 98 cruzeiros, o ator é diretamente impactado pela entrada de dinheiro, o que demonstra uma resposta às necessidades financeiras. A compra de óleo, carne e açúcar reflete a ação física do ator, que gerencia cuidadosamente os recursos disponíveis para adquirir itens essenciais.

Finalmente, ganhar bananas e fazer doces evidenciam estratégias do ator para obter alimentos e envolve ações físicas diretas. Em resumo, ao longo do trecho, o ator atua de maneira proeminente e desempenha papéis diversos em situações que revelam a dinâmica de enfrentar desafios financeiros e buscar soluções concretas para as necessidades básicas.

A pobreza pode ser considerada como um fio condutor que permeia as ações do ator ao longo do trecho. As diversas atividades descritas refletem estratégias adotadas para enfrentar as limitações financeiras associadas à pobreza. O não pagamento da água sugere uma dificuldade em arcar com despesas básicas, enquanto a visita a Dona Julita e o recebimento de café, sabão e pão indicam uma dependência de apoio externo.

O ganho de papel na Avenida do Estado representa uma busca ativa por recursos, talvez como uma forma de obter alguma renda extra frente às restrições financeiras. O

recebimento de 98 cruzeiros é uma entrada de dinheiro que provavelmente alivia temporariamente as dificuldades financeiras.

A compra de óleo, carne e açúcar destaca a administração cuidadosa dos recursos disponíveis para atender às necessidades básicas, evidenciando a necessidade de escolher estrategicamente os gastos. O ganho de bananas e a confecção de doces podem ser interpretados como estratégias diretas para garantir o acesso a alimentos, contornando a escassez financeira.

Em resumo, a pobreza neste trecho não é explicitamente abordada, mas é inferida pelas ações do ator, que constantemente busca soluções práticas para enfrentar os desafios financeiros. As atividades descritas revelam um cenário em que o ator está ativamente envolvido na gestão de recursos e na procura por alternativas para superar as dificuldades financeiras associadas à pobreza

Excerto (26):

12 DE JUNHO Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) E preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, Carolina, p.52).

eu	deixei	o leito	as 3 da manhã
Ator	Proc. material	Meta	Circunst. extensão (tempo)

Porque quando	a gente	perde	o sono
Elem. textual	ator	Proc. material	Meta

Começa pensar	nas misérias que nos rodeia.
Proc. mental cognitivo	Oração projetada

No trecho apresentado, o ator "eu" desempenha a ação física de deixar o leito às 3 da manhã, o que indica um despertar precoce. Esta ação material revela uma perturbação no sono, um possível sintoma de inquietação noturna.

Ademais, a preocupação com as misérias, expressa pelo processo mental cognitivo “pensar” evidencia que o experienciador, ao pensar nas adversidades, experimenta uma carga emocional relacionada à pobreza, o que influencia diretamente na sua saúde mental.

A interconexão entre as ações físicas e as implicações que a preocupação com a situação de miséria revela como a experiência da pobreza não se limita às circunstâncias materiais, mas também afeta profundamente o estado emocional do experienciador. A constante reflexão sobre as misérias torna-se um fator crucial no entendimento da pobreza emocional, o qual mostra como as preocupações relacionadas à escassez e dificuldades financeiras se entrelaçam com o impacto direto na saúde mental do indivíduo.

Excerto (27):

“14 DE JUNHO ...Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. **O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes.** E hoje é sabado. Os favelados são considerados mendigos. [...]” (JESUS, Carolina, p.53).

O dia	que	chove
Ator	Elem. textual	Proc. material

eu	sou	mendiga
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	já	ando	Mesmo trapuda e suja
Ator em elipse	Elem. textual	Proc material	Circunst. Modo (qualidade)

[eu]	já	uso	uniforme dos indigentes
------	----	-----	-------------------------

Ator em elipse	Elem. textual	Proc material	Meta
----------------	---------------	---------------	------

O ator, representado por "eu", realiza a ação de andar mesmo em condições adversas, que enfatiza a pobreza física visível na descrição "trapuda e suja".

O processo relacional intensivo surge na afirmação "eu sou mendiga", em que a mendicância é mais do que uma condição externa; é uma característica intrínseca. O portador, nesse caso, assume um papel essencial na relação com a pobreza, o que indica que a condição de mendicância está profundamente enraizada na identidade.

O uso do uniforme dos indigentes, no sentido de se alinhar àqueles que também vivem na mesma condição, representa simbolicamente a pobreza material e unifica visualmente a mendiga com outros indivíduos na mesma situação.

Em suma, a predominância dos processos materiais reflete as dificuldades físicas enfrentadas pela mendiga, enquanto o processo relacional intensivo destaca como a pobreza se torna uma parte intrínseca de sua identidade, simbolizada pelo uso compartilhado do uniforme entre aqueles que enfrentam condições semelhantes.

Excerto (28):

15 DE JUNHO ...Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filho havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. (...) **A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo.** (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. **E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: —Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!** (JESUS, Carolina, p.54-55).

[eu]	li	que	uma senhora e três filho havia suicidado
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Elem. textual	Fenômeno

por	[ela]	encontrar	dificuldade de viver
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

a mulher	que	suicidou-se
Ator	Elem. textual	Proc. material

não	tinha	alma de favelado
Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

que quando	[ele]	tem	fome
Elem. textual	Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

[ele]	recorre	ao lixo
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[ele]	cata	verduras	nas feiras
Ator em elipse	Proc. material	Meta	Circunst. localização (lugar)

[eles]	pedem	esmolas
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e assim	[eles]	vão vivendo
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

e a pior coisa	para	uma mãe	é ouvir	esta sinfonia mamãe eu quero pão, mamãe estou com fome
----------------	------	---------	---------	--

Circuns t. modo (grau)	Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Oração projetada
------------------------------	------------------	----------------	-------------------------------	------------------

No primeiro trecho analisado, o agente "eu", por meio do processo mental cognitivo de "li", reporta o evento do suicídio envolvendo uma senhora e três filhos. Nesse contexto, a referência ao trágico desfecho sugere uma possível relação com situações de extrema dificuldade, traduzindo-se em desespero, sendo essa conjuntura comumente associada à condição de pobreza.

No segundo trecho, ao mencionar "por ela encontrar dificuldades de viver", o agente "ela" é caracterizado como alguém que enfrenta obstáculos representados pelo processo material de "encontrar", o que revela as vicissitudes inerentes à sobrevivência em meio a adversidades, possivelmente decorrentes de um contexto de carência socioeconômica. Esta narrativa enfatiza como a adversidade financeira e social pode ser intrinsecamente vinculada à luta pela vida, ecoando as vicissitudes que podem ter precipitado o desdobramento fatal do suicídio.

A análise proporciona uma visão mais elaborada sobre a correlação entre as dificuldades enfrentadas pela personagem em questão e o possível vínculo com a pobreza, o que sugere como as condições socioeconômicas adversas podem ter influenciado as circunstâncias que culminaram no trágico desenlace do suicídio.

A passagem subsequente do texto destaca alternativas disponíveis para aqueles que vivem em condições de extrema pobreza, especificamente na favela. A instrução apresentada utiliza o experienciador como agente, o processo mental perceptivo "tem" opera como uma expressão de sentir. Neste contexto, o "ter" está associado à sensação de fome, qualificada como fenômeno. Esta instrução sugere o sofrimento e a privação experimentados por indivíduos em situação de fome e salienta a possível escassez de alimentos relacionada à condição de pobreza.

O texto ressalta possíveis soluções para evitar a ocorrência de atos de suicídio, oferecendo alternativas expressas por meio de processos materiais. Na primeira instância, o agente, representado como "ele" por elipse, emprega o processo material "pedem", indicando a busca pela meta "esmola". Este processo denota a tentativa de obter

ajuda ou recursos como forma de subsistência ou apoio financeiro diante de circunstâncias extremas.

Em seguida, o mesmo agente representado como "eles", por meio do processo material "vão vivendo", descreve a continuidade da vida em meio a dificuldades. Essa expressão sugere a persistência das pessoas em suas vidas apesar das adversidades enfrentadas, a qual revela uma determinação em seguir adiante, mesmo diante das dificuldades associadas à persistência em contextos de pobreza.

Excerto (29):

16 DE JUNHO ...O José Carlos está melhor. Dei-lhe uma lavagem de alho e uma chá de orteã. Eu zombei do remédio da mulher, mas fui obrigada a dar-lhe porque atualmente a gente se arranja como pode. **Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Lavar nas tinas, cosinhar com lenha.** (JESUS, Carolina, p.56).

Devido ao custo de vida	[nós]	temos	que voltar ao primitivismo.
Circunst. causa (razão)	Portador	Proc. relacional possessivo	Atributo

lavar	nas tinas
Proc. material	Meta

cosinhar	com lenha.
Proc. material	Meta

Na primeira frase, "Devido ao custo de vida" é classificado como Circunstância de causa (razão), relacionado à razão pela qual algo é realizado. "Nós" é o Portador e indica quem realiza a ação. "Temos" é o Processo relacional possessivo que denota a ação de

possuir algo. "Que voltar ao primitivismo" é o Atributo, o qual representa a qualidade ou estado adquirido.

Na segunda parte, "lavar" e "cozinhar" são processos materiais que descrevem o retrocesso. Essas estruturas linguísticas sugerem a ideia de que, devido ao alto custo de vida, é necessário voltar ao primitivismo e evidencia a possibilidade de realizar atividades como lavar em tinhas e cozinhar com lenha, atividades mais simples e que exigem menos recursos econômicos.

Excerto (30):

17 DE JUNHO Passei a noite assim: eu despertava e escrevia. Depois eu adormecia novamente. **As 5 da manhã a Vera começou vomitar. Eu dei-lhe um calmante, ela dormiu. Quando a chuva passou eu aproveitei para sair. Catei um saco de papel. (...) Eu recebi só 12 cruzeiros. Catei uns tomates e um pouco de alho e vim para casa correndo porque a Vera está doente. Cheguei ela estava dormindo. Com os meus ruídos ela despertou-se. Disse estar com fome. Fui comprar leite e fiz um mingau para ela. Ela tomou e vomitou um verme. Depois levantou-se e andou um pouco e deitou-se outra vez. ...Eu fui no Seu Manuel vender uns ferros para arranjar dinheiro. Estou nervosa com medo da Vera piorar, porque o dinheiro que eu tenho não dá para pagar médico. (...) Hoje eu estou rezando e pedindo a Deus para a Vera melhorar. (JESUS, Carolina, p.57).**

[eu]	catei	um saco de papel
Ator em elipse	Proc. material	Meta

eu	recebi	só 12 cruzeiros
Ator	Proc. material	Meta

[eu]	catei	uns tomates e um pouco de alho
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eu]	vim	para	casa	correndo
---	------	-----	------	------	----------

Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Elem. textual	Meta	Circunst. modo (qualidade)
---------------	----------------	----------------	---------------	------	----------------------------

porque	a vera	está	doente
Elem. textual	Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	cheguei	[em casa]
Ator em elipse	Proc. material	Meta em elipse

ela	estava dormindo
Experienciador	Proc. mental perceptivo

com os meus ruidos	ela	despertou-se
Circunst. modo (qualidade)	Experienciador	Proc mental perceptivo

[ela]	disse estar	com fome
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

[eu]	fui comprar	leite
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eu]	fiz	um mingau	para	ela
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta	Elem. textual	Beneficiário

ela	tomou	e
Ator	Proc. material	Elem. textual

[ela]	vomitou	um verme
Ator em elipse	Proc. material	Meta

depois	[ela]	levantou-se
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

e	[ela]	andou	um pouco
Elem. textual	Ator em elipse	Proc material	Circunst. modo (grau)

e	[ela]	deitou-se	outra vez
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. modo (frequência)

eu	fui	no seu Manuel	vender uns ferros
Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)	Meta

para	[eu]	arranjar	dinheiro.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	estou	nervosa com medo da Vera piorar
Portador	Proc. relacional	Atributo

porque	o dinheiro	que	eu	tenho
Elem. textual	Atributo	Elem. textual	Portador	Proc. relacional possessivo

não	dá para	[eu]	pagar	medico.
-----	---------	------	-------	---------

Elem. interpessoal	Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta
-----------------------	------------------	-------------------	-------------------	------

Nos processos materiais mencionados, o ator “eu” está constantemente envolvido em atividades práticas, como coletar, receber, comprar, fazer, vender, o que indica uma narrativa centrada em ações físicas e transações tangíveis.

O ator “eu” se apresenta como alguém ativo, engajado em esforços para lidar com as circunstâncias descritas. A pobreza é evidenciada pelos processos materiais e reflete a busca por recursos básicos e financeiros para superar dificuldades.

O processo relacional é observado na relação entre “eu” e Vera, o qual destaca uma preocupação intensiva “eu” está nervosa com medo da Vera piorar e a necessidade de cuidados médicos, além de revelar uma dimensão emocional no texto. Essa relação enfatiza não apenas a pobreza material, mas também as preocupações emocionais associadas à saúde de outra pessoa.

Excerto (31):

20 DE JUNHO ...Dei leite para a Vera. O que eu sei é que o leite está sendo despesas extras e está prejudicando a minha minguada bolsa. Deitei a Vera e saí. Eu estava tão nervosa! Acho que se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida. Eu pensava nas roupas por lavar. Na Vera. E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele. Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho não conhece pai. **...Não tinha papéis nas ruas. E eu queria comprar um par de sapatos para a Vera. (...) Segui catando papel. Ganhei 41 cruzeiros. Fiquei pensando na Vera, que ia bradar e chorar, porque ela quando não tem o que calçar fica lamentando que não gosta de ser pobre. Penso: se a miséria revolta até as crianças...** (JESUS, Carolina, p.57).

não	tinha	papéis	nas ruas
Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo	Circunst. localização (lugar)

e	eu	queria comprar	um par de sapatos	para a vera.
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta	Beneficiário

[eu]	seguí catando	papel.
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	ganhei	41 cruzeiros
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	fiquei pensando	na vera
Experienciador em elipse	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

que	[ela]	ia bradar e chorar
Elem. textual	Comportante	Proc. comportamental

porque quando	[ela]	não	tem	o que calçar
Elem textual	Portador	Elem. interpessoal	Proc. Relacional possessivo	Atributo

[ela]	fica lamentando
Experienciador em elipse	Proc. mental emotivo

que	[ela]	não	gosta	de ser pobre
Ele. textual	Experienciador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. mental emotivo	Fenômeno

[eu]	penso	se a miséria revolta até as crianças...
Experienciador em elipse	Proc.mental cognitivo	Oração projetada

Neste excerto, diversos tipos de processos emergem e revelam nuances complexas da experiência de pobreza. Os processos materiais, evidenciados pelo ato de catar papel, ganhar dinheiro e comprar sapatos, refletem ações tangíveis realizadas em resposta à escassez econômica. Essas práticas destacam estratégias concretas adotadas para enfrentar as privações materiais associadas à pobreza.

Por outro lado, os processos mentais se manifestam através da reflexão sobre Vera e a ponderação sobre como a miséria afeta as crianças. Esses aspectos cognitivos adicionam uma camada emocional à narrativa e ressaltam a preocupação e a reflexão crítica sobre as ramificações sociais da pobreza.

Os processos comportamentais são perceptíveis nas expressões de Vera, que incluem bradar, chorar e lamentar pela falta de calçados. Esses comportamentos ilustram as respostas emocionais e as manifestações visíveis da angústia associada à carência material.

Em resumo, essa variedade de processos oferece uma compreensão abrangente da pobreza como uma condição material e uma teia complexa de ações, pensamentos, comportamentos.

Excerto (32):

21 DE JUNHO ...Vesti o José Carlos para ir na escola, Quando eu estava na rua, comecei ficar nervosa. Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atrás de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada. **Passei no Frigorífico, ganhei uns ossos.** Quando eu saí a Vera recomendou-me para trazer os sapatos. Deixei o João brincando com ela, porque hoje não tem aula para o segundo ano. **Percorri varias ruas e não havia papel. Quando ganhei 30 cruzeiros, pensei: já dá para pagar os sapatos da Vera. Mas era sabado e precisava arranjar**

dinheiro para o domingo. E Vera já estava idealizando o cardápio de domingo. Na Avenida Tiradentes eu ganhei uma folhas de flandres e fui vender no depósito do Senhor Salvador Zanutti, na rua Voluntários da Pátria. Eu estava de mal com ele. Mas ele não me fez mal nenhum. Até emprestou-me dinheiro quando eu fiquei doente. Quando eu fiquei doente eu andava até querendo suicidar por falta de recursos. ...O senhor Salvador perguntou-me porque foi que eu sumi de lá. Eu fiquei envergonhada com a sua acolhida tão gentil (...) Ele deu-me 31 cruzeiros. Fiquei alegre. Saí correndo. Ia comprar os sapatos para a Vera. lembrei que havia deixado a sacola no depósito. Mas o trânsito estava impedido. Consegui atravessar para pegar a sacola. Ele disse-me: —Você saiu correndo e esqueceu a sacola. **Catei mais um pouco de papel e recebi 10 cruzeiros. Fiquei com 71 cruzeiros. Dei 30 para os sapatos, fiquei com 41. E não ia dar para comprar café, pão, açúcar e arroz e gordura. Pensei nos ossos. Eu ia fazer uma sopa. Tem um pouco de arroz, um pouco de macarrão. Eu misturo tudo e faço uma sopa.** E a Vera se quiser comer come, se não quiser que se aperte. A época atual não é de ter preferência e nem nojo. Cheguei em casa para ver a Vera. Ela estava brincando. Pensei: Ela já está melhor. Ela estava coçando-se e com a pele toda irritada. Acho que foi o chá de alho que lhe dei. Jurei nunca mais dar-lhe remédios indicados por lavadeiras de hospitais. Mostrei-lhe os sapatos, ela ficou alegre. Ela sorriu e disse-me: que está contente comigo e não vai comprar uma mãe branca. Que não sou mentirosa. Que falei que ia comprar os sapatos, e comprei. Que eu tenho palavra. ...**Eu estava tão cansada. Eu queria sair para arranjar mais dinheiro. Mas a canceira dominou-me.** Ouvi as crianças gritar que estão dando cartões. Corri como flexa. A canceira sumiu. Encontrei o João que já vinha com um cartão acenando na mão. Todos estavam sorrindo como se tivesse ganhado um prêmio. Li o cartão. Era para ir buscar um prêmio e uma surpresa para seu filho na rua Javaés 171. (JESUS, Carolina, p.57).

[eu]	passai	no frigorífico
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

[eu]	ganhei	uns ossos.
Beneficiário em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	percorri	varias ruas
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

e	não	havia	papel
---	-----	-------	-------

Elem. textual	Elem. interpessoal	Proc. existencial	Existente
---------------	--------------------	-------------------	-----------

quando	[eu]	ganhei	30 cruzeiros
Elem. textual	Beneficiário	Proc. material	Meta

[eu]	catei	um pouco de papel
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eu]	recebi	10 cruzeiros
Elem. textual	Beneficiário em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	fiquei	com 71 cruzeiros
Portador em elipse	Proc. relacional possessivo	Atributo

[eu]	dei	30 para os sapatos
Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	fiquei	com 41.
Portador em elipse	Proc. relacional possessivo	Atributo

e	[o dinheiro]	não	ia dar
Elem. textual	Ator em elipse	Elem. interpessoal	Proc. material

para	[eu]	comprar	café, pão, açúcar e arroz e gordura.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	pensei	nos ossos
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

eu	ia fazer	uma sopa
Ator	Proc. material	Meta

tem	pouco de arroz, um pouco de macarrão.	
Proc. relacional	Atributo	

eu	misturo	tudo
Ator	Proc. material	Meta

e	[eu]	faço	uma sopa
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	pensei:	já dá para pagar os sapatos da vera.
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Oração projetada

mas	era	sabado
Elem. textual	Proc. relacional intensivo atributivo	Atributo

e	[eu]	precisava arranjar	Dinheiro para o domingo
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

eu	estava	tão cansada
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

eu	queria sair
Experienciador	Proc. mental desiderativo

para	[eu]	arranjar	mais dinheiro
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

mas	a canceira	dominou-	me.
Elem. textual	Ator	Proc. material	Beneficiário

Aqui, os dados revelam uma variedade de processos e destacam diferentes facetas das experiências ligadas à pobreza. Há uma predominância de processos materiais, como "passei no frigorífico", "ganhei uns ossos" e "catei um pouco de papel", além de indicar uma busca ativa por recursos financeiros.

Processos relacionais emergem em momentos, como "fiquei com 71 cruzeiros" e "dei 30 para os sapatos", e denotam interações financeiras e relações de posse. Processos existenciais, como "não havia papel" e "o dinheiro não ia dar", realçam as condições e limitações enfrentadas.

Os dados sugerem predominantemente a presença da pobreza física, concentrando-se nas limitações materiais e financeiras do eu na narrativa. A ênfase em atividades como buscar recursos financeiros, a preocupação com a falta de papel e a necessidade de escolher entre itens básicos como café, pão, açúcar e arroz indicam uma luta contra privações materiais.

Embora a narrativa possa conter elementos emocionais, como a fadiga expressa pelo eu e a frustração ao enfrentar dificuldades financeiras, a pobreza emocional ou mental parece ser subordinada à pobreza física. À vista disso, a análise enfatiza as condições econômicas precárias e as tentativas do protagonista de lidar com desafios financeiros, destacando a dimensão material da pobreza retratada.

Excerto (33):

22 DE JUNHO Deixei o leito as 5 horas, preparando as crianças para ir na festa na rua Javaés (...) Dei comida para a Vera. O João não quiz a minha comida. Disse: —Eu vou comer lá na festa. A comida de lá deve ser melhor do que a da senhora. Ele não gosta de festa. Mas se ele sabe que vai ter comida é o primeiro a insistir e faz questão de levar a sacola. (...) Passei na Dona Julita para dizer-lhe que nós iamos numa festa. Pensei: deve ser banquete porque São Luiz Rei de França quando convidava o povo para comer preparava um banquete. Tomei o bonde. **O dinheiro não dava. Cheguei lá as 2 horas.** A fila estava enorme. Podia ter umas 3 mil pessoas. Quando eles vieram nos convidar os favelados ficaram contentes. Os que não ganhou cartão ficou chorando e dizendo que não tinha sorte. **Percebi que povo da favela gosta de ganhar esmolos. Puzeram umas tabuas na calçada e forraram com jornaes e puzeram os pães em cima. Ouvi uma mulher dizer: —Não é ruim ser pobre. Todos usava roupas humildes. Alguns calçados outros descalços.** Apareceu um preto alto e gordo como se fosse decendente de elefante. (JESUS, Carolina, p.59).

O dinheiro	não	dava
Ator	Elem. interpessoal	Proc. material

[eu]	cheguei	lá as 2 horas
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (tempo)

[eu]	percebi	que	o povo da favela gosta de ganhar esmolos
Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo	Elem. textual	Oração projetada

[eles]	puzeram	umas tabuas	na calçada
Ator em elipse	Proc. material	Meta	Circunst. localização (lugar)

e	[eles]	forraram	com jornaes
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

e	puzeram	os pães	em cima
Elem. textual	Proc.material	Meta	Circunst. localização (lugar)

[eu]	ouvi
Experienciador	Proc. mental perceptivo

Uma mulher	dizer	—Não é ruim ser pobre.
Dizente	Processo verbal	Citação

todos	usava	roupas humildes. alguns calçados outros descalços.
Ator	Proc. material	Meta

No segmento em análise, verifica-se uma preponderância de processos, notadamente os materiais, mentais e verbais. Os processos materiais, evidenciados na insuficiência financeira, expressa pelo elemento interpessoal “não”, juntamente com o processo material “dava”, remetem à escassez material, associando-se à pobreza física.

A abordagem da pobreza emocional emerge na referência ao "povo da favela gostar de ganhar esmolas." Aqui, o processo mental perceptivo desvela uma apreensão subjetiva das atitudes e sentimentos das pessoas diante da pobreza.

Os processos verbais são representados pelo ato de ouvir uma mulher afirmar na citação: "Não é ruim ser pobre." Nesse caso, a audição revela um processo mental perceptivo que articula uma noção subjetiva sobre a pobreza.

As descrições concernentes à disposição de tábuas na calçada e ao revestimento com jornais ilustram exemplos de processos materiais enfatizam as condições precárias do ambiente e conectando-se à pobreza física. A narrativa, ao integrar elementos auditivos e visuais, oferece uma representação abrangente e sensível das dimensões física e emocional da pobreza.

Excerto (34):

7 DE JULHO [...] Deixei o tribunal e tomei o bonde. Quando desci no ponto final fui no açougue comprar carne moida. Passei na COAP [22] e comprei meio quilo de arroz. Perguntei a jornaleira se ela tem titulo de eleitor. **Eu pensava nos filhos que devia estar com fome. (...) A Vera começou pedir comida. Esquentei e deilhe.** O João jantou e o José Carlos também. Contou-me que o cunhado da Dona Aparecida havia chegado na assistência. Que foi atropelado. Que estava engessado. Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. (JESUS, Carolina, p.72).

eu	pensava	nos filhos
experienciador	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

que	eles	devia estar	com fome
Elem. textual	Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

A Vera	começou pedir	comida.
Ator	Proc. material	Meta

Ao refletir sobre os trechos fornecidos, torna-se evidente a presença de três tipos de processos: o mental cognitivo, o relacional intensivo e o material. O processo mental revela-se na consideração dos filhos e de suas necessidades, notavelmente associadas à fome. Essa preocupação mental, ao se deparar com a ideia de privação alimentar, instiga uma análise mais intensiva da relação entre os filhos e a condição de estarem com fome.

Excerto (35):

14 DE JULHO Passei o dia deitada por estar com febre e dor nas pernas.
Não tinha dinheiro, mas eu havia deixado uns ferros lá no senhor

Manoel e mandei ir pesar e receber. Ganhou 22 cruzeiros. Comprei 5 de pão e 5 de açúcar e comprimido. Levantei só para preparar as refeições. Passei o dia deitada. O José Carlos ouviu a Florenciana dizer que eu pareço louca. Que escrevo e não ganho nada. (JESUS, Carolina, p.80).

[eu]	não	tinha	dinheiro
Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

mas	eu	Havia deixado	uns ferros	lá no senhor Manoel
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta	Circunst. localização (lugar)

e	[eu]	mandei	o José Carlos	ir pesar e receber.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Beneficiário	Meta

Na análise do trecho, é notável a predominância do processo material, exemplificado pelo processo material "deixado", que está relacionado à meta de adquirir ferros, delineando uma estratégia de obtenção de recursos.

Em outra oração, o processo material "mandei" indica a transferência de responsabilidade para José Carlos realizar a meta de pesar e receber os ferros. Nesse contexto, essa ação se configura como uma solução encontrada, em que a delegação de tarefas surge como estratégia para atingir os objetivos estabelecidos.

Analisando o cenário de pobreza, percebe-se que, inicialmente, o processo relacional possessivo "tinha", juntamente com o elemento interpessoal "não", destaca, por meio do atributo dinheiro, a carência financeira do portador. Assim, a delegação de responsabilidades, configura-se como uma das soluções encontradas dentro desse contexto desafiador.

Excerto (36):

15 DE JULHO Hoje é o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu não posso fazer uma festinha porque isto é o mesmo que querer agarrar o sol com as mãos. Hoje não vai ter almoço. Só jantar. ...Estou mais disposta. Ontem supliquei ao Padre Donizete [24] para eu sarar. Graças a Deus que atualmente os santos estão protegendo. **Porque não sobra dinheiro para eu ir no medico. ...Fui catar papel, levei os filhos.** Eu agora quero ter o João debaixo dos meus olhos. Fui na Dona Julita. Ela está em Santo André. Cheguei em casa fiz o almoço. Fui no Senhor Manoel vender os ferros. Ganhei 25 cruzeiros. Comprei pão. Quando cheguei na favela tinha um português vendendo miúdo de vaca. Comprei meio quilo de bucho. Mas eu não gosto de negociar com português. Eles não tem educação. São obscenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando explorá-la. Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros. O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de fígado se ela lhe aceitasse. Ela não quis. Tem preta que não gosta de branco. Ela saiu sem comprar. Ele deixou de vender por ser atrevido. (JESUS, Carolina, p. 80-81).

Porque	não	sobra	dinheiro
Elem. textual	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

para	eu	ir	no medico.
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

Na análise destes trechos, a predominância dos processos materiais enfatiza a concretude das dificuldades financeiras associadas à pobreza. Na primeira oração, destaca-se o processo material "sobra", conjuntamente ao elemento interpessoal "não", e evidencia a carência de recursos financeiros no momento.

No segundo trecho, "para eu ir no médico", a ênfase no processo material "ir" aponta para a ação prática de consultar um "médico" como uma meta. Aqui, a "meta" se torna um objetivo essencial, mas a pobreza financeira se impõe como um obstáculo.

Na análise deste trecho, é evidente a presença da pobreza física, pois a escassez de recursos financeiros impede a concretização da meta principal, que é a ida ao médico. A falta de dinheiro como obstáculo para acessar cuidados de saúde destaca a dimensão

física da carência, o que salienta como a limitação econômica impacta diretamente na capacidade de atender necessidades essenciais à saúde.

Excerto (37):

“16 DE JULHO ...Não havia papel nas ruas. Passei no Frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. (...) Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de Leão. Então recorro ao lixo.” (JESUS, Carolina, p. 80-81).

não	havia	papel	nas ruas
Elem. interpessoal	Proc. existencial	Existente	Circunst. localização (lugar)

[eu]	passei	no frigorífico.
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

Havia jogado	muitas linguças	no lixo.
Proc. material	Meta	Circunst. localização (lugar)

[eu]	separei	as [linguças]
Ator em elipse	Proc. material	Meta em elipse

que	não	estava	estragadas
Elem. textual	Elem. interpessoal	Processo relacional	Atributo

[eu]	não	Quero enfraquecer
------	-----	-------------------

Experienciador em eclipse	Elem. interpessoal	Proc. mental desiderativo
------------------------------	--------------------	---------------------------

e	[eu]	não	posso comprar
Elem. textual	Ator em eclipse	Elem. interpessoal	Proc. material

e	[eu]	tenho	um apetite de leão
Elem. textual	Portador	Proc. relacional possessivo	Atributo

então	[eu]	recorro	ao lixo
Elem. textual	Ator em eclipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

Nota-se uma prevalência de processos materiais que enfatizam as ações práticas associadas às dificuldades econômicas. A expressão "não havia papel nas ruas" revela um processo existencial que destaca a realidade da escassez. O uso do processo relacional em "que não estava estragadas" estabelece a conexão direta entre a condição dos alimentos e a qualidade desejada, aprofundando a percepção da pobreza.

A expressão "não quero enfraquecer" revela um processo mental desiderativo, que introduz uma dimensão subjetiva na narrativa. Nesse sentido, o narrador expressa um desejo interior de não sucumbir diante das dificuldades impostas pela pobreza física. Esse processo mental reflete uma resistência emocional, indicando uma vontade firme de manter a fortaleza perante as adversidades econômicas.

Ao recusar o enfraquecimento, o narrador evidencia uma postura de enfrentamento, uma determinação interna de superar as limitações impostas pela falta de recursos. Essa dimensão emocional adiciona profundidade à narrativa, o que revela o esforço subjetivo para preservar a dignidade e a resiliência em meio às condições desafiadoras

A ação prática de recorrer ao lixo como alternativa evidencia novamente o processo material simboliza a necessidade prática de encontrar soluções diante da pobreza. Em

conjunto, esses processos oferecem uma visão abrangente da experiência do narrador em um contexto marcado pela escassez econômica.

No contexto apresentado, a pobreza é caracterizada como física, manifestando-se na escassez de recursos tangíveis, como a ausência de papel nas ruas e a necessidade de recorrer ao lixo para suprir demandas básicas. A predominância de processos materiais destaca a concretude dessas limitações econômicas.

A solução apresentada diante dessa pobreza física é a busca por alternativas práticas e imediatas, simbolizadas pelo ato de recorrer ao lixo. Essa ação reflete a necessidade de encontrar recursos utilizáveis no ambiente circundante e revela estratégias adaptativas diante das restrições econômicas. A decisão de buscar no lixo ressalta a urgência em lidar com as carências físicas e evidencia uma resposta pragmática e direta à pobreza material apresentada no trecho

Excerto (38):

18 DE JULHO ...Saí e fui catar papel. **Ouvia as mulheres lamentando com lágrimas nos olhos que não mais aguenta o custo de vida.** (...) Levei o João para evitar encrenca. Passei na banca de jornal na Avenida Tiradentes e parei para conversar com uns senhores e com o jornaleiro. (JESUS, Carolina, p. 82).

[eu]	ouvia	as mulheres lamentando	com lágrimas nos olhos
Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo	Fenômeno	Circunst. modo (qualidade)

que	[elas]	não	mais aguenta o custo de vida
Elem. textual	experienciador	Elem. interpessoal	Fenômeno

Nessa análise, destaca-se a prevalência das orações mentais. Na primeira, o processo mental perceptivo "lamentando" expressa o estado emocional das mulheres. A circunstância "com lágrimas nos olhos" adiciona uma dimensão à tristeza observada.

Na continuação, na segunda frase, aponta-se que a origem dessa tristeza está relacionada ao fenômeno do custo de vida. Dessa forma, as orações mentais são habilmente utilizadas para transmitir as emoções das mulheres e estabelecer uma conexão direta entre o lamento percebido e a causa identificada, o que proporciona uma compreensão mais profunda do contexto apresentado.

A relação entre a pobreza e a emoção se manifesta na vulnerabilidade das mulheres diante das dificuldades econômicas, que revela um impacto profundo em seu bem-estar psicológico. A constante pressão do custo de vida elevado, mencionado como uma causa da tristeza, sugere que a pobreza não se limita apenas às carências materiais, mas também tem repercussões diretas na saúde emocional das pessoas afetadas. Portanto, a pobreza aqui é percebida como uma condição financeira precária e uma experiência que afeta profundamente o estado emocional das mulheres, sublinhando a complexidade e os efeitos abrangentes desse fenômeno na vida das pessoas.

Excerto (39):

19 DE JULHO ...Fui na bolacha. O dono disse que não dava mais bolacha. Voltei catando tudo que encontrava. Está chovendo e eu não quiz catar papel. Quando cheguei na favela a Vera contou-me que a baiana havia lhe chingado. Uma mulher de 32 anos brigar com uma criança de 5 anos! Uma vizinha que viu a baiana chingando a Vera confirmou. Assim que a nojenta viume começou insultar-me. Mostrou uma peixeira para o José Carlos e disse que pretende lhe picar. Fui no senhor Manoel vender uns ferros. Ganhei 55 cruzeiros. Levei pouco material e achei que era muito dinheiro. Perguntei ao senhor Manoel se não errou no troco. ...Fui na feira, comprei 1 quilo de feijão e 1 rim. O resto eu catei. Quando um português jogou uns pés de alface no chão e eu peguei, o português gritou: — Chegou a freguesia do Bastião! **...Hoje eu não lavo as roupas porque não tenho dinheiro para comprar sabão.** Vou ler e escrever. A Leila pegou machado e repicou o fundo da bacia. A bacia é da Ivone Horacio, que deu-me as 5 canivetadas em 1952. O processo foi cancelado porque ela não compareceu no foro. A Ivone pediu a bacia, a Leila não queria devolver. Picou o fundo. Eu fiquei horrorizada e com dó. ...Dois nortistas brigaram. Só procuram insultos. O Vitor Franquistém, o valentão, apanhou do Valdemar Espadela. Todos gostaram porque o Vitor quer ser o Lampeão da Favela. Foram 2 cacetadas. Agora as mulheres estão

dizendo que vão cotisar e comprar uma camisa de lã para dar de presente ao Valdemar para comemorar o seu grande feito. (JESUS, Carolina, p. 82).

hoje	eu	não	lavo	roupas
Circunst. localização (tempo)	Ator	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

porque	[eu]	não	tenho	dinheiro
Elem. textual	Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	comprar	sabão.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

No trecho em análise, percebe-se uma predominância de processos materiais, destacados pelos processos "lavo" e "comprar". Na primeira oração, a circunstância de localização (tempo) "hoje" e o elemento interpessoal "não" associados ao processo material "lavo" explicitam a não execução da atividade, cuja meta é lavar roupas.

A explicação para essa decisão é apresentada na segunda oração, em que a elipse do portador "eu" e o elemento interpessoal "não" são combinados com o processo relacional "tenho", o que ressalta a falta de dinheiro como um atributo determinante. Dessa forma, a atividade de lavar roupas não é realizada devido à impossibilidade de comprar sabão, delineando uma realidade condicionada pela escassez financeira.

A última oração reforça essa limitação e indica que o ator "eu" não pode realizar o processo material de comprar sabão, essencial para a execução da meta, devido à falta de recursos financeiros. Assim, o texto revela uma sequência de eventos interligados, onde as restrições impostas pela pobreza afetam diretamente as atividades diárias e básicas, como a simples tarefa de lavar roupas.

A ausência de meios financeiros evidencia a pobreza física como fator preponderante, revelando como a falta de recursos impacta diretamente a execução de tarefas básicas e essenciais.

Excerto (40):

22 DE JULHO ...Eu fui trabalhar e avisei os vizinhos: —Se o Alexandre aborrecer, avise! **Saí pensando na minha vida infausta. Já faz duas semanas que eu não lavo roupa por falta de sabão.** As camas estão sujas que até dá nojo. ...Não fiquei revoltada com a observação do homem desconhecido referindo-se a minha sujeira. Creio que devo andar com um cartas nas costas: **Se estou suja é porque não tenho sabão.** Cheguei no Frigorífico. Os meninos entraram e cada um ganhou uma salchicha. Quando eu estava catando o papel surgiu o espanhol que faz a limpeza e começou gritar comigo. Hoje eu estou nervosa e não admito que um estrangeiro grite comigo. ...Tem uma espanhola que vai no Frigorífico catar carne no lixo e quando vê o espanhol diz: —Este non é de mi tierra. Isto é português! E tem uma portuguesa que diz: —Esta besta não é de Portugal! E eu, para arrematar digo: —Graças a Deus, ele não é brasileiro! (JESUS, Carolina, p. 86).

Já faz duas semanas	que	eu	não	lavo	roupa
Circunst. localização (tempo)	Elem. textual	Ator	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

por	falta	de sabão
Elem. textual	Proc. material	Meta

se	eu	estou	suja
Elem. textual	Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

é porque	[eu]	não	tenho	sabão.
Elem. textual	Portador em elipse	Elem.interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

Neste trecho, a ênfase recai mais sobre a pobreza material do que sobre a pobreza emocional, evidenciada pelos recursos linguísticos apresentados. O ator, representado como "eu", confronta a escassez de sabão, vital para a realização do ato de lavar roupas. A recorrência à elipse do pronome na expressão "não tem" no processo relacional possessivo destaca a ausência desse recurso essencial, o que enfatiza a carência material.

A circunstância localização (tempo) "duas semanas desde a última lavagem" sublinha a persistência dessa privação material ao longo do tempo, acentuando a dificuldade enfrentada. Enquanto a falta de sabão é apontada como impeditivo para a higienização das roupas, os processos relacionais intensivo e possessivo ("estou suja" e "não tem") sublinham a precariedade material, destacando a necessidade imediata de recursos para suprir essa deficiência. A pobreza emocional, embora não seja excluída, é, neste contexto, eclipsada pela necessidade premente de recursos materiais para atender às demandas básicas do cotidiano.

Neste trecho, portanto, destaca-se claramente a pobreza física e revela-se como a escassez de recursos financeiros impacta diretamente as ações cotidianas e essenciais do indivíduo. A ausência de meios financeiros torna-se evidência marcante dessa limitação econômica, o que influencia a decisão de não realizar a atividade de lavar roupas.

Excerto (41):

24 DE JULHO Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheiado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis o unico feijão para cosinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos. Fui na Dona Guilhermina, na Rua Carlos de Campos. E pedi para ela um pouco de arroz. Ela deu-me arroz e macarrão. E eu fiquei conversando com o seu esposo. Ele deu-me umas garrafas para eu vender. E eu catei uns ferros. Depois de conseguir algumas coisas para os meninos comer. Reanimeime. Acalmei o espirito. Fui no senhor Manoel vender as garrafas. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 10 de pão e um cafezinho ...Cheguei na favela, fiz o almoço e fui lavar roupas. 3 semanas sem lavar roupas por falta de sabão. As vizinhas ficaram horrorisadas vendo a quantidade de roupas que eu lavei. A Dona Geralda esposa do senhor

João da Portuguesa veio procurar a Fernanda dizendo que havia roubado a sua bacia de roupas. E foi vasculhar a casa da mãe da Fernanda. A Fernanda lhe acompanhou até a sua casa e encontraram a bacia na cosinha. Ela pediu desculpas a Fernanda e deu-lhe uma garrafa de pinga. Quando recebeu a garrafa de pinga, ela ficou tão contente. Sorria contemplando a garrafa. Veio elogiando a Dona Geralda. — Que mulher boa! O rancor da Fernanda desapareceu porque a pinga entrou como intermediária. (JESUS, Carolina, p. 87).

Como é horrível	[eu]	levantar	de manhã
Circunst. Modo (qualidade)	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (tempo)

E	[eu]	não	ter	nada
Elem. textual	Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	comer
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

[eu]	pensei	até em suicidar
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

eu	suicidando-me	É por deficiência de alimentação no estomago.
Ator	Proc. material	Circunst. causa (razão)

e por infelicidade	eu	amanheci	com fome
Elem. textual	Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

Os meninos	ganharam	uns pães duro
------------	----------	---------------

Beneficiário	Proc. material	Meta
--------------	----------------	------

mas	[os pães]	estava	Recheado com pernas de barata
Elem. interpessoal	Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Atributo

No fragmento em análise, enfatiza-se a preponderância de processos materiais e mentais, delineando a tessitura da narrativa. Os processos materiais, tais como "levantar", "ter", "comer" e "suicidar", explicitam uma realidade permeada pela escassez material, carência alimentar e privação, denotando a condição de penúria.

A ausência de posse, manifestada no processo relacional, amplifica a precariedade de recursos materiais. A elipse do agente em múltiplas instâncias sugere uma individualidade anônima e universal, ressaltando a generalização da vivência da pobreza.

O processo mental cognitivo "pensar até em suicidar" delinea o impacto psicológico da privação, o que indica a extrema vulnerabilidade do narrador diante das circunstâncias adversas. O ato de suicidar, justificado pela carência alimentar, sublinha a gravidade da situação.

A presença da fome, destacada pelo processo mental perceptivo, acrescenta uma dimensão física à experiência de penúria. A ação dos meninos ao obterem pães duros evidencia a busca por recursos básicos de subsistência.

Por último, a revelação de que os pães se encontram "recheados com pernas de barata" enfatiza a degradação extrema das condições alimentares, sublinhando a indignidade e as dificuldades enfrentadas na pobreza. Concomitantemente, esses elementos coadunam uma narrativa que, de maneira pungente, explora as múltiplas facetas da pobreza, desde a escassez de recursos materiais até os efeitos devastadores sobre o bem-estar emocional e físico dos indivíduos.

Excerto (42):

26 DE JULHO ...**Eu estava tonta de fome devido ter levantado muito cedo. Fiz mais café.** Depois fui lavar as roupas na lagoa, pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remedio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. **Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remedios. ...Mandei o João ir no senhor Manoel vender os ferros. E eu fui catar papel. No lixo do Frigorífico tinha muitas linguças. Catei as melhores para eu fazer uma sopa.** (...) Vim pelas ruas catando ferros. Quando cheguei no ponto do bonde encontrei o José Carlos que ia na feira catar verduras. ...O Adalberto veio procurar roupas. Não lhe atendi porque ele está ficando muito confiado. Ontem falou pornografia perto da Vera. E está aborrecendo-me. ...O senhor Manoel chegou. Deu-me 80 cruzeiros, eu não quiz pegar. Procurei as crianças para tomar banho. Ficaram alegre quando viu o senhor Manoel. Eu disse para o senhor Manoel que ia passar a noite escrevendo. Ele despediu-se e disse: —Até outro dia! Nossos olhares se encontraram e eu lhe disse: —Vê se não volta mais aqui. Eu já estou velha. Não quero homens. Quero só os meus filhos. Ele saiu. Ele é muito bom e iducado. E bonito. Qualquer mulher há de gostar de ter um homem bonito como ele é. Agradavel no falar. ...O Frei Luiz apareceu e deu aula de catecismo para as crianças. Fizeram uma procissão. Eu não compareci. (JESUS, Carolina, p. 87).

eu	estava	tonta de fome
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

devido	[eu]	ter levantado	muito cedo
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (tempo)

eu	não	fiz	o exame
Ator	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

porque	eu	não	posso comprar	os remedios
Elem. textual	Ator	Elem. interpessoal	Proc material	Meta

No lixo do frigorifico	tinha	muitas linguças.
------------------------	-------	------------------

Circunst. Localização (lugar)	Proc. relacional possessivo	Atributo
-------------------------------	-----------------------------	----------

[eu]	catei	as melhores
Ator em elipse	Proc. material	Meta

para	eu	fazer	uma sopa
Elem.textual	Ator	Proc. material	Meta

Neste excerto, destaca-se a prevalência de processos materiais, evidenciados ao abordar a impossibilidade de comprar remédios e a necessidade de levantar cedo. Paralelamente, os processos relacionais surgem ao tratar da posse de alimento, caracterizando-o como "tinha". O desfecho revela uma ação do ator, que utiliza os processos "catei" e "fazer" e proporciona uma solução para a situação de fome apresentada no texto.

A carência material é evidente nas referências à impossibilidade de adquirir remédios, a qual indica uma limitação financeira que afeta diretamente a saúde física. Além disso, a necessidade de levantar cedo pode ser interpretada como uma consequência da falta de recursos, implicando em condições de vida adversas.

A posse de alimentos no lixo do frigorífico destaca a pobreza em termos materiais, mas também ressalta uma capacidade de improvisação e resiliência. A escolha das melhores linguças para fazer uma sopa demonstra uma atitude prática diante das adversidades, o que indica uma resposta positiva à pobreza material.

Excerto (43):

28 DE JULHO ...Deixei o João e levei só a Vera e o José Carlos. Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói(...) O verso preferido era este: Ouço o povo dizer O Adhemar tem muito dinheiro Não tem direito de enriquecer Quem é nacional, quem é brasileiro? Bem: vamos deixar o Dr. Adhemar em paz porque ele está com a vida mansa. **Não passa fome. Não come nas latas de lixo igual os pobres.** Quando eu ia na residência do Dr. Adhemar encontrei um senhor que deu-me este cartão: Edison Marreira Branco. Estava tão bem vestido que

atraiu os olhares. Disse-me que pretendia incluir-se na política. Perguntei-lhe: —Quais são suas pretensões na política? —Quero ficar rico igual ao Adhemar. Fiquei horrorizada. Ninguém mais apresenta amor patriótico. Quando passei no Frigorífico encontrei com a dona Maria do José Bento que disse-me: —Se a gente não catar um pouco vamos acabar ficando loucos. Só Deus pode ter dó de nós, os pobres. Ensinei-lhe a catar os alhos. E eu catei um pouco de carvão. Despedi da dona Maria e segui. Encontrei com a dona Nenê, a diretora da Escola Municipal, professora do meu filho João José. Disse-lhe que ando muito nervosa e que tem hora que eu penso em suicidar. Ela disse-me para eu acalmar. **Eu disse-lhe que tem dia que eu não tenho nada para os meus filhos comer.** (JESUS, Carolina, p. 89).

Não	passa	fome
Elem. interpessoal	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

[ele]	não	come	nas latas de lixo igual os pobres
Ator em elipse	Elem. interpessoal	Proc. material	Circunst. modo (comparação)

eu	Disse-lhe	que eu não tenho nada para os meus filhos comer.
Dizente	Proc. verbal	Relato

Na presente análise, a expressão "Não passa fome", nota-se um processo mental perceptivo em "passa", que ressalta a percepção subjetiva do autor sobre sua condição alimentar. Este processo está associado ao fenômeno de não sentir fome e reflete uma experiência emocional relacionada à estabilidade alimentar em meio à pobreza.

Ao afirmar "[ele] não se alimenta nas latas de lixo como os desfavorecidos", identifica-se um processo material em "se alimenta", com uma circunstância de comparação, indicando a negação através de "não". O ator em elipse, "ele", revela que a decisão de não se alimentar nas latas de lixo difere da prática associada à pobreza extrema. Isso sugere uma conscientização sobre comportamentos alimentares distintos e destaca uma abordagem diferente em meio às adversidades.

A declaração "Ele comunicou a falta de recursos para alimentar seus filhos" apresenta um processo verbal em "comunicou", que indica comunicação direta. O dizente,

"ele", expressa a dificuldade material ao relatar a escassez de alimentos para os filhos, associando o processo verbal ao relato da pobreza.

Essas escolhas léxico-gramaticais proporcionam uma análise profunda da experiência do autor em relação à pobreza. A percepção subjetiva da estabilidade alimentar, a escolha consciente em relação aos comportamentos alimentares e à comunicação direta sobre a carência material contribuem para uma compreensão mais completa dos desafios emocionais e práticos enfrentados em situações de privação.

Neste caso, as descrições apresentadas evidenciam a presença de pobreza e destacam tanto as dificuldades materiais relacionadas à obtenção de alimentos quanto os impactos emocionais associados à falta de recursos. A comparação de comportamentos alimentares, a recusa em buscar comida em latas de lixo e a comunicação direta sobre a falta de alimentos para os filhos são indicativos claros da insuficiência de recursos materiais. Ao mesmo tempo, a expressão "Não passa fome" sugere uma dimensão emocional e ressaltam a experiência subjetiva e os desafios psicológicos vinculados à pobreza. Dessa forma, a análise conjunta desses elementos reforça a presença concreta da pobreza.

Excerto (44):

3 DE AGOSTO ...Hoje os meninos vão comer só pão duro e feijão com farinha. Eu estou com tanto sono que não posso parar de pé. Estou com frio. **E graças a Deus não estamos com fome.** Hoje Deus está ajudando-me. Estou indecisa sem saber o que fazer. Estou andando de um lado para outro, porque não suporto permanecer no barracão limpo como está. Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar. Fui na dona Nenê. Ela estava na cosinha. Que espetáculo maravilhoso! Ela estava fazendo frango, carne e macarronada. Ia ralar meio queijo para por na macarronada! Ela deu-me polenta com frango. E já faz uns 10 anos que eu não sei o que é isto. ...Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lágrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes. Quando cheguei na favela a Leila e o Arnaldo estavam dando os seus espetáculos. E a criançada estavam apreciando. Eu estava escrevendo quando a Vera veio avisar-me que estavam dando cartões e que havia muitas pessoas na rua. Fui correndo para ver. Varias pessoas acompanhava um senhor alto e loiro que conduzia um menino de 10 anos pela mão. Ele usava calças cinza claro e paletó azul anil. Passou

por mim e deu-me um abraço. Fiquei perplexa com aquele abraço sem apresentação. É a primeira vez que vejo o homem. A cunhada do Coca-Cola disse-me: —Este é nosso deputado. Dr. Contrini. Quando ela disse deputado federal pensei: é época de eleições, porisso é que eles estão tão amavel. ...O senhor Contrini veio nos dizer que é candidato nas eleições. Nós da favela não somos favorecidos pelo senhor. Não te conhecemos. (JESUS, Carolina, p. 91-92).

e	graças a Deus	[nós]	não	estamos	com fome
Elem. textual	Circunst. causa (razão)	Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional atributivo	Atributo

No trecho examinado, identifica-se o processo relacional atributivo "estamos". O portador em elipse "nós", aliado ao elemento interpessoal "não" e ao atributo "com fome", indica a ausência de fome naquele momento. A falta de fome é atribuída à providência divina, evidenciada pela circunstância de causa expressa na expressão "graças a Deus".

Excerto (45):

7 DE AGOSTO Deixei o leito as 4 horas. **Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme.** ...Vi o fiscal circulando e falando. Fui ver do que se tratava. Estava procurando o senhor Tiburcio. Ele faz barracão para vender. Ele pede esmola na rua Direita. Ele não precisa e não reside na favela. Ele já construiu sete barracões e vendeu. O Tiburcio tem o físico defeituoso e a alma também. Quando o João chegou da escola dei-lhe almoço. Depois fomos na cidade. Fomos a pé porque não tinha dinheiro para pagar a condução. Levei uma sacola e ia catando os ferros que encontrava nas ruas. Passamos pela rua da Cantareira. A Vera olhava os queijos e engulia as salivas. ...A dona Alice contou-me que o Policarpo nortista que reside aqui na favela pois uma preta para residir na sua casa. Disse para a mulher que ela era sua prima. E a mulher é muito boa e aceitou a prima em casa com prazer. E a prima ficou em casa varios dias. A mulher do Policarpo saía e ele ficava com a prima. E um dia, a dona Maria ao chegar em casa, encontrou o Policarpo e a prima, na copola. Ela não gostou e brigaram. E o Policarpo saiu de casa com a prima e foi para Descalvado. Levou os moveis e deixou só a cama. (JESUS, Carolina, p. 92-93).

eu	não	dormi
Comportante	Elem. interpessoal	Proc. comportamental

porque	[eu]	deitei	com fome
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. modo (qualidade)

e	quem	deita	com fome não dorme
Elem. textual	Ator	Proc. material	Circunst. causa (razão)

No trecho fornecido, observa-se a predominância dos processos materiais, seguido do processo comportamental. O processo comportamental é evidenciado pelo comportante “eu”, que explicita não ter dormido, revelando uma ação relacionada ao comportamento de não dormir. O processo material "deitei" é empregado para descrever o ato de deitar, sendo acompanhado pela circunstância de modo qualidade "com fome".

A subsequente afirmação de que quem deita “com fome não dorme” enfatiza a circunstância de causa e razão elucidada que a fome é o motivo pelo qual o ator não consegue dormir.

O trecho destaca a interdependência entre os aspectos comportamentais, as condições materiais precárias e os desafios enfrentados por indivíduos em situações de pobreza, o que ilustra vividamente como a falta de recursos básicos influencia até mesmo atividades tão fundamentais quanto dormir. Nesse caso, trata-se da pobreza física.

Excerto (46):

9 DE AGOSTO Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. **Porque eu tinha só feijão e sal.** E amanhã é domingo. ...Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade. ...Aqui na favela está um reboliço. E que o deputado Francisco Franco deu material para terminar a sede do Rubro Negro. Deu as telhas e as camisas e o povo da favela fala diariamente neste deputado. Vão fazer uma festa para homenageá-lo. JESUS, Carolina, p. 94).

porque	eu	tinha	só feijão e sal
Elem. textual	Portador	Proc. relacional possessivo	Atributo

O portador "eu" indica, juntamente com o processo relacional possessivo "tinha", a posse, mas a limitação está explícita no atributo "só feijão e sal".

Essa associação entre o portador, o processo relacional possessivo e o atributo ressaltam a falta de variedade e a simplicidade extrema dos alimentos disponíveis, o que indica uma situação de pobreza alimentar.

O portador não possui uma gama diversificada de alimentos, restringindo-se apenas a feijão e sal. Essa condição alimentar restrita sugere limitações financeiras e evidencia a precariedade da situação econômica, característica da pobreza.

Ao longo do trecho, a raiva expressa pelo portador é evidenciada pelas emoções explícitas traduzidas na frase "Deixei o leite furiosa, com vontade de quebrar e destruir tudo". Essas emoções intensas refletem as frustrações associadas às condições difíceis da vida, agravadas pela limitação de recursos alimentares. Portanto, a narrativa não apenas descreve a carência material, mas também destaca as emoções intensas e negativas experimentadas pelo portador em meio à adversidade.

Excerto (47):

14 DE AGOSTO ...O Ditinho filho da Nena é um veterano da favela. Mas é um pelado. Não aprendeu ler. Não aprendeu um ofício. Só aprendeu beber pinga. A Nena tinha um barracão na Rua do Porto. Bem construído. Mas o Tiburcio tapeou a pobre Nena. Trocou os barracões. Deu-lhe um mal construído e ficou com o dela. Depois, ele vendeu por quinze mil cruzeiros. ...Fui até o Deposito, ganhei 15 cruzeiros. Passei no sapateiro, para mandar ele concertar os sapatos da Vera. Fiquei percorrendo as ruas. **Estava nervosa, porque estava com pouco dinheiro, e amanhã é feriado.** Uma senhora que regressava da feira disse-me para eu ir buscar papéis na rua Porto Seguro, no prédio da esquina, 4 andar, 44. Subi no elevador, eu e a Vera. Mas eu estava com tanto medo, que os minutos que permaneci dentro do elevador pareceu-me séculos [...]. (JESUS, Carolina, p. 96).

[eu]	estava	nervosa
Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Atributo

porque	[eu]	estava	com pouco	dinheiro.
Elem. textual	Portador em elipse	Proc. relacional	Circunst. modo (grau)	Atributo

e	amanhã	é	feriado.
Elem. textual	Circunst. localização (tempo)	Proc. relacional intensivo	Atributo

Neste trecho, a explicação de que o nervosismo decorre da escassez financeira evidencia a interconexão entre estados emocionais e situações materiais. A contextualização de que no próximo dia seria feriado introduz um novo elemento, preparando o cenário para eventos futuros e possivelmente impactando as ações e emoções do portador. A combinação desses elementos fornece uma narrativa que abrange aspectos emocionais, financeiros e temporais, enriquecendo a compreensão do contexto descrito.

É possível interpretar que há tanto uma pobreza física quanto uma pobreza emocional sendo expressadas. A referência à escassez de dinheiro sugere uma condição de carência material, o que caracteriza a pobreza física. Ao mesmo tempo, a descrição do estado emocional nervoso, associado à falta de dinheiro, indica uma pobreza emocional e evidencia a influência das condições financeiras na esfera emocional do portador. Ambas as dimensões – física e emocional – estão interligadas no relato.

Excerto (48):

“17 DE AGOSTO ...**Quando eu fui almoçar fiquei nervosa porque não tinha mistura.** Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e puis no fogo. Nas épocas eleitoraes ela diz que luta por nós.” (JESUS, Carolina, p. 96).

quando	eu	fui	almoçar
--------	----	-----	---------

Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta
---------------	------	----------------	------

[eu]	fiquei	nervosa
Portador em elipse	Proc. relacional intensivo atributivo	Atributo

porque	[eu]	não	tinha	mistura.
Elem. textual	Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

Neste trecho, a repercussão da carência econômica na vivência da entidade representada pelo portador em elipse, "eu". O atributo "nervosa", expõe a tensão emocional inerente às circunstâncias materialmente restritas.

O processo relacional possessivo "tinha" sublinha a carência de mistura como atributo, desvelando a ausência de componentes essenciais para uma refeição adequada.

Desse modo, o trecho explicita a manifestação da pobreza na experiência do portador, o que elucida as limitações materiais e os impactos emocionais correlatos à escassez de recursos. A articulação linguística utilizada na descrição da condição alimentar e emocional proporciona uma compreensão mais perspicaz das adversidades enfrentadas e de como estas estão intrinsecamente vinculadas à condição de vulnerabilidade financeira.

Excerto (49):

24 DE AGOSTO ...Fui lavar roupas. O sabão era pouco. A Dona Dolores deu-me uns pedaços. **Eu comecei sentir tonturas, porque estava com fome.** ...Fui na Chica. Ela disse-me que o Policarpo veio brigar com a esposa porque ela deu parte dele no Juiz. ...A Dorça disse-me que o peixeiro que o Armim e o Valdemar já assaltaram, jogou um saco no rosto do Valdemar, e enquanto ele procurava livrar-se do saco, ele lhe arrebatou o porrete das mãos e vibrou-lhe umas cacetadas, e eles correram. O João e o José Carlos foram no cinema da igreja do Pari. Hoje eu estou indisposta. Lavei as roupas de qualquer jeito porque não sei se amanhã eu amanheço doente. Não sei qual é o desgraçado que entra no barracão para roubar. Porque sumiu a minha machadinha. (JESUS, Carolina, p. 102).

eu	comecei sentir	tonturas
Experienciador	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

porque	[eu]	estava	com fome
Elem. textual	Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Atributo

Nesta passagem, o experienciador “eu” relata o processo mental “sentir”, evidenciando o fenômeno “tonturas”, demonstrando sensações físicas. Em seguida, há uma explicação sobre a origem desses sintomas físicos, em que o portador em elipse “eu”, por meio do processo relacional intensivo “estava”, afirma, a partir do atributo “com fome”, a condição de estar faminto.

Assim, a interpretação revela que as tonturas e o mal-estar experienciados estão diretamente relacionados à fome, destacando as sensações físicas que a ausência de alimentação ocasiona.

Excerto (50):

25 DE AGOSTO **Fui buscar água e fiz café. Não comprei pão. Não tinha dinheiro.** Eu ia levar os filhos, vi uma menina que ia na aula, perguntei-lhe se ia ter aula. Disse-me que sim. Eu vesti o José Carlos, e o João foi do jeito que estava. Prometi levar-lhe um lanche. E saí com a Vera. Não havia papéis nas ruas porque apareceu outro homem para catar. Achei ferros e metais. (JESUS, Carolina, p. 103).

[eu]	não	comprei	pão
Ator em elipse	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

[eu]	não	tinha	dinheiro.
Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

Nesta passagem, o ator "eu" realiza o processo material "comprei", sendo a meta desse processo "pão". A presença do elemento interpessoal "não" demarca a negação dessa ação, indicando que o "pão" não foi adquirido, resultando em uma situação de carência alimentar.

Na segunda oração, o ator "eu" é novamente o portador, destacando a falta de dinheiro. O elemento interpessoal "não" e o processo relacional possessivo "tinha" sublinham a ausência do atributo "dinheiro". Isso evidencia a incapacidade de realizar a compra mencionada anteriormente e ressalta as dificuldades financeiras associadas à pobreza.

Em síntese, a análise revela que a negação da ação de compra, em conjunto com a falta do atributo "dinheiro", enfatiza a condição de escassez econômica e a impossibilidade de satisfazer uma necessidade básica, como a aquisição de alimentos

A pobreza mencionada parece ser predominantemente de natureza material. A falta de recursos financeiros para comprar pão indica uma carência econômica, concentrando-se principalmente na ausência de meios financeiros para atender às necessidades básicas, sugerindo uma pobreza material.

Excerto (51):

2 DE SETEMBRO **Acendi o fogo e esquentei comida para os filhos porque não tinha dinheiro para comprar pão.** Troquei os filhos que foram para a escola. E eu saí com a Vera. Quase fiquei louca. Porque havia pouco papel na rua. Agora até os lixeiros avançam no que os catadores de papéis podem pegar. Eles são egoístas. Na rua Paulino Guimarães tem um depósito de ferro. Todos os dias eles põe o lixo na rua, e lixo tem muito ferro. Eu catava os ferros para vender. Agora, o carro que faz a coleta, antes de iniciar a coleta vem na rua Paulino Guimarães e pega o lixo e põe no carro. Nogentos. Egoístas. Eles já tem emprego, tem hospital, farmacia, médicos. E ainda vende no ferro velho tudo que encontra no lixo. Podia deixar os ferros para mim. ...Passei a tarde arranjando as latas. Depois fui na Bela Vista buscar um caixote. Quando eu passava perto do Frigorífico o caminhão de ossos estava estacionado. Pedi uns ossos para o motorista. Ele deu-me um que eu escolhi. Tinha muita gordura. ...Fiz a sopa e comecei escrever. A noite surgiu. O João jantou-se e deitou-se. Puis a Vera no berço. O José Carlos estava na rua, com medo de apanhar, porque ele é muito porco. Sujou a camisa de barro. Eu fiz um chiqueiro e vou por ele morando com o porco. Hão de dar-se bem. A Pitoca passou na rua convidando o povo para ir ver o

cineminha. Chamou o João. Eu disse que ele já estava dormindo. Fui ver o cineminha. Era desenho da Igreja. No Play Boy [31] que o Adhemar pois aqui para as crianças, a noite são os marmanjos que brincam. O Bobo fazia tanto barulho que deturpava o espetáculo. Os favelados pizam no fio elétrico que liga a máquina. E a máquina desligava. Os próprios favelados falam que favelado não tem educação. Pensei: vou escrever. Quando eu voltava encontrei com o Paulo que vive com a Dona Aurora. Ela tem uma filha mulata clara. Ela diz que a filha é filha do Paulo. Mas, as feições não condiz. ...Eu dormi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos.

[eu]	acendi	o fogo
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eu]	esquentei	comida	para	os meus filhos
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta	Elem. textual	Beneficiário

porque	eu	não	tinha	dinheiro
Elem. textual	Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	comprar	pão.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

Observa-se uma sequência de eventos em que a escassez de recursos financeiros. Inicialmente, o ator “eu” acende o fogo como uma medida prática, usando-o como meio para alcançar a meta imediata de gerar calor.

Posteriormente, o mesmo ator executa o processo material de esquentar comida para os “filhos”, que são classificados como “beneficiário”. Essa escolha evidencia uma solução criativa e econômica para enfrentar a falta de recursos.

O motivo subjacente a essas ações é a falta de dinheiro, como indicado pelo elemento textual "porque". O ator, representado por "eu", é o portador dessa condição, expressa através do processo relacional possessivo "tinha".

Como resposta a essa limitação financeira, surge a ideia de comprar pão, em que se apresenta uma solução direta para atender às necessidades alimentares. Assim, as ações são moldadas pela realidade econômica e demonstram uma adaptabilidade diante das restrições e uma priorização efetiva das necessidades da família.

No trecho apresentado, a ênfase está na escassez de recursos financeiros, indicada pela falta de dinheiro. As ações tomadas, como acender o fogo, esquentar comida para os filhos e a necessidade de comprar pão, todas giram em torno da limitação financeira. Portanto, a análise sugere que a pobreza destacada nesse contexto é predominantemente de natureza material, relacionada à falta de recursos financeiros para atender às necessidades básicas da família.

Excerto (52):

4 DE OUTUBRO Eu deixei o leito indisposta porque eu não dormi. O vizinho é ademarista roxo e passou a noite com o radio ligado. ...**Passei no Frigorifico para pegar ossos**. Graças as eleições havia muito papel nas ruas. Os rádios estão transmitindo os resultados eleitoraes. As urnas favorece o senhor Carvalho Pinto. (JESUS, Carolina, p. 109).

[eu]	passei	no frigorifico
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

para	eu	pegar	ossos
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

Neste trecho, o texto sugere que, em meio a dificuldades financeiras ou escassez, o ator "eu" realiza ações específicas para suprir necessidades básicas, especialmente

relacionadas à alimentação. O ato de “passar” no frigorífico, indicado como um processo material, e a meta “ossos” destacam a busca por recursos alimentares.

A circunstância de localização lugar, "no frigorífico", indica o lugar onde a ação ocorre, o que reforça o contexto de procura por alimentos. A ideia de pegar ossos sugere a utilização de recursos que podem não ser mais úteis para outros, mas são valiosos para alguém que enfrenta extrema necessidade, tal como associado à pobreza.

Dessa forma, a análise destaca uma adaptação criativa diante das adversidades econômicas, em que a busca por recursos alimentares concentra-se em oportunidades disponíveis, como ossos que podem ser obtidos em locais específicos, como frigoríficos.

O texto sugere principalmente uma indicação de pobreza material, já que as ações descritas estão relacionadas à procura por recursos alimentares em meio a dificuldades financeiras. A ênfase está na necessidade de suprir a fome, indicando carências materiais.

Excerto (53):

29 DE OUTUBRO Deixei o leito as 6 horas. Fiquei nervosa porque não dormi. Passei a noite concertando o telhado por causa das goteiras. Concertava de um lado, pingava de outro. **Quando chove eu fico quase louca porque não posso ir catar papel para arranjar dinheiro.** ...Eu sinto muito frio. Costumo vestir três palitô. E tem pessoas que me vê nas ruas e diz: —Como você engordou! Já se foi o tempo que a gente engordava. A mulher do Zé Baiano primo do Ramiro contou-me e pediu-me para eu não dizer nada a ninguém que o José lhe expulsou de casa. Que já faz 20 dias que eles não falam. Eu disse para ela fazer as pazes, que o José é muito bom. (JESUS, Carolina, p. 112).

quando chove	eu	fico	quase louca
Circunst. causa (razão)	Portador	Proc. relacional intensivo atributivo	Atributo

porque	[eu]	não	posso ir catar	papel
Elem. textual	Ator em elipse	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

para	[eu]	arranjar	dinheiro
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

No trecho, a expressão "quando chove" é classificada como uma circunstância de causa (razão). Isso significa que a chuva é o motivo pelo qual o portador, "eu", experimenta o estado emocional de quase enlouquecer, com destaque para a relação direta entre a condição climática e o impacto emocional, que evidencia a causa que desencadeia a reação emocional intensa.

Essa estrutura enfatiza a interconexão entre a circunstância externa (chuva) e a resposta interna (quase enlouquecer), o que proporciona uma compreensão mais aprofundada da experiência emocional do portador diante das condições climáticas adversas.

O processo material "catar", demarcado pelo elemento interpessoal "não", evidencia que o ator em elipse, "eu", é impossibilitado de concretizar a realização da meta de catar papel. O ator em elipse "eu" destaca a necessidade de arranjar dinheiro. Nesse sentido, o processo material "arranjar" está voltado para alcançar a meta "dinheiro". Essa busca material reflete a persistência do portador em superar desafios financeiros e garantir meios para sua subsistência em condições adversas.

No contexto apresentado, a análise sugere uma ênfase maior na pobreza de natureza material. As condições adversas, como a chuva, estão associadas a um impacto emocional intenso, indicado pelo estado de quase loucura. Os motivos subsequentes, relacionados à dificuldade de catar papel durante as chuvas e à necessidade de arranjar dinheiro, apontam para desafios financeiros como elementos centrais.

A procura por recursos básicos, como papel para subsistência, e a necessidade de arranjar dinheiro reforçam a dimensão material das dificuldades enfrentadas pelo portador. Embora haja uma interligação entre as dimensões emocionais e materiais, a ênfase textual parece estar mais voltada para as questões relacionadas à pobreza material, o que indica uma luta para atender às necessidades básicas em meio a obstáculos climáticos e econômicos.

Nessa conjuntura, a análise sugere uma ênfase maior na pobreza de natureza material. As condições adversas, como a chuva, são associadas a um impacto emocional

intenso, indicado pelo estado de quase loucura. No entanto, os motivos subsequentes, relacionados à dificuldade de catar papel durante as chuvas e à necessidade de arranjar dinheiro, apontam para desafios financeiros como elementos centrais.

Excerto (54):

5 DE NOVEMBRO ...Passei no empório, vendi um litro para o senhor Eduardo por 3 cruzeiros para pagar o ônibus. Quando cheguei no ponto de ônibus encontrei com o Toninho da Dona Adelaide. Ele trabalha na Livraria Saraiva. Disse-lhe: — Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me vários endereços de editoras que eu devia procurar. ...Vinha pela rua catando os pedaços de ferro que encontrava. Passei na Dona Julita e pedi comida. Ela esquentou comida para mim. A dona Julita deu-me sopa, café e pão. Eu comi lá na Dona Julita. Era três horas. Fiquei indisposta. Os moveis girando ao meu redor. É que o meu organismo não está habituado com reconfortantes. ...Preparei a sopa para os filhos. Eles dormiram antes da sopa cosinhar. Quando ficou pronta despertei-lhes para comer. Jantamos e dormimos. Eu sonhei com a Dona Julita. Que havia dito para eu trabalhar para ela que ela pagava-me 4 mil cruzeiros por mes. Disse-lhe que eu ia internar os filhos. E levava só a Vera. Despertei. Não adormeci mais. Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme. Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: — “Não Chores por mim. Choraes por vós” — suas palavras profetisava o inverno do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. **Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome.** Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? E igual o governo do Juscelino! (JESUS, Carolina, p. 117).

Penado que	o pobre	há de comer
Elemento textual	Ator	Proc. material

o que	[ele]	encontrar	no lixo
Elem.textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

ou então	[ele]	dormir	com fome
----------	-------	--------	----------

Elem. textual	Comportante em eclipse	Proc. comportamental	Circunst. modo (qualidade)
---------------	------------------------	----------------------	----------------------------

No presente trecho, observa-se a predominância dos processos materiais, ressaltando a complexidade intrínseca à situação enfrentada pelo indivíduo em condições de vulnerabilidade social, aqui representado como "o pobre". Este ator torna-se figura central nas ações fundamentais para sua subsistência.

O processo material de "comer" sublinha a essencialidade desta necessidade alimentar e traz à tona a urgência e relevância desse comportamento.

Ao especificar "o que [ele] encontrar no lixo," destaca-se a escassez de opções disponíveis ao pobre. A circunstância de localização (lugar) "no lixo" acentua as adversidades inerentes à busca por alimento, o que evidencia as limitações e carências de recursos.

Este trecho revela a urgência do pobre em encontrar meios de alimentação, e destaca as limitações extremas que a pobreza impõe. A busca por comida frequentemente restringe-se ao que é encontrado no lixo, ou à alternativa de enfrentar a noite sem saciar a fome. Essa dualidade evidencia a escassez de escolha e as dificuldades inerentes à experiência do pobre diante das adversidades sociais.

Excerto (55):

"1 DE JANEIRO DE 1959 Deixei o leito as 4 horas e fui carregar água. Fui lavar as roupas. **Não fiz almoço. Não tem arroz.** A tarde vou fazer feijão com macarrão. (...) Os filhos não comeram nada. Eu vou deitar porque estou com sono. Era 9 horas, o João despertou-me para abrir a porta. Hoje eu estou triste." (JESUS, Carolina, p. 133- 134).

[eu]	não	fiz	almoço.
Ator em elipse	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

não	tem	arroz.
Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

Neste contexto, destaca-se a presença de processos materiais e relacionais. Na primeira oração, o processo material "fiz" é evidente, indicando a ação de preparar, com a meta específica do almoço. Entretanto, o ator em elipse "eu", representado como [eu], não realiza essa ação.

A explicação subsequente é conduzida pelo elemento interpessoal "não" e pelo processo relacional possessivo "tem". Juntos, estes elementos explicitam a ausência do atributo, agora representado pelo arroz. Essa construção linguística comunica a falta desse elemento essencial na situação mencionada.

Ademais, é possível inferir uma dimensão de pobreza física, evidenciada pela falta do alimento necessário para sustentar a refeição, neste caso, o arroz. A carência alimentar reflete não apenas na ausência da preparação do almoço, mas também na limitação dos recursos para suprir as necessidades básicas, destacando a precariedade na disponibilidade de alimentos.

Excerto (56):

7 DE JANEIRO ...Hoje eu fiz arroz e feijão e fritei ovos. Que alegria! Ao escrever isto vão pensar que no Brasil não há o que comer. Nós temos. Só que os preços nos impossibilita de adquirir. Temos bacalhau nas vendas que ficam anos e anos a espera de compradores. **As moscas sujam o bacalhau. Então o bacalhau apodrece e os atacadistas jogam no lixo, e jogam creolina para o pobre não catar e comer.** Os meus filhos nunca comeu bacalhau. Eles pedem: —Compra, mamãe! Mas comprar como! a 180 o quilo. Espero, se Deus ajudar-me, antes deu morrer hei de comprar bacalhau para eles. ." (JESUS, Carolina, p.134).

As moscas	sujam	o bacalhau
Ator	Proc. material	Meta

então	o bacalhau	apodrece
Elem. textual	Ator	Proc. meterial

e	os atacadistas	jogam	creolina
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta

para	o pobre	não	catar e comer
Elem. textual	Ator	Elem. interpessoal	Proc. material

No presente trecho, destaca-se a preeminência dos processos materiais. Na primeira oração, as moscas assumem o papel de atores, enquanto "sujam" representa o processo material em destaque, que indica a ação desses insetos. O bacalhau, por sua vez, desempenha o papel de meta.

Essa configuração implica que o bacalhau está sujeito à deterioração devido à intervenção das moscas, que resulta no apodrecimento e na inutilidade desse alimento.

O ator "pobre," envolvido no processo material "catar e comer", é marcado pelo elemento interpessoal "não" e revela uma negação ou impedimento dessa ação.

O contexto descrito sugere uma relação mais direta com a pobreza de natureza material. As ações narradas, como a deterioração do bacalhau devido às moscas e a adoção de medidas preventivas pelos atacadistas usando "criolina", destacam desafios relacionados à preservação de recursos alimentares e condições sanitárias.

O ciclo destes eventos envolvendo alimentos e medidas de preservação sugere uma abordagem predominantemente ligada à pobreza material.

Excerto (57):

"29 DE ABRIL Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome." (JESUS, Carolina, p.143).

quando	eu	encontro	algo	no lixo
Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta	Circunst. localização (lugar)

que	eu	posso comer
-----	----	-------------

Elem. textual	Ator	Proc. material
---------------	------	----------------

eu	como
Ator	Proc. material

eu	não	tenho	Coragem de suicidar-me
Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

e	não	posso morrer	de fome
Elem. textual	Elem. interpessoal	Proc. material	Circunst. causa (modo)

No trecho apresentado, há uma predominância de processos materiais, indicados pelos processos "encontro" e "como", que se referem a ações físicas. Além disso, há um processo relacional expresso na expressão "não tenho coragem de suicidar-me", em que o portador expressa a falta de coragem de cometer suicídio.

O contexto menciona a dificuldade relacionada à pobreza física, representada pela busca de alimentos no lixo "quando eu encontro algo no lixo" e pela preocupação com a possibilidade de morrer de fome ("e não posso morrer de fome"). Essas situações indicam uma luta contra a escassez de recursos materiais básicos.

A conexão com a pobreza emocional pode ser observada na declaração "não tenho coragem de suicidar-me". Aqui, a falta de recursos físicos, aliada à pressão emocional, pode levar a um estado de desespero, contribuindo para pensamentos extremos como o suicídio. A combinação de privações materiais e emocionais pode criar um ambiente propício para o abalo psicológico e a sensação de falta de saída.

Excerto (58):

2 DE MAIO ...**Ontem eu comprei açúcar e bananas. Os meus filhos comeram banana com açúcar, porque não tinha gordura para fazer comida.** Pensei no senhor Tomás que suicidou-se. Mas, se os pobres

do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, não ficaria nenhum vivo. (JESUS, Carolina, p.143).

Ontem	eu	comprei	açúcar e bananas.
Circunst. localização (tempo)	Ator	Proc. material	Meta

Os meus filhos	comeram	banana com açúcar,	
Ator	Proc. material	Meta	

porque	não	tinha	gordura
Elem. textual	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	fazer	comida.	
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta	

O ator “eu”, utiliza o processo material de “comprei”, tendo como meta açúcar e bananas, indicando uma ação vinculada à obtenção de alimentos.

Em seguida, “os meus filhos” atua como ator, executa o processo material de “comeram”, tendo como meta “bananas com açúcar”, em que se destaca a utilização dos itens adquiridos anteriormente.

Nesse contexto, a falta explicitada pelo elemento interpessoal “não” juntamente com o processo relacional possessivo “tinha”, o atributo “gordura”, o que justifica ausência de demais alimentos.

Na sequência, o ator em elipse “eu” está envolvido no processo material de “fazer”, tendo como meta “comida”. A interpretação sugere um relato de eventos relacionados à aquisição de ingredientes, escolhas alimentares e a justificativa para essas escolhas, e destaca a influência da disponibilidade de recursos na preparação de refeições.

No trecho apresentado, é mais evidente observar uma relação com a pobreza material. A justificativa para a escolha alimentar, indicada pela ausência de gordura, aponta para limitações nos recursos disponíveis para a preparação das refeições. A busca

por alimentos básicos, como açúcar e bananas, também sugere uma preocupação com a disponibilidade de itens essenciais.

Excerto (59):

3 DE MAIO Hoje é domingo. Eu vou passar o dia em casa. **Não tenho nada para comer.** Hoje eu estou nervosa, desorientada e triste. Tem um português que quer morar comigo. Mas eu não preciso de homem. Eu já lhe supliquei para não vir aborrecer-me. (JESUS, Carolina, p.143).

[eu]	não	tenho	nada
Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

para	[eu]	comer
Elem. interpessoal	Ator em elipse	Proc. material

No contexto apresentado, o portador em elipse "eu" expressa uma negação por meio do elemento interpessoal "não", indicando a ausência de recursos ou posses. O processo relacional possessivo "tenho", está relacionado à condição de possuir, "nada" que é denominada aqui como atributo.

A segunda parte da frase, "para [eu] comer", continua enfatizando a escassez, onde o elemento interpessoal "para" denota a finalidade. O ator em elipse "eu" está envolvido no processo material "comer", sugerindo uma carência alimentar.

A análise sugere uma situação de privação material, em que a pessoa afirma não ter nada, incluindo recursos básicos para a alimentação. A ênfase está na dimensão material da escassez, que reflete os desafios relacionados à subsistência.

Excerto (60):

4 DE MAIO Deixei o leito as 6 horas, porque o senhor Manoel quando dorme aqui não deixa eu levantar cedo. ...Eu não nasci ambiciosa. Recordei este trecho da Bíblia: "Não acumules tesouros, porque lá

estará o teu coração.” **Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer.** (JESUS, Carolina, p.143).

[eu]	sempre	Ouvi dizer	Que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer
Dizente em elipse	Circunst. extensão (frequência)	Proc. verbal	Relato

No decorrer do trecho, observamos uma construção narrativa que inicia com a fonte da informação, indicada pelo dizente em elipse "eu". A frequência recorrente da ação de "ouvir dizer" é destacada pela circunstância de extensão "sempre".

O processo verbal "tem" expressa a condição dos ricos em relação à tranquilidade de espírito.

O dizente em elipse "o pobre" revela a condição dos menos favorecidos. A circunstância de causa "porque" detalha a razão pela qual os pobres também não têm tranquilidade, e o processo verbal "luta" destaca a ação persistente associada à busca por recursos básicos.

Excerto (61):

3 DE JUNHO De manhã eu carreguei só um caldeirão com água. Fiz café. Mandei o João comprar um tinteiro e duas agulhas. O José Carlos está melhor e vai para a escola. Eu deixei a Vera. **Vou sair porque eu tenho só um pouquinho de feijão, sal e meio quilo de açúcar.** (JESUS, Carolina, p.150).

[eu]	vou sair
Ator em elipse	Proc. material

porque	eu	tenho	só pouquinho	de feijão, sal e meio quilo de açúcar.
Elem. textual	Portador	Proc. relacional possessivo	Circunt. modo (grau)	Atributo

No trecho analisado, o tipo de processo presente é um "Processo Material", expresso pela ação do ator em elipse "eu" ao afirmar "vou sair". Isso indica uma ação física, neste caso, a saída de algum lugar.

A expressão da pobreza se manifesta através do "Processo Relacional Possessivo" na frase "porque eu tenho só pouquinho de feijão, sal e meio quilo de açúcar". Aqui, o portador ("eu") estabelece uma relação de posse ("tenho") em relação a poucos recursos alimentares, como feijão, sal e açúcar. Isso sugere limitações significativas na disponibilidade de alimentos, revelando uma situação de carência material.

Essa expressão indica que a pessoa enfrenta escassez de itens básicos na alimentação, destacando a dificuldade em garantir uma variedade adequada de alimentos. A presença do "meio quilo de açúcar" em específico ressalta a preocupação até mesmo com quantidades mínimas desses itens essenciais. A utilização do termo "pouquinho" reforça a ideia de escassez e carência, e evidencia as dificuldades relacionadas à pobreza alimentar.

Excerto (62):

16 DE JUNHO ...**Hoje não temos nada para comer.** Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, Carolina, p.156).

hoje	[nós]	não	temos	nada para comer
------	-------	-----	-------	-----------------

Circunst. localização (tempos)	Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo
--------------------------------	--------------------	--------------------	-----------------------------	----------

[eu]	queria convidar	meus filhos para suicidar-nos	para
Experienciador em elipse	Proc. mental desiderativo	Fenômeno	Elem. textual

[eu]	desisti
Ator em elipse	Proc. material

[eu]	olhei	meus filhos
Experienciador	Proc. mental cognitivo	Fenômeno

e	[eu]	fiquei	com dó
Elem. textual	Portador	Proc. relacional	Atributo

eles	estão	cheios de vida
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

quem	vive precisa comer
Ator	Proc. material

No contexto do trecho "hoje nós não temos nada para comer", a circunstância de localização temporal destaca a presente situação de escassez alimentar. A elipse do

portador ("nós") ressalta a falta de recursos, enquanto o processo relacional possessivo e a ausência de comida sugerem uma possível associação com a pobreza.

Já na passagem "eu queria convidar meus filhos para suicidar-nos", a elipse do experienciador ("eu") revela um processo mental desiderativo, que denota o desejo de envolver os filhos em uma ação drástica. Essa expressão, impactante e preocupante, traz à tona uma dimensão emocional intensa no contexto do texto.

Quando se menciona "eu desisti", a elipse do ator ("eu") indica um processo material, o qual aponta para a renúncia a algo previamente considerado, conforme o texto.

Ao analisar "eu olhei meus filhos" no contexto do texto, percebemos que o experienciador ("eu") está envolvido em um processo mental cognitivo, observando atentamente a situação dos filhos. A expressão "fiquei com dó" revela uma reação emocional diante da realidade deles, conforme o texto.

Ao considerar "quem vive precisa comer", o ator (quem vive) está envolvido em um processo material, que enfatiza a necessidade essencial de alimentação para a sobrevivência no contexto do texto. Isso serve como um lembrete impactante sobre a importância vital da comida.

No geral, essas afirmações exploram elementos associados tanto à pobreza física quanto à emocional, utilizando o termo "texto" para se referir ao que é analisado. A escassez de comida, o desejo de suicídio e a desistência apontam para desafios relacionados à pobreza física, em que necessidades básicas, como alimentação, não são atendidas no contexto do texto.

Ao mesmo tempo, a expressão de compaixão ao olhar para os filhos e a afirmação de que eles estão "cheios de vida" indicam aspectos emocionais e revelam preocupação e conexão emocional diante das dificuldades no contexto do texto.

Em resumo, o texto aborda uma ampla gama de experiências que englobam tanto a dimensão física quanto a emocional da pobreza. A interpretação específica pode variar conforme o contexto mais amplo da narrativa ou situação em que essas afirmações estão inseridas.

Excerto (63):

3 DE JULHO ...**Não tem gordura. Hoje acabou-se a gordura do porco. E agora tenho que comprar gordura.** ...Tomei banho e fui deitar. Que noite horrível! A tal Terezinha e o companheiro não nos deixou dormir. Eu não sei onde eles arranjaram uma galinha. E discutiam: —Vai, Euclides, depenar a galinha! —Vai você! E ficaram nesta lenga-lenga até as 2 da madrugada. JESUS, Carolina, p.159).

Não	tem	gordura
Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

hoje	acabou-se	a gordura de porco
Circunst. localização (tempo)	Proc. material	Meta

e	agora	[eu]	tenho
Elem. textual	Circunst. localização (tempo)	Portador	Proc. relacional possessivo

que	comprar	gordura
Elem. textual	Proc. material	Meta

Na frase "Não tem gordura", a ausência de gordura é apresentada como um atributo através do processo relacional possessivo. Isso pode indicar uma limitação nos recursos alimentares, especialmente na disponibilidade de itens considerados essenciais para a dieta.

Na frase "hoje acabou-se a gordura de porco", a circunstância de localização temporal destaca a ocorrência atual, enquanto o processo material revela o esgotamento desse recurso alimentar específico.

Na expressão "e agora [eu] tenho que comprar gordura", a presença do portador ("eu") sugere a responsabilidade de adquirir gordura, e estabelece um processo relacional possessivo. Isso pode refletir a necessidade imediata de repor um recurso essencial na dieta.

Em conjunto, essas frases continuam a apontar para a escassez de alimentos, especificamente a falta de gordura, destacando a importância desses elementos na alimentação diária e sugerindo novamente uma conexão com a pobreza física. A busca ativa por comprar gordura indica a tentativa de suprir essa carência alimentar.

Excerto (64):

12 DE JULHO ...Minha luta hoje foi para fazer almoço. **Não tenho gordura.** Deixei a carne cosinhar e pus linguiça junto para fritar e apurar gordura para fazer o arroz e o feijão. Temperei a salada com caldo de carne. Os filhos gostaram. Quando a Vera come carne fica alegre e canta. JESUS, Carolina, p.161).

[eu]	não	tenho	gordura
Portador em elipse	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Atributo

Na frase "[eu] não tenho gordura", a elipse do portador ("eu") indica que a pessoa está relatando a ausência de gordura como um atributo. O processo relacional possessivo destaca a falta desse componente essencial na alimentação, sugerindo novamente uma situação de escassez alimentar. Essa construção contribui para a continuidade do tema relacionado à pobreza física, em que recursos básicos estão em falta.

Excerto (65):

13 DE JULHO ...**Comprei 30 cruzeiros de carne e fiquei nervosa porque os 30 que sobrou não vai dar para comprar gordura e arroz.** Estava apreensiva receando que meus filhos brigassem com os vizinhos. Quando cheguei eles estavam sentados dentro do chiqueiro, lendo gibi. Ouvi a voz da Dona Adelaide. Dizia aos meus filhos: —Vocês

pararam de brigar? Perguntei a Vera o que havia e com quem brigaram. Ela relatou que o João e o José Carlos brigaram. Que deixaram o violão cair no chão e puseram perfume no fogo para acender. Quebraram a escova de lavar o assoalho e abriram um pacote de tinta verde que eu estou guardando. Não sei pra que, mas estou guardando. ...Puis brasas no ferro, passei a minha saia verde, lavei a blusa de renda que eu achei no lixo, tomei banho e troquei-me. Troquei a Vera e fomos para a cidade. **Eu estava só com 6 cruzeiros. Pensava: e se o pai da Vera não levou o dinheiro, como é que eu vou voltar?** ...Fui receber o dinheiro da Vera. Que fila! Era as mulheres que iam receber as mensalidades dos esposos e dos pais de seus filhos. Eu tenho que dizer nossos filhos, porque eu também estava no núcleo. Dizem que quem entra na restea vira cebola. As mulheres falavam dos esposos. E lá que os homens tomam nomes de animaes. —O meu é um cavalo bruto e ordinário! —E o meu é um burro. Aquele desgraçado! Outro dia ele viajou na Central e eu pedi a Deus para acontecer um desastre e ele morrer e ir pro Inferno. Perguntei a uma mulher que estava atrás de mim: —Quem é o seu advogado? —Dr. Walter Aymberê. —Ele é o meu também. Mas eu não gosto dele. ...Eu recebi o grande dinheiro. 250 cruzeiros. A Vera sorria e dizia: —Agora eu gosto do meu pai. Passei na sapataria e comprei um par de sapatos para a Vera. Quando o senhor Manoel, um nortista, lhe experimentava os sapatos, ela dizia: —Sapato, não acaba, porque depois a mamãe custa a comprar outro. E eu não gosto de andar descalça. ...Passei no empório do senhor Eduardo e comprei um quilo de arroz. Sobrou só 7 cruzeiros. Só na cidade eu gastei 25. A cidade é um morcego que chupa o nosso sangue. JESUS, Carolina, p.143).

[eu]	comprei	30 cruzeiros de carne
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eu]	fiquei	nervosa
Elem. textual	Portador em elipse	Proc. relacional	Atributo

porque	os 30	que	sobrou
Elem. textual	meta	Elem. textual	Proc. material

não	vai dar
-----	---------

Elem. interpessoal	Proc. material
-----------------------	----------------

para	[eu]	comprar	gordura e arroz.
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

eu	estava	só com 6 cruzeiros.
Portador em elipse	Proc. relacional	Atributo

[eu]	pensava:
Experienciador em elipse	Proc. mental cognitivo

E se	o pai da vera	não	levou	o dinheiro
Elem. textual	Ator	Elem. interpessoal	Proc. material	Meta

como é que	eu	vou voltar
Elem. textual	Ator	Proc. material

Na frase "[eu] comprei 30 cruzeiros de carne", a elipse do ator ("eu") indica uma ação prática de adquirir carne como parte de um processo material, o que evidencia uma transação comercial.

A expressão "e [eu] fiquei nervosa" sugere uma reação emocional (atributo) ao evento anterior, possivelmente relacionada às circunstâncias financeiras ou ao processo de compra.

Ao mencionar "os 30 que sobrou não vai dar para [eu] comprar gordura e arroz", há uma preocupação com a insuficiência de recursos para adquirir itens básicos, conectando-se novamente com a temática de escassez alimentar e pobreza.

A afirmação "[eu] estava só com 6 cruzeiros" reforça a limitação financeira, indicando a quantia disponível para futuras despesas.

A expressão "[eu] pensava: E se o pai da Vera não levou o dinheiro, como é que [eu] vou voltar" revela um processo mental cognitivo, envolvendo preocupações sobre a possibilidade de não ter meios financeiros para retornar, destacando ainda mais a situação financeira precária.

No geral, essas frases continuam a abordar a questão da escassez de recursos financeiros e alimentares, enfatizando as preocupações e desafios associados à pobreza física.

Excerto (66):

15 DE JULHO Quando eu deixava o leito a Vera já estava acordada e perguntou-me: —Mamãe, é hoje que eu faço anos? —É. E meus parabéns. Desejo-te felicidades. —A senhora vai fazer um bolo para mim? —Não sei. Se eu arranjar dinheiro... Acendi o fogo e fui carregar água. As mulheres reclamavam que a água é pouca. ...Os lixeiros já haviam passado. **Catei pouco papel. Passei na fábrica para catar estopas. Comecei sentir tontura. Resolvi ir na casa da Dona Angelina pedir um pouco de café. A Dona Angelina deu-me. (...) Quando eu saí disselhe que já estava melhor. —É fome. Você precisa comer. —Mas o que se ganha não dá. ...Já emagreci 8 quilos. Eu não tenho carne, e o pouco que tenho desaparece.** Peguei os papéis e saí. Quando passei diante de uma vitrine vi o meu reflexo: Desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma. ...Eu fritei peixe e fiz polenta para os filhos comer com peixe. Quando a Vera chegou viu a polenta dentro da marmitta e perguntou: —E o bolo? Hoje eu faço anos! —Não é bolo. E polenta. —Polenta, eu não gosto. Ela trouxe leite. Eu dei-lhe leite com polenta. Ela comeu chorando. Quem sou eu para fazer bolo? (JESUS, Carolina, p.163).

[eu]	catei	pouco	papel
Ator em eclipse	Proc material	Circunst. modo (grau)	Meta

[eu]	passei	na fábrica
Ator em eclipse	Proc material	Circunst. localização (lugar)

para	[eu]	catar	estopas
------	------	-------	---------

Ele. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta
--------------	----------------	----------------	------

[eu]	comecei sentir	tonturas
Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo	Fenômeno

[eu]	resolvi ir	casa da dona angelina
Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)

pedir	um pouco	de café
Proc. material	Circunst. modo (grau)	Meta

a dona angelina	deu-	me	um pouco	de café
Ator	Proc. material	Beneficiário	Circunst. modo (grau)	Meta

quando	eu	saí
Elem. textual	Ator	Proc. material

eu	disse-lhe	que já estava melhor
dizente	Proc. verbal	Relato

[Dona Angelina]	—É fome. Você precisa comer.
Dizente em elipse	Relato

[eu]	já	emagreci	8 quilos
Ator	Elem. textual	Proc. material	Meta

eu	não	tenho	carne
Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional	Atributo

e	o pouco	que	[eu]	tenho	desaparece
Elem. textual	Circunst. modo (grau)	Elem. textual	Portador em elipse	Proc. relacional possessivo	Atributo

O ator em elipse “eu” sugere uma ação prática, possivelmente a coleta de material reciclável. Ao afirmar “[eu] passei na fábrica para [eu] catar estopas”, há uma sequência de ações, o que indica esforços para obter estopas, material associado a tarefas manuais

ou de baixa remuneração. A expressão "[eu] comecei a sentir tonturas" indica um fenômeno perceptivo, possivelmente relacionado às atividades anteriores e ao estado de saúde do ator.

Ao relatar "[eu] resolvi ir à casa da Dona Angelina pedir um pouco de café", o ator está novamente envolvido em um processo material, buscando ajuda para obter um recurso básico como o café. Dona Angelina, ao dizer "É fome. Você precisa comer", oferece uma interpretação direta da condição do ator, relacionando os sintomas mencionados. A afirmação "[eu] já emagreci 8 quilos" reforça a condição física deteriorada, conectando-se com a falta de carne mencionada em seguida.

A expressão "o pouco que [eu] tenho desaparece" destaca a escassez e a dificuldade em manter recursos, evidenciando a vulnerabilidade econômica e alimentar. Globalmente, essas frases ilustram uma narrativa de privações, desafios financeiros e dificuldades em atender às necessidades básicas, o que aponta para uma experiência de pobreza física e suas consequências.

Excerto (67):

31 DE JULHO ...**Comprei 20 de carne gorda, porque eu não tenho gordura.** Passei no empório do senhor Eduardo para comprar 1 quilo de arroz. Deixei os sacos na calçada. A Vera pois a carne em cima do saco, o cachorro pegou. Chinguei a Vera. —Ordinaria, preguiçosa. Hoje você vai comer m... Ela dizia: —Deixa, mamãe. Quando eu encontrar o cachorro eu bato nele. ...**Quando cheguei em casa estava com tanta fome. Surgiu um gato miando. Olhei e pensei: eu nunca comi gato, mas se este estivesse numa panela ensopado com cebola, tomate, juro que comia. Porque a fome é a pior coisa do mundo. ...Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes.** (JESUS, Carolina, p.167).

[eu]	comprei	20 de carne gorda
Ator em elipse	Proc. material	Meta

porque	eu	não	tenho	gordura
Elem. textual	Portador	Elem. interpessoal	Proc. relacional possessivo	Possuído

quando	[eu]	cheguei	em casa
--------	------	---------	---------

Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Circunst. localização (lugar)
---------------	----------------	----------------	-------------------------------

[eu]	estava	com tanta fome	fome
Portador em elipse	Proc. relacional intensivo	Circunst. modo (grau)	Atributo

Surgiu um gato miando	um gato	miando	
Circunst. (qualidade)	Modo	Comportante	Proc, comportamental

[eu]	olhei
Experienciador em elipse	Proc. mental perceptivo

e	[eu]	pensei
Elem. textual	Experienciador em elipse	Proc.mental cognitivo

eu	nunca	comi	gato
Ator	Circunst. extensão (frequência)	Proc. material	Meta

Mas se este	[gato]	estivesse	numa panela ensopado com cebola, tomate
Elem. textual	Portador em elipse	Proc. relacional atributivo	Atributo

[eu]	juro
Experienciador em elipse	Proc. mental cognitivo

que	[eu]	comia
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material

porque	a fome	é	a pior coisa do mundo
Elem. textual	Portador	Proc. relacional atributivo	Atributo

eu	disse	para	os filhos
Dizente	Proc. verbal	Elem. textual	Receptor

que	hoje	nós	não	vamos comer
-----	------	-----	-----	-------------

Elem. textual	Circunst. localização (tempo)	Ator	Elem.interpessoal	Proc. material
---------------	-------------------------------	------	-------------------	----------------

eles	ficaram	tristes.
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo

Na análise do trecho "o processo mental perceptivo olhei e pensei, processo mental cognitivo", destaca-se que o ator ("eu") realiza duas ações mentais: observar (olhei) e refletir (pensei), indicando um processo mental perceptivo e cognitivo, respectivamente.

Ao mencionar "nunca comi gato, processo material, gato, meta", o ator utiliza a circunstância de extensão (frequência - nunca) para descrever a infrequência dessa ação específica.

A construção "se este, o portador em elipse, gato, estivesse processo relacional atributivo numa panela ensopada com cebola e tomate, que é o atributo" destaca uma situação hipotética em que o gato seria um atributo se estivesse numa panela ensopada com cebola e tomate.

A afirmação "porque a fome, portador, é processo relacional atributivo, a pior coisa do mundo que eu atributo" destaca a intensidade da fome como a pior condição possível, estabelecendo uma relação de atributo.

Na comunicação "eu, dizente, disse, processo verbal para os meus filhos, receptor, que hoje não vamos comer", o ator comunica aos filhos sobre a falta de comida, o que evidencia uma tentativa de gerenciar as expectativas.

A reação dos filhos é expressa em "que eles ficaram tristes, processo relacional intensivo, triste, atributo" e indica uma resposta emocional negativa à notícia de que não haverá comida.

Essa análise destaca a variedade de processos verbais e mentais empregados na narrativa, o que contribui para a complexidade das emoções, decisões e situações apresentadas no texto.

O trecho apresenta elementos que remetem tanto à pobreza emocional quanto à pobreza física, o qual salienta a interconexão dessas dimensões na narrativa.

A referência à hipotética consideração de comer gato revela a extensão extrema da fome, que indica uma situação de pobreza física, em que a falta de alimentos leva a considerações drásticas para saciar a necessidade básica de alimentação.

Ao mesmo tempo, a expressão "porque a fome é a pior coisa do mundo" sugere uma dimensão emocional, sublinhando o sofrimento associado à privação alimentar. Isso aponta para a pobreza emocional, na qual a angústia e a preocupação emocional estão entrelaçadas com a escassez de recursos básicos.

A comunicação aos filhos de que "hoje não vamos comer" e a subsequente reação de tristeza ressaltam a pobreza emocional, pois a falta de alimentos gera impactos emocionais negativos na família.

Portanto, o trecho aborda uma interseção complexa entre a pobreza física e emocional, revelando como as carências materiais influenciam diretamente o bem-estar emocional da pessoa e de sua família.

Excerto (68):

7 DE AGOSTO ...**Catei 2 sacos de papel e ganhei 45 cruzeiros. Fiquei desesperada. O que é que eu vou fazer com 45 cruzeiros? Catei um pouco de estopa e voltei. Eu fui no ferro velho vender as estopas. Ganhei 33 cruzeiros. Estava indecisa, pensando o que ia fazer para comer.** Eu estava lavando as louças quando bateram na porta. O José Carlos disse: —E a Dona Teresinha Becker! Ela deu-me 500 cruzeiros. Eu disselhe que ia comprar sapatos para o José Carlos e agradeci. Lhe acompanhei até o automóvel. (...) Eu fui conversar com a Chica e mostrei-lhe os 500 cruzeiros e disselhe que a Dona Teresinha é a minha mãe branca. (JESUS, Carolina, p.168).

[eu]	catei	2 Sacos de papel
Ator em elipse	Proc. material	Meta

e	[eu]	ganhei	45 cruzeiros
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	Meta

[eu]	fiquei	desesperada
Portador em elipse	Proc. relacional intensivo atributivo	Atributo

o que é que	eu	vou fazer	com 45 cruzeiros?
-------------	----	-----------	-------------------

Elem. textual	Ator	Proc. material	Meta
[eu]	catei	um pouco	de estopa
Ator em elipse	Proc. material	Cicunst. Modo (grau)	Meta
e	[eu]	voltei	
Elem. textual	Ator em elipse	Proc. material	
eu	fui	no ferro velho	vender as estopas
Ator	Proc. material	Circunst. localização (lugar)	Meta
eu	ganhei	33 cruzeiros	
Ator	Proc. material	Meta	
[eu]	estava	indecisa	
Portador	Proc. relacional intensivo	Atributo	
pensando	o que eu ia fazer para eu comer		
Proc. mental cognitivo	Oração projetada		

Ao longo do texto, o ator "eu" se envolve em diversas ações que ilustram as complexidades de sua experiência diante de desafios financeiros. Inicialmente, através do processo material de "catei", o ator "eu" demonstra uma busca ativa ao recolher dois sacos de papel, e, em seguida, o processo material "ganhei" revela a obtenção de 45 cruzeiros como resultado direto dessas ações.

O questionamento subsequente sobre o que fazer com os 45 cruzeiros reflete uma reflexão sobre a utilidade desse montante limitado, com destaque à preocupação com escolhas financeiras em meio à escassez. O retorno ao estado emocional de desespero, novamente expresso pelo portador em elipse, aprofunda a compreensão da tensão emocional subjacente.

O retorno ao ferro velho, expresso pelo processo material "fui", enfatiza a ação de vender estopas como uma estratégia ativa para enfrentar os desafios financeiros, com a circunstância de localização no lugar enfatizando a busca específica por oportunidades no ferro velho. Os ganhos financeiros adicionais, tanto os 33 cruzeiros quanto os 45 cruzeiros anteriores, evidenciam a persistência do eu em garantir estabilidade econômica.

No contexto apresentado, percebe-se uma abordagem da pobreza física, evidenciada pelas ações do eu em busca de recursos materiais básicos, como o ato de catar sacos de papel e estopas para enfrentar desafios financeiros. A narrativa destaca a luta concreta por sustento e a busca ativa de meios para suprir necessidades materiais, caracterizando, assim, a pobreza física enfrentada pelo protagonista.

Excerto (69):

“26 DE AGOSTO A pior coisa do mundo é a fome!” (JESUS, Carolina, p.171).

a pior coisa do mundo	é	a fome
Atributo	Proc. relacional intensivo	Portador

Nesse contexto, a oração relacional intensiva "a pior coisa do mundo é a fome" estabelece uma afirmação contundente sobre a pobreza física. O processo relacional explicita que a fome, representada pelo atributo "a pior coisa do mundo" e pelo portador "a fome", é uma das mais impactantes consequências enfrentadas por aqueles que vivenciam a pobreza. Essa construção destaca a fome como uma experiência desoladora, a qual indica que, na escala de privações humanas, poucas situações se equiparam à gravidade dessa condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se uma compreensão aprofundada das representações de pobreza na obra "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada", de Carolina Maria de Jesus. Os objetivos específicos foram alcançados, e para uma melhor compreensão, serão retomados e detalhados a seguir.

- 1) Identificar e analisar o tipo representação de pobreza prevalece no livro de Carolina

Ao longo das análises, observou-se que as orações relacionais, utilizando principalmente os processos "tinha", "tem", "tenho", junto ao elemento interpessoal "não", demarcam significativamente a ausência de itens básicos de alimentação, o que explicita uma das vertentes mais proeminentes da pobreza ao longo da obra, a fome.

Já as orações relacionadas aos processos materiais desempenham um papel crucial no texto, delineando as ações diretas tomadas para contornar a situação de privação. Ao longo da narrativa, destaca-se que as ações para superar momentos de fome ou atender às necessidades pessoais empregaram predominantemente processos materiais, como "catar", o que representa um meio de sobrevivência adotado pela protagonista.

É interessante notar que, em certos momentos, há a predominância do beneficiário nos processos materiais, exemplificado por expressões como "ganhei", em que alguém se beneficia diretamente, seja de dinheiro, verduras, ou outros recursos. Esses processos materiais, portanto, se apresentam como soluções práticas para contornar as adversidades vivenciadas ao longo da obra, proporcionando uma análise mais abrangente das estratégias utilizadas pela protagonista para enfrentar a pobreza.

Este estudo revelou uma predominância significativa dos processos materiais ao longo da obra "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada" de Carolina Maria de Jesus. A análise dos recursos léxico-gramaticais evidenciou que a autora, em grande parte, optou por representar a pobreza por meio de elementos vinculados a aspectos tangíveis e materiais.

Ao identificar e analisar os processos materiais presentes no texto, constatou-se uma representação marcante da escassez, da falta e das dificuldades materiais enfrentadas por Carolina Maria de Jesus e sua comunidade. Essa escolha linguística

ressalta a preocupação da autora em documentar a realidade material da favela, e enfatiza as condições adversas vivenciadas.

Apesar da presença notável de traços que apontam para uma dimensão da pobreza emocional, a qual impacta o psicológico da autora e revela momentos de tristeza e até pensamentos suicidas ao longo do texto, a predominância dos recursos relacionados aos processos materiais destaca-se como um elemento distintivo. O texto de Carolina Maria de Jesus evidencia não apenas as adversidades emocionais enfrentadas, mas também ressalta uma notável resiliência e uma busca constante por soluções práticas.

A despeito dos desafios psicológicos e emocionais frequentemente descritos, a autora não se entrega aos gatilhos que surgem de forma recorrente. A ênfase na representação dos processos materiais revela uma abordagem pragmática diante das dificuldades e enfatiza a resolução de problemas e a perseverança diante das adversidades.

Portanto, o texto de Carolina Maria de Jesus, embora permeado por aspectos emocionais complexos, destaca-se por transmitir uma mensagem de resistência e busca contínua por soluções tangíveis, não se entregando às dimensões psicológicas e emocionais que, por vezes, poderiam parecer intransponíveis. Essa postura resoluta evidencia uma perspectiva singular da autora frente às vicissitudes da pobreza.

Os processos mentais da protagonista em "Quarto de Despejo" exercem uma função essencial ao longo da obra, a qual explicita sentimentos como incapacidade, invisibilidade e esquecimento. Estes processos mentais, delineados ao longo do texto, representam o substrato psicológico através do qual a narradora exterioriza suas angústias e demais emoções inerentes ao seu estado de ser.

A pobreza emocional, aqui retratada de maneira vívida, emerge como um componente distintivo e intrínseco à experiência da personagem. Este aspecto emocional da pobreza é meticulosamente explorado e proporciona uma compreensão mais profunda da narrativa. Além da pobreza física, que tangencia aspectos materiais, a protagonista contextualiza e explicita a pobreza emocional ao longo do livro, conferindo-lhe uma riqueza narrativa singular.

A dualidade entre a escassez material e a carência emocional é habilmente articulada, o que evidencia que as privações enfrentadas pela narradora não se limitam

apenas à esfera física. A perspicácia da autora reside na habilidade de transmitir a complexidade dessas experiências, interligando os processos mentais da protagonista às nuances da pobreza emocional que permeiam sua existência.

Assim, ao narrar esta dualidade de privações, a protagonista desvela os aspectos tangíveis da carência e lança luz sobre a profundidade da pobreza emocional. Esta abordagem enriquece a obra, conferindo-lhe uma textura mais rica e uma compreensão mais abrangente da condição humana no contexto adverso apresentado por "Quarto de Despejo".

2) Qual é o significado das representações de pobreza e como elas se relacionam com a história de vida de Carolina Maria de Jesus?

A influência da vida de Carolina Maria de Jesus no livro "Quarto de Despejo" é iminentemente perceptível ao longo do texto. A obra transcende a mera documentação factual das condições adversas enfrentadas pela autora, emergindo como uma representação vívida de suas experiências, perspectivas e complexidades emocionais.

A pobreza que Carolina vivenciou torna-se uma lente interpretativa crucial na construção do texto. A obra não se limita a uma enumeração impessoal de privações materiais, mas, ao contrário, reflete as nuances das estratégias de sobrevivência, resiliência e criatividade que permearam seu cotidiano. Cada palavra escolhida, cada descrição minuciosa, é impregnada pela vivência pessoal da autora, conferindo autenticidade e profundidade à narrativa.

Além disso, a busca de Carolina por significado e expressão em meio às adversidades emocionais influencia diretamente o conteúdo do livro. O uso perspicaz da escrita como uma ferramenta de enfrentamento e resistência atenua o sofrimento emocional e se converte em um testemunho eloquente de suas experiências e força interior.

Nesse contexto, "Quarto de Despejo" não é apenas uma obra literária, mas um espelho intrincado da vida e das vivências de Carolina. Sua história pessoal permeia cada linha, contribuindo para uma compreensão mais profunda das complexidades humanas, ressoando com as diversas dimensões da pobreza e destacando a singularidade e autenticidade dessa obra literária.

3) Qual mensagem o texto de Carolina Maria de Jesus transmite ao leitor ao utilizar as representações de pobreza?

O livro "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada", escrito por Carolina Maria de Jesus, proporciona uma perspectiva incisiva sobre a vida nas favelas brasileiras. A mensagem central do texto vai além da mera denúncia das condições precárias, estendendo-se a um convite à reflexão acerca das representações da pobreza.

Ao narrar o cotidiano em uma favela de São Paulo, Carolina não se limita à descrição da miséria material, mas enfatiza igualmente a dignidade e a resiliência dos habitantes desses espaços marginalizados. O diário dela propicia uma oportunidade singular para os leitores confrontarem estereótipos enraizados sobre a pobreza, o que desafia preconceitos e fomenta uma compreensão mais profunda das complexidades da vida nessas comunidades.

Ao compartilhar a história, Carolina Maria de Jesus instiga os leitores a questionarem representações simplistas da pobreza, além de promover uma apreciação mais humanizada das experiências vivenciadas por aqueles que diariamente enfrentam adversidades. O livro se configura, desse modo, como um apelo à empatia e à superação de visões estigmatizantes, visando inspirar uma transformação na forma como a sociedade percebe e aborda a realidade das favelas e de seus residentes.

i) Adaptações no percurso da pesquisa

O percurso traçado durante a elaboração da tese sofreu adaptações ao longo do caminho. Inicialmente, a proposta era explorar o sistema de avaliatividade, analisando as avaliações sobre a favela presentes no texto de Carolina. Contudo, diante dos estudos já realizados em seu grupo sobre a avaliatividade, optou-se por aprofundar em uma área ainda não abordada pela autora, buscando uma nova perspectiva.

Nesse sentido, foram consideradas as aplicações possíveis no texto de Carolina, procurando estudos ainda não realizados. Observou-se que favela e pobreza eram aspectos relevantes no texto da escritora. A favela é o lugar onde ocorrem todas as dificuldades relatadas ao longo do livro, enquanto a pobreza é uma temática recorrente, linguisticamente entrelaçada às incomodações enfrentadas por ela. Com base nesses

dois aspectos, questionou-se qual teoria seria capaz de atender às necessidades específicas do estudo.

Na etapa inicial da leitura do texto, tornou-se evidente que a autora explorava intensamente suas experiências no contexto da favela. Diante dessa constatação, em que a esfera experiencial de Carolina se sobressaía, a opção estratégica recaiu sobre a utilização do sistema de transitividade, inserido na metafunção ideacional. Essa escolha fundamentou-se na busca por compreender as experiências narradas por ela e como estas se entrelaçavam com a temática da pobreza.

No desenvolvimento da pesquisa, foi necessário repensar as aplicações no texto de Carolina Maria de Jesus, com o objetivo de explorar áreas ainda não abordadas. A favela e a pobreza emergiram como elementos cruciais no texto, sendo a favela o cenário onde todas as adversidades descritas pela autora se desenrolam. Por outro lado, a pobreza surge como um tema recorrente, linguisticamente entrelaçado às incomodações enfrentadas por ela. Diante dessa perspectiva, indagou-se que tipo de teoria seria capaz de preencher lacunas e atender às necessidades específicas.

É relevante ressaltar que, além do sistema de transitividade, cogitou-se a utilização da teoria dos atores sociais de Van Leeuwen. A intenção era buscar uma abordagem complementar que aprimorasse as interpretações acerca da maneira como a escritora tratava a pobreza e os elementos relacionados. Entretanto, a análise detalhada revelou que o sistema de transitividade por si só era capaz de fornecer as informações desejadas, dispensando a necessidade de incorporar outra corrente teórica para esse propósito.

ii) Desafios e descobertas que a pesquisa proporcionou

O desafio preponderante nesta pesquisa residiu na complexa tarefa de classificação dos processos. A incerteza permeou esse procedimento, dada a natureza literária da obra em questão. A categorização dos processos presentes nos trechos que exploram a temática da pobreza se revelou frequentemente desafiadora.

Outro ponto de relevância destacado foi a classificação dos dados. Optou-se por uma abordagem que consistiu na divisão dos aspectos relacionados à pobreza em duas macrocategorias gerais: pobreza física e pobreza emocional. Essa escolha visava alinhar

especificamente os trechos que abordassem ambas as nuances. A busca pelo predomínio de cada tipo de pobreza facilitou, em parte, a organização eficaz dos dados.

A observação crucial nesse contexto reside na estratégia perspicaz adotada pela autora ao abordar os significados de pobreza em seu texto. Notavelmente, ela evita o uso direto da palavra "pobreza", preferindo, em vez disso, explorar escolhas linguísticas que delineiam as situações de sofrimento vivenciadas na favela. Esta abordagem revela uma sensibilidade singular ao contexto, o que permite que as implicações da pobreza se manifestem de maneira mais sutil e multifacetada.

Ao não se restringir à terminologia convencional, a autora mergulha nas complexidades das experiências que permeiam a vida na favela, de modo a explorar as implicações tanto físicas quanto psicológicas da pobreza. A ausência da palavra "pobreza" no texto não diminui a força da mensagem; pelo contrário, intensifica a expressividade ao evidenciar as ramificações tangíveis e emocionais desse estado.

Essa escolha linguística proporciona uma leitura mais profunda, a qual possibilita que o leitor seja imerso nas nuances das dificuldades enfrentadas. A pobreza, assim, é compreendida não apenas como uma condição econômica, mas como um fenômeno intrincado que afeta diversos aspectos da vida da autora, os quais ampliam a compreensão sobre os impactos de tal realidade nas dimensões físicas e psicológicas.

Essa abordagem revela uma astúcia literária, na qual a autora tece uma narrativa permeada por escolhas vocabulares que capturam as mazelas da pobreza sem recorrer diretamente ao termo em si. Ao se distanciar da expressão "pobreza" e adentrar nas complexidades cotidianas, ela constrói uma representação mais vívida e visceral das agruras vivenciadas na favela do Canindé.

As situações de sofrimento descritas, cuidadosamente selecionadas por meio de uma minuciosa escolha lexical, transcendem a superficialidade do conceito de pobreza. Dessa forma, a autora oferece uma perspectiva mais rica e detalhada das implicações físicas, emocionais e sociais dessa realidade, proporcionando ao leitor uma imersão mais profunda na experiência vivida pela comunidade retratada.

Ao evitar a palavra "pobreza", a autora desafia as expectativas linguísticas e amplifica o impacto de suas narrativas. A tessitura habilidosa dessas escolhas linguísticas não apenas ressalta a maestria da autora em comunicar suas experiências, mas também

ressoa com a universalidade das lutas enfrentadas por aqueles que compartilham contextos semelhantes.

Analisando as escolhas linguísticas da autora, evidencia-se a diferenciação entre pobreza física e emocional em seu texto. A pobreza física, marcada por dificuldades materiais, emerge como uma condição passível de soluções parciais e emergenciais dentro do contexto narrado. A autora desvela estratégias cotidianas para lidar com a escassez de recursos, buscando solucionar, mesmo que momentaneamente, desafios relacionados à alimentação e à sobrevivência.

Por outro lado, a pobreza emocional, que se manifesta em desconforto, desconsolo e nas implicações mentais e psicológicas causadas pela penúria, é abordada de maneira mais complexa. A autora, em alguns momentos, desloca o foco dessas dificuldades emocionais, mas não apresenta soluções concretas para superá-las. Percebe-se que a pobreza emocional é mais intrincada, a qual envolve aspectos subjetivos e psicológicos que escapam à resolução direta e imediata.

Assim, a autora, ao narrar as nuances da pobreza, destaca as estratégias de enfrentamento da escassez material e lança luz sobre a persistência das dificuldades emocionais, indicando que essas últimas podem transcender as soluções emergenciais, demandando abordagens mais profundas e amplas.

As contribuições deste estudo residem na aplicação da LSF para desvelar as escolhas linguísticas da autora, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das representações sociais em contextos literários. Ao transcender estereótipos e focar aspectos menos explorados das experiências faveladas, esta pesquisa contribui significativamente para o entendimento crítico das representações de pobreza na literatura, abrindo novos horizontes para análises futuras.

iii) Futuras possibilidades de pesquisa com a obra

Ao contemplar as futuras possibilidades de pesquisa relacionadas ao livro "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada", diversas abordagens promissoras se delineiam para aprofundar nossa compreensão das representações de pobreza. Uma via frutífera consistiria na realização de análises comparativas de obras literárias contemporâneas.

Esta abordagem visa investigar como outras obras brasileiras do mesmo período abordam a pobreza, e possibilita a comparação das estratégias narrativas e representações sociais utilizadas. Examinar o diálogo entre diferentes narrativas literárias enriqueceria a compreensão das nuances presentes na representação da pobreza na literatura da época.

Outra perspectiva relevante se direciona para estudos de tradução e adaptação cultural do próprio "Quarto de Despejo". Ao investigar como a obra foi traduzida para diferentes idiomas e adaptada culturalmente, é possível explorar como as representações de pobreza são interpretadas em contextos linguísticos e culturais diversos. Essa análise proporcionaria descobertas sobre como as nuances culturais influenciam a percepção e recepção da obra, de modo a contribuir para uma compreensão mais ampla de como as representações de pobreza são interpretadas.

A exploração de estudos decoloniais em relação à obra "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada" ofereceria uma perspectiva enriquecedora, considerando a influência das dinâmicas coloniais na construção das representações de pobreza e marginalização apresentadas pela autora. Este enfoque analítico permitiria uma investigação crítica das estruturas sociais e discursivas que moldam as experiências vividas por Carolina Maria de Jesus e sua comunidade, contribuindo para uma compreensão mais profunda das implicações sociais e culturais presentes na obra.

Paralelamente, um estudo dedicado ao sistema de Avaliação na escrita de Carolina Maria de Jesus seria igualmente valioso.

Essas futuras investigações não apenas enriqueceriam o campo de estudo em literatura, mas também lançariam luz sobre as complexidades e variações nas representações de pobreza, além de ampliar o entendimento sobre o impacto cultural e social dessa temática.

Ao término desta pesquisa, emerge uma compreensão mais profunda da intrincada interação entre a pobreza física e emocional. O relato do protagonista ilustra vividamente como a escassez de recursos materiais básicos pode desencadear desafios emocionais, manifestando-se em estados intensos de desespero.

O achado mais significativo desta pesquisa destaca a necessidade premente de abordagens abrangentes ao lidar com a pobreza. Além de políticas que visem suprir as

carências materiais, é crucial reconhecer e enfrentar os impactos emocionais profundos que acompanham a escassez. A pobreza física, quando não tratada holisticamente, pode perpetuar ciclos de adversidades emocionais, tornando essencial o desenvolvimento de estratégias que abordem ambas as dimensões.

Diante desse contexto, enfatiza-se a importância de políticas públicas que transcendam a abordagem tradicional, integrando serviços de saúde mental, redes de apoio e iniciativas sociais para oferecer suporte abrangente àqueles que enfrentam privações materiais e emocionais.

A implementação eficaz dessas políticas não apenas busca mitigar as condições de pobreza, mas também promover um ambiente propício ao desenvolvimento humano integral. Este estudo ressalta a necessidade imperativa de uma visão mais ampla e inclusiva ao lidar com a pobreza, reconhecendo que a verdadeira superação dessas adversidades requer uma abordagem que cuide das carências materiais e das dimensões emocionais complexas associadas a esse desafio universal.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. **Os Despossuídos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. Audálio Dantas, o descobridor de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/audalio-dantas-o-descobridor-de-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge**. New York, London, Toronto, Sydney and Auckland: Doubleday, 1966.

Biblioteca digital brasileira. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?page=3&filter%5B%5D=format%3A%22doctoralThesis%22&filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2012+TO+2022%5D%22&join=AND&bool0%5B%5D=AND&lookfor0%5B%5D=Carolina+Maria+de+Jesus&type0%5B%5D=AllFields>. Acesso em 04 de fevereiro de 2023.

Butt, David, Fahey, Ronda, Feez, Susan, Spinks, Sue, & Yallop, Collin. (2000). **Usando Gramática Funcional**. Centro Nacional de Ensino e Pesquisa da Língua Inglesa, Universidade Macquarie.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2006. 9ª ed. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade-1.pdf/view. Acesso em: 17 de Dezembro de 2021.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social** – uma crônica do salário. Petrópolis: Ed.Vozes, 1998.

CODES, Ana. Luiza. Machado. d. **A trajetória do pensamento científico sobre pobreza: em direção a uma visão complexa**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2008.

CÔELHO, Jaqueline; SANTANA, Tiganá. “Quarto de despejo”, a influência de línguas bantu e o preconceito linguístico no Brasil. Disponível em: <https://txonpoesia.org/revista-txon/numero-000/jaqueline-coelho-tigana-santana> . Acesso em: 11 de Janeiro de 2022.

DANTAS, Audálio. Nossa irmã Carolina. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

DELEUZE, G. Mil Platôs. **Capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

EGGINS, Suzanne. (1994). **An introduction to systemic functional grammar**. Printer Publishers.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta; OLIONI, Raymundo da Costa. **A seleção brasileira de futebol a serviço da cerveja**: análise multifuncional de texto na perspectiva da gramática sistêmico-funcional. *Calidoscópio* Vol. 9, n. 3, p. 188-197, set/dez 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica., COSTA, Marcos Antônio & CEZARIO, Maria Moura. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica, OLIVEIRA, Mariangela Rios, MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *In*: SALGUEIRO, Wilberth (Org.). **O testemunho na literatura**: representações de genocídios, ditaduras e outras violências. Vitória: Edufes, 2011. p. 19-29.

GOUVEIA, Carlos. **Texto e gramática**: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, v. 16, n. 24, Rio de Janeiro, jan./jun. 2009, pp. 13-47.

HALLIDAY, Michael. Alexander. Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 3a ed. revisada por C. M. I. M. Matthiessen. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael. Alexander. Kirkwood. Sobre la “arquitectura” del lenguaje humano. *In*: GHIO, E.; NAVARRO, F (Orgs.). **Obras esenciales de MAK Halliday**. 1. ed. Santa Fe: Ediciones UNL, 2017.

HALLIDAY, Michael. Alexander. Kirkwood. MATTHIESSEN, Christian. Matthias. Ingemar. Martin. **Construing experience through meaning**: a language-based approach to cognition. London and New York: Continuum, 1999.

Körner”, Henrike. (2000) **Negotiating Authority**: The Logogenesis of Dialogue in Common Law Judgments. Unpublished doctoral dissertation. Department of Linguists,

MACENA, Fabiana Souza Valadão de Castro. **Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector**: representações do feminino na literatura brasileira contemporânea. 2017.137 f. Tes e (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7967>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

MARTIN, James. Robert; MATTHIESSEN, Christian. Matthias. Ingemar. Martin; PAINTER, Clare. **Deploying Functional Grammar**. Beijing: THE COMERCIAL PRESS, 2010.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1. São Paulo: Boitempo, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe. "O inventário de uma certa poetisa." *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. José Carlos Sebe Meihy (Org.) Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. pp. 7- 36.

Mestrum, Francine. ***Mondialisation et Pauvreté: De l'Utilité de la Pauvreté Dans le Nouvel Ordre Mondial***. Paris: L'Harmattan, 2002.

MOURA. C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, São Paulo, 38: 109-127, 1994.

PAIN, Luciane de Lima. **Ancestralidade e memória nas escrivências de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo**: o elo entre o passado e o presente nas narrativas. 2023, Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS. Acesso em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/29265/TES_PPGLLETRAS_2023_PAIM_LUCIANE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

PENTEADO, Gilmar José. **Ética da vida no limite**: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho, Valor Literário, em Quarto de despejo (diário de uma favelada). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, RS, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188221/001085215.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 25 de abril de 2018.

PEZATTI, Erolilde. Gpreti. **Ordering of representational level adverbial modifiers in spoken brazilian portuguese**. Alfa, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 293-315, 2007.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

PINTO, Luís. Aguiar. Costa. **O negro no Rio de Janeiro**: relações de raças numa sociedade em mudança. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

ROWNTREE, B. S. *Poverty: A study of town life*. [S.l.]: Macmillan, 1902.

SÁ, Janaína da Silva. **Rotas e fuga** - A saga de Carolina Maria de Jesus em uma perspectiva rizomática. 2017. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programas de Pós-Graduação em Letras, RS 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/13580>. Acesso em 25 de abril de 2022.

SALGUEIRO, Wilberth. **O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap)**. Matruga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 31, p. 284-303, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matruga/article/view/22610>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SANTOS, Márcia Pereira. **História e Memória: desafios de uma relação teórica**. Opsi, Catalão, v.7, n° 9, p. 81-97, jul./ dez. 2007.

Santos, Maribeth Paes dos. **Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus: uma proposta didática de leitura e análise crítica para a EJA**/Maribeth Paes dos Santos. - 2018.

SAWAIA, Bader Burihan. Representação e ideologia – o encontro desfeticizador. *In*: SPINKY, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. 3ª reimp.da 1ª ed. de 1993. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 73-84.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma-** A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SEN, Amartya. **Poverty: an ordinal approach to measurement**. *Econometrica: Journal of the Econometric Society*, JSTOR, p. 219–231, 1976

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. *In*: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. pp. 39- 62.

SPINK, Mary-jane.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: abordagem teórico-metodológicas para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, M. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez. p. 41-61.

STUBBS, Michael. (1996) **Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture**. London: Blackwell. 227p. (Language in Society series, v.23).

SIRINO, Tallyssa Izabella Machado Sirino. **Canetas roubadas de Carolinas que r.exist em**. 2019. 128 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do ParanáUNIOESTE, Cascavel, 2019. Disponível em: < <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7967> >. Acesso em 22 de agosto de 2023.

THOMPSON, Geoff. e THETELA, Puleng. (1995). **The sound of one hand clapping: th e management of interaction in written discourse**. *Text*, 15(1):103–127.

TOWNSEND, Peter. Conceptualising Poverty. *In: The International Analysis of Poverty*. London: Harvester Wheatsheaf, 1993. University of Sydney.

Vian Jr, Orlando. (2009). **O sistema de avaliabilidade e os recursos para gradação e m Língua Portuguesa**: questões terminológicas e de instanciação. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada.

VINHAI, Henrique; SOUZA, André. *et al.* **Pobreza relativa ou absoluta?** A linha híbrida de pobreza no Brasil. Encontro Nacional de Economia, Anpec Salvador, v. 34, 2006.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. *In: SCHWARZ, Roberto (Org) Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp. 204-213.

Agência do IBGE Notícias. **Proporção de pessoas em pobreza e extrema pobreza (%)**. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/images/agenciadenoticias/estatisticas_sociais/2022_12/grafico-sis_pobreza-extrema-pobreza_final.png. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

Agência do IBGE Notícias. **Distribuição da população segundo as linhas de pobreza (%)**. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/images/agenciadenoticias/estatisticas_sociais/2022_12/grafico-sis_pobreza-extrema-pobreza_final.png. Acesso em: 20 de setembro de 2023.